

THOMAS CARDOSO BASTOS SANTOS

RISCOS, MAPAS E TRAVESSIAS:

A TRANSARTE E A TRANSPoesIA COMO
POSSIBILIDADES PARA UMA OUTRA EDUCAÇÃO





RISCOS, MAPAS E TRAVESSIAS:
A TRANSARTE E A TRANSPoesIA
COMO POSSIBILIDADES PARA
UMA OUTRA EDUCAÇÃO

Por

Thomas Cardoso
Bastos Santos



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Thomas Cardoso Bastos
Riscos, mapas e travessias [livro eletrônico] /
Thomas Cardoso Bastos Santos. -- Bauru, SP : Editora
Ibero-americana de Educação, 2024.
ePub

Bibliografia.
ISBN 978-65-86839-36-4

1. Educação 2. Epistemologia 3. Pesquisa
4. Transexuais I. Título.

24-239088

CDD-370.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Aspectos sociais 370.19

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Equipe Técnica
Editoração e organização

Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz
Editora Ibero-Americana de Educação
Editor

Alexander Vinicius Leite da Silva
Editora Ibero-Americana de Educação
Editor Adjunto Jr.

Déborah Crivellari
Editora Ibero-Americana de Educação
Editora e Revisora

Ana Carolina Buzzeto
Universidade Federal de Santa Maria
Revisora

Andressa Ciniciato
Editora Ibero-Americana de Educação
Assistente Editorial

Jonathan Teixeira da Silva
Editora Ibero-Americana de Educação
Designer, ilustrador e Diagramador

André Luis Cordeiro
Editora Ibero-Americana de Educação
Designer e Diagramador

Membros do Conselho Editorial

Editor

Dr. José Anderson Santos Cruz
FCLAr/Unesp

Editor Adjunto Jr.

Alexander Vinicius Leite da Silva
Unisagrado

Editores Associados

Arielly Kizzy Cunha
FAAC/Unesp

Carla Gorni
Centro Universitário UBM

Ivan Fortunato
Instituto Federal de São Paulo/Ufscar

Editora de Texto e Revisão

Déborah Crivellari
Unisagrado

Assistente Editorial

Andressa Ciniciato
Unisagrado

Editor Operacional

Flávio Moreira
UFSCar

Comitê científico

Dra. Adriana Campani
UVA

Dr. Alfrâncio Ferreira Dias
UFS

Dra. Ana Paula Santana
UFSC

Me. Anaisa Alves de Moura
INTA - UNINTA

Dr. Ari Raimann
UFG

Dr. Breyner R. Oliveira
UFOP

Me. Caique Fernando da Silva Fistarol
FURB

Dra. Claudia Regina Mosca Giroto
Unesp

Dra. Cyntia Bailer
FURB

Dr. Eládio Sebastián Heredero
UFMS

Dra. Elisabete Cerutti
URI

Dr. Emerson Augusto de Medeiros
UFERSA

Dr. Fabiano Santos
UFMS

Dra. Fátima Elisabeth Denari
UFSCar

Dra. Helen Silveira Jardim de Oliveira
UFRJ

Dra. Iracema Campos Cusati
UPE

Dra. Kellcia Rezende Souza
UFGD

Dra. Leonor Paniago Rocha
UFJ

Dra. Liliene Parreira Tannus Gontijo
UFU

Dra. Máira Darido da Cunha
FABE

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Maia
Vinagre Mocarzel
UCP

Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
UCS

Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
FCLAr (Unesp) – UFSCar



Comitê Científico

Dra. Marta Furlan de Oliveira
UEL

Dra. Marta Silene Ferreira de Barros
UEL

Dra. Mirlene Ferreira Macedo Damázio
UFGD

Dr. Osmar Hélio Araújo
UFPB

Dra. Rosebelly Nunes Marques
Esalq (USP)

Dra. Sandra Pottmeier
UFSC

Dr. Sebastião de Souza Lemes
FCLAr (Unesp)

Dra. Shirlei de Souza Corrêa
Univan

Dr. Washington Cesar Shoite Nozu
UFGD

Comitê Internacional

Dr. Sidclay Bezerra de Souza
Universidad Católica del Maule

Dr. João Carlos Relvão Caetano
Universidade Aberta

Dr. Marc Marie Luc Philippe Jacquinet
Universidade Aberta



Por Escritas Transmasculinas Travessias de corpos e memórias: um prefácio


A vida, tal qual um rio, serpenteia por entre as montanhas das nossas experiências, criando margens que delimitam e, ao mesmo tempo, expandem os nossos percursos. Este livro não é apenas um compilado de ideias e reflexões acadêmicas; ele é uma travessia, uma travessia plural e compartilhada. Escrita a muitas mãos. Aqui, cada palavra é um passo, uma porta, uma janela, desvendando outros mundos possíveis. Cada pensamento é um afluente que desemboca em novos horizontes. Inspirados pelas trilhas de Paul B. Preciado (2020) e suas “Crônicas de Travessia”, seguimos por um caminho que desbrava deslocamentos linguísticos, corporais, artísticos e literários, movidos pela urgência de transformar a imobilidade que, por vezes, nos é imposta, enquanto pessoas trans.

Ao falar em “nós”, evocamos as vozes que vieram antes, existências que abriram as veredas para que a presença de Thomas e de tantas outras transmasculinidades pudessem florescer na universidade. Este livro é também um mosaico de histórias e afetos, onde mãos trans e transmasculinas moldam um espaço de resistência e de re-existências. Na caminhada coletiva encontramos possibilidades de refundar nossos sonhos. A universidade, por vezes, parece um deserto de ausências, mas é no vazio que plantamos nossas sementes de esperança. E, assim, florescemos de mãos dadas.

A travessia que se desenha nas páginas a seguir começa com a solidude de um tempo pandêmico, onde a respiração, elemento vital, tornava-se o bem mais precioso. Em meio a hospitais e EPIs, emerge o desejo de transformar não apenas a vida, mas os espaços que habitamos. O anseio por respirar novos ares encontrou na universidade um novo fôlego, uma possibilidade de alinhar a existência àquele sonho antigo de ser professor. Um sonho cultivado nas tardes despreocupadas da infância, quando as paredes da escola acolhiam as fantasias de um menino trans, que, correndo pelos corredores, já vislumbrava futuros que agora se concretizam.

Esta obra é uma denúncia às ausências, uma resposta à invisibilidade. Onde estão os professores transmasculinos? Onde estão as referências transmasculinas nos textos acadêmicos? Esses questionamentos, que ressoam como ecos em uma sala vazia, são, na verdade, convites à ação. A **TRANS-**forma**AÇÃO**. Não basta reconhecer a ausência; é preciso preencher o vazio com a presença vibrante de corpos e vozes transmasculinas que desafiam os silêncios. Ao longo desta travessia, encontrarás reflexões que emergem da inquietação, do incômodo, do desejo de mudar o curso do rio. **IMERSÃO!**

Assim como bell hooks nos ensinou que somos sujeitos de nossas próprias histórias, esta escrita emerge como um ato político de reivindicação do poder



de nomear e reinventar o mundo. Não nos contentamos mais com o lugar da “outridade”, esse lugar de margem que nos foi atribuído por um **CIS**tema que insiste em nos silenciar. Este livro é uma **INSURGÊNCIA**. É a materialização de alianças e afetos, uma escrita que traz a tona a pluralidade das vivências transmasculinas e que se recusa a ser apagada.

Cada página é uma construção coletiva, tecida com as vozes e as experiências de transmaculindades que, como Thomas, ousaram sonhar e lutar por espaços de pertencimento. Aqui, a arte, a poesia, a literatura, e a vida cotidiana se encontram para formar um tecido resistente, um quilombo de saberes e curas.

Nesse mergulho, onde cada passo revela a força das histórias que nos antecedem, vejo surgir o brilho das produções que constroem nossa identidade coletiva transmasculina. Seguimos as trilhas abertas por Alexandre Peixe, Guilherme Almeida, Leonardo Peçanha, Jordhan Lessa, e tantos outros, que assim como eu, se movimentaram e se movimentam não apenas para encontrar respostas, mas para criar novas perguntas, novas formas de existir, de resistir, e de transformar os espaços cotidianos.

Vidas transmasculinas entrelaçadas aos caminhos ancestrais, seguirão abrindo espaço para as narrativas plurais de tantos corpos que desejam existir. Em trans-partos revelam-se as feridas e as potências de corpos em transformação, nos convidando a reimaginar o amor enquanto ferramenta potente de revolução. Se entrelacem com as memórias de Anderson Herzer, Lourival Bezerra, João Nery, ambos pulsando em uma jornada de descobertas e resistências, de encontros e abraços, emoldurando as lutas que nos sustentam. Nos apresentando outros horizontes do sentir, oferecendo-nos refúgios de afeto e resistências. As poéticas em Trânsito de Tito Carvalhal, Esteban Rodriguez, nos lembram que somos múltiplos, Pluriversais e em cada traço de Lino Arruda, Fernando Lins, Geric Saul, João Apuã, pintamos nossos futuros possíveis, inscrevendo nossas existências em cada verso, em cada imagem em cada coração.

Portanto, pessoas leitoras, preparem-se para atravessar. Este não é um percurso fácil, nem linear, mas é, sem dúvida, necessário, urgente. Que as palavras aqui reunidas sirvam como companheiras de jornada, ajudando-as a navegar por entre os rios das existências transmasculinas, sempre em busca de novos caminhos, de novas paisagens, de novas formas de ser e estar no mundo. Que esta travessia seja também a tua. Um compromisso coletivo que fará daqui pra frente para que a TRANS-formação que estamos propondo aqui se materialize. Boa leitura querides!

Abraços do amigo e irmão de luta
Bruno Santana.



Sumário

- 11 Introdução
- 30 Sol no peito: negociações para construção de si
- 56 “Um pouco de montão de gente”:
insurgências transmasculinas negras
- 70 “Mataram João ninguém”:
escrevivências das
transmasculinidades
- 99 Mapas de pesquisas
- 109 Referências



Risco Madona Transvestigenera, Ollie Barbieri

Fonte: Revista Transviades

Eis um corpo, o que é ninguém sabe. Por onde passa, avalanche e todos dizem amém.

Risco Ollie Barbieri



INTRODUÇÃO


A vida é repleta de travessias e aqui nesta dissertação, a partir deste ponto, vamos construir deslocamentos. Inspirados nas trilhas de Paul B. Preciado (2020), narradas em *“Crônicas de Travessia”*, montaremos deslocamentos linguísticos, corporais, artísticos e literários. E, quando falo de nós, quero dizer que por esse caminho não vou sozinho: esse trabalho é arranjado por mim, porém sua composição é de muitas mãos, homens Trans*¹ e pessoas Transmasculinas que me antecederam e permitiram que a minha existência chegasse até a universidade. Então, a começar de agora, vou apresentar as trajetórias que primeiro compõem a minha vida e que se desdobram no meu fazer acadêmico e político.

Meu ingresso no mestrado foi realizado em agosto de 2021: o cenário é de pandemia. Eu estava atuando em uma empresa terceirizada como técnico em segurança do trabalho pelo Estado de Sergipe, em 11 hospitais, na capital e nos interiores. Era uma época em que eu vivia e quase não respirava literalmente, fosse tentando conseguir respiradores, máscaras, protetores, Equipamentos de Proteção Individual – EPIs – para os profissionais de saúde, fosse viajando, entrando e saindo de hospitais para ministrar treinamentos e entregar os EPIs. Foram tempos muito difíceis em minha vida. Vi muito sofrimento, muita gente partindo, lutando para manter outras pessoas vivas. Fiquei sozinho, isolado da minha família. Não via ninguém. Foi assim durante 2020 e boa parte de 2021. Eu estava cansado e começando meus processos de hormonização. Precisava sair daquela função e procurar algo que me trouxesse ânimo e me colocasse de novo na trilha que eu sempre quis para mim.

Mestrado e doutorado sempre foram parte disso. Sempre sonhei em estar na universidade, em ser professor. Na minha infância, passava boa parte do meu tempo na escola, pois meu pai era porteiro em uma escola privada tradicional de Alagoinhas, na Bahia; e meus tios eram professores dessa mesma escola. Assim, aproveitei a minha infância lá, tanto durante o período letivo quanto nas férias, momento em que a escola se tornava um grande parque de diversões entre livros abandonados, brinquedos esquecidos e nos corredores imensos, onde eu e minha irmã podíamos correr sem sermos disciplinados. E foi sempre assim. Eu fazia parte daquele lugar e ali sempre fez parte de mim.

Contudo, voltemos a 2021. Antes de as aulas iniciarem, tivemos uma reunião *online* com todas as pessoas que compõem a orientação e o grupo de pesquisa *ConQueer* - Grupo de estudos e pesquisas *queer* e outras epistemologias feministas, liderado por Alfrancio. Esse momento foi importante por ter sido a primeira vez em que encontrei pessoas que foram e ainda são muito importantes na minha vida acadêmica e pessoal: Dayanna, Késia, André, Ivanderson e Juliano.

1 A palavra grafada Trans* juntamente com um asterisco curinga, como um indicativo das muitas identidades possíveis (Dias, 2020).



Entrei cheio de expectativas e animado com as novas possibilidades de pesquisa, de leituras e, também, para conhecer as discussões que pareciam estar distantes da minha realidade. *Gênero e Educação, Fundamentos da Educação I, Metodologia de Pesquisa em Educação, Tópicos de Estudos II: produzindo pesquisa feminista, Seminário de Pesquisa I e Corpo e Educação* foram todas as disciplinas que fiz e aconteceram remotamente.


Com o desenrolar das aulas, minha ansiedade pelas novas vivências foi diminuindo e o medo de ser visto como a figura Trans* na pós-graduação também foi amenizado, porque eu encontrei, na Dayanna, apoio desde os primeiros contatos. Não só porque ela é uma pessoa Trans* – isso foi muito importante inclusive –, mas porque recebi afeto, que me fortaleceu e se ampliou quando nos aproximamos de Matheus.

As aulas *online* trazem a sensação de distância, mas fui me acostumando às janelas fechadas. Que mundos estariam escondidos por trás de cada uma delas? Por trás da minha, na maioria das vezes fechada também, havia um rapaz meio inseguro. Mas as aulas foram proveitosas. Algumas, em especial, foram bastante significativas para meu crescimento e para o amadurecimento da minha pesquisa. No entanto, do lado de cá da minha janela, algumas inquietações foram surgindo no decorrer das aulas: onde estão as referências Transmasculinas nos planos de ensino das aulas? A partir daí, inquietado por questões que a Dayanna foi trazendo durante nossas conversas nos bastidores das aulas, outras perguntas foram me incomodando ainda mais: onde estão os professores Transmasculinos? Onde estão os outros homens Trans* na universidade? Ausência. Silêncio.

Tudo isso não é novidade, e foi bem importante o processo de me inquietar com essas questões que são de senso comum e que, para além de não serem trazidas nas aulas, nas referências, nos grupos de WhatsApp das disciplinas, não causam incômodo. Parafraseando as palavras de Jota Mombaça (2021): *não vão nos silenciar agora, apesar de que já nos silenciam*. Esse foi um dos determinantes para os rumos que essa pesquisa tomou.

Algumas metodologias nas aulas pediam que a gente apresentasse nossos projetos de pesquisa, o meu projeto mudou algumas vezes até chegar em um objetivo que eu queria, que é pensar sobre os sentidos das trajetórias das Transmasculinidades na Universidade Federal de Sergipe. Comecei a desenvolver meu trabalho a partir dessa ideia, porém meu primeiro obstáculo foi encontrar as referências. Nas aulas, as disciplinas sequer apresentavam textos de pessoas Transmasculinas ou alguma mínima dimensão dessas discussões. A única pesquisa que se aproximava da minha e que, de certa maneira, dialogava com aquilo que eu estava propondo era a da Dayanna. Começamos, então, a discutir e ela foi me oferecendo pistas; dividiu comigo trabalhos e autores Transmasculinos que ela conhecia.

Não é pensando em que as disciplinas precisariam dialogar/responder ao trabalho que estou desenvolvendo quando eu trago essa inquietação da au-



sência de produções Transmasculinas, mas para demonstrar como há invisibilidade material de autores/obras Transmasculinos que possuam contribuições valiosas e sequer são mencionados. Novamente, é importante pensar sobre essas ausências em todas as esferas: professores, alunos e servidores Transmasculinos, epistemologias *etc.*

Já que não encontrei as pistas na universidade, fui para outro lugar em busca delas. Por meio das indicações da Dayanna e, em um primeiro momento, das referências que eu tinha, conversei com outros meninos Trans*, contatando as pessoas que eu conhecia de movimentos sociais organizados de homens Trans* e as pessoas Transmasculinas no Instagram e no WhatsApp.


Minhas primeiras referências foram João W. Nery, Bruno Santana, Jordhan Lessa, Guilherme Almeida, Paul Preciado, Tito Carvalhal, Francisco Sena, Daniel Lima, figuras que não só alimentaram minha sede de evidenciar o movimento de encontrar a produção das Transmasculinidades como me encorajaram a continuar me fortalecendo dentro da universidade. Enfim, voltemos às minhas trajetórias: busquei, no Instagram, minhas rotas de fuga; comecei pelos citados acima; fui para a dissertação do Tito; os artigos, livro e as conversas com Bruno Santana me ajudaram muito. Por estarmos em meio à pandemia da Covid-19, muita coisa acontecia de forma virtual. Nesse ambiente, assisti a um evento promovido pela TV UFSJ, no Youtube, de um bate-papo sobre “insurgências poéticas transmasculinas²”, cuja ideia era discutir como as corporalidades Transmasculinas aparecem representadas na literatura através das produções poéticas de João Maria Kaisen (Jomaka), Esteban Rodrigues e Bruno Santana. Eu fiquei louco! Consegui livros do Esteban e do Jomaka, e consegui conversar com este último.

Criei redes: cada menino Trans* com quem eu conversava ou cuja página do Instagram visitava, me introduzia a novas pessoas. Tive encontros com universos distintos, pois cada página a que acedia era um universo novo. Mergulhei de cabeça e fui encontrando, na arte e na poesia daqueles meninos, não só respostas para minha pesquisa, mas também refrigério para meus dias entre meus pares. Essas descobertas não aconteceram de modo linear nem exatamente da forma como apresentarei, mas vou apresentá-los aqui diante da importância para a construção deste trabalho, para meus vínculos pessoais e por toda potência que carregam.

Artes Visuais – Saul (@saulf_k), Fernando Lins (@fefalins), Rafael Carmo (@trans.artes) Dante (@sayt4n), Lino Arruda (@monstrans_hq), O Kaus (@kaus.total) Lune (@lunecornio), Cristian Miranda (@cristianmird), Bernardo (@berguterres.art), Ollie Barbieri (@olliebarbieri).

Poetas - Kuma França (@poetadasquebradas), zeca carú de Paula (@carudpaula), All Ice, compositor, Mc, cantor (@all.iceee), Bruno Santana (@bruno.santana27), Tito Carvalhal (@tito_carvalhal), Lucas Rodolfo Corrêa (@_rolfis),

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJO2hoqzwDI&t=2049s>.



Jupi77er, escritor, MC (@jupi77er), Caio (@caio.transpoesia), Kairos de Castro (@kaosdekairos), Seu Vérciah, cantor, compositor (@seuverciah).

Artistas - Tiely, artista (@tielyoficial), Frederico Ballardin, produtor de audiovisual, (@fotosdofederico.jpg), Nick Cruz, compositor, cantor (@nickcruz), Gabriel Lodi, dublador, ator (@gabriel_lodi), Joseph Rodrigues, compositor, produtor musical (josephrodriguedzjoficial), Mascucetas, banda (@mascucetas). A divulgação desses trabalhos nas redes sociais permite a democratização desses movimentos artísticos, literários e políticos das Transmasculinidades. Essa é uma ferramenta que possibilita não só o acesso, mas também facilita a circulação e seu compartilhamento.


De acordo com bell hooks (1989), sujeitos são aqueles que podem nomear suas histórias, estabelecer suas identidades e definir suas realidades. Por isso, essa pesquisa intitulada *Riscos, mapas e travessias: a Transarte e Transpoesia como possibilidade para uma outra educação* manifesta-se, primeiramente, enquanto uma escrita política – pois sou um homem Trans* que busca, por meio das redes de aliança e afeto, partilhar uma escrita com/sobre outras Transmasculinidades. Em destaque, aqui não assumiremos um lugar de “outridade”, e, sim, uma posição de (re)invenção; tal como Kilomba (2019, p. 29), aqui nós somos sujeitos de *nossas* histórias. Aqui falaremos “sobre a nossa própria realidade, a partir de nossa perspectiva que tem, como último verso do poema, sido *calada por muito tempo*”. Em segundo lugar, esta pesquisa surge como maneira de questionar os códigos vigentes, contestar possibilidades outras de (re)existir no mundo enquanto pessoas Transmasculinas, construir memórias, alianças e afetividades para vislumbrar futuros possíveis. A fim de que esta não seja uma história contada por uma minúscula minoria, é urgente repensar e mobilizar os espaços de educação a partir do questionamento: como a produção artística das Transmasculinidades pode contribuir para a construção de outros espaços educativos? Para tanto, apresentarei os objetivos para esta pesquisa:

Objetivo geral: Compreender como a produção das escritivências das Transmasculinidades pode contribuir para o campo das educações.

Objetivos específicos: a- Refletir sobre as potencialidades da Transarte e Transpoesia das Transmasculinidades na composição de modos outros de existência para além da universalização das experiências Transmasculinas; b- Identificar quais as pistas das mobilizações da Transarte e Transpoesia das Transmasculinidades para pensar outros modos do fazer currículo; c- Refletir sobre as escritivências Transmasculinas enquanto práticas educativas.

Caminhos metodológicos

Escrever não é uma missão muito fácil para mim. Tenho dias bons nos quais parece que tudo ganha um caminho, e tenho dias em que desacredi-




to em todos os movimentos de escrita que produzo. Eu tenho Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), diagnosticado desde meus quinze anos e, por isso, fico ansioso por muitas coisas que faço na minha vida, sendo a escrita uma delas: a ansiedade ataca fortemente! Fico ansioso para desenvolver com precisão aquilo a que me proponho. É difícil fazer com que a escrita ganhe ritmo, coerência, sentido. Sei que é um exercício diário e essa chave só virou para mim durante a disciplina *Tópicos de Estudos II: produzindo pesquisa feminista*, ministrada por Alfrancio. Após a leitura do texto, sugerido por ele na aula, os alunos de doutorado refletiram sobre seus processos de escrita e contaram suas experiências desse trajeto. A partir de então, comecei a fazer o mesmo exercício de escrita, e isso consequentemente me ajudou muito a ter menos medo das coisas que escrevo.

Esse movimento ganhou um novo sentido quando eu li o texto da Anzaldúa (2000): “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.” A autora escreve uma carta contando sobre seus processos de escrita, suas angústias, seus “obstáculos” e as inquietações trazidas por ela de alguma forma também me atravessaram. Ela, mulher, mulher de cor, lésbica, pensando sobre não pertencermos, muitas vezes, a este mundo da escrita, da produção de conhecimento, afinal “quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim?” (Anzaldúa, 2000, p. 229). As fragilidades da minha escrita somada à sensação de que esse mundo acadêmico não me cabe, afinal o conhecimento produzido na universidade não diz nada sobre mim e aquilo que os meus produzem nem se que é validado.

Da mesma maneira que Anzaldúa (2000) se inquieta na carta, pactuo de um desconforto, talvez algo parecido, sobre a improbabilidade de meus pares estarem ocupando os cargos de formadores da ciência, os postos mais altos da literatura. Parafraseando a autora, nós, pessoas Transmasculinas, somos invisíveis ao mundo dominante dos homens cisgêneros brancos. Não somos só invisíveis: a verdade é que nem existimos, pois, toda nossa mobilização e produção sequer é ouvida, mostrada.

Ao passo que me inquieto junto a Anzaldúa (2000), ela também pega minha mão e me ajuda a ganhar um fôlego novo para continuar escrevendo. Mesmo diante das minhas linhas desajustadas, suas palavras e sua escrita anunciam a mim boas novas “Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. [...]. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você (Anzaldúa, 2000, p. 232). Não deixarei assim tão facilmente o silêncio sobre as existências Transmasculinas nos espaços de educação ecoarem. Vou escrever. Não vai passar sem questionamento esse conhecimento



que exclui nossas existências. Mesmo diante das inseguranças, das fragilidades, este texto vai seguir.

Esta escrita é fruto também de minhas experimentações. Como disse anteriormente, à medida que me desloco em busca da produção epistemológica das Transmasculinidades, encontro um movimento muito colorido da arte (música, ilustração, pinturas, poesia, contos, entre outros) e dos textos acadêmicos.


Se vamos enfrentar o campo teórico sobre construção de outros modos de composição de conhecimento e educação, que fogem/rompem/interrompem um campo de uma produção hegemônica, binária, cisgênera, heterossexual, branca e colonial. O que tomaremos como campo do conhecimento, apoia-se no pensamento trazido por Rocha (2023) em sua tese de doutorado, *Manifesta por uma educação sem juízo*, neste estudo a autora nos convida a pensar a arte e a educação como possibilidades de rupturas críticas aos padrões coloniais e hegemônicos.

Inspirado nesse movimento de mexer com as normas de conhecimento, proposto por uma pensadora, sapatã, negra, da perifa de Paraguaçu, que também ganho um fôlego para entender como os movimentos artísticos e literários podem também compor a produção de uma epistemologia. Rocha (2023) nos incentiva a olhar de outras maneiras: para arranjo do texto, para composição de metodologias, para pensar a ideia de educação a partir de um movimento coletivo de (des)aprendizagem. É PRECISO (Des)aprender.

(Re)aprender. (Re)fazer. Foi esse movimento que fiz a partir da leitura de Rocha (2023), refiz as rotas de fuga de escrita e composição do texto, e como a autora propõe em sua tese, fiz também minha malinha de mão. Trouxe comigo os encontros/alianças com as escrituradas Transmasculinas, minhas experiências, atravessamentos e um monte de outras coisas que não organizei dentro da mala. O que eu estou querendo dizer também, é que o encontro com o texto da Rocha (2023) me trouxe (des)caminhos para compor a construção dessa dissertação, fazer ciência com arte e com imaginação. A imaginação de outros mundos possíveis (Rocha, 2023).

Aqui, mobilizaremos duas categorias: as produções artísticas de forma geral chamaremos de Transarte; e a produção poética, em especial, chamaremos de Transpoesia. Não sou pioneiro nessas terminologias, pois, elas já circulam nas redes sociais e *hashtags*. Reconheço as Transartes como criações produzidas por pessoas Trans*, e a Transpoesia como a expressão poética dessas experiências. Meu foco será nas artes e poesias criadas por pessoas Transmasculinas.

Assim, podemos ver a Transarte e a Transpoesia, não como conceitos, fechados e fixos, mas como práticas críticas que, ao se realizarem, criam novos sentidos e funcionam como microações de resistência. Essas não são apenas desenhos ou palavras escritas: as artes e poesias Trans* são movimentos que, em si mesmos, desafiam as convenções do fazer artístico e literário. Afinal, quem está autorizado(a) a produzir arte?




A Transarte e a Transpoesia desafiam a lógica cis-heteronormativa, reconfigurando as práticas hegemônicas no campo da arte e da literatura, ao mesmo tempo, em que questionam seus limites. Essas produções, que emergem especialmente nas mídias digitais, se distanciam dos modos tradicionais de distribuição e exposição, abrindo novos caminhos para a expressão.

A Transarte é *viva*, *pulsante* e *latente*, evidenciando gestos que, muitas vezes, se revelam nos rastros e na criação do próprio corpo. A partir da experiência da Transgeneridade, viver em um corpo Trans* é transformá-lo em arte. A arte sempre foi uma das formas mais antigas de contar histórias e, de alguma maneira, de perceber o que o artista deseja comunicar. A Transarte narra histórias em nome próprio, mas também evoca um endereçamento coletivo, carregando memórias, resistências e narrativas que representam a pluralidade das existências Trans*.

Assim, como a Transarte, a Transpoesia é viva. Trata-se de uma escrita que se movimenta para evocar, em níveis mais profundos, aquilo que a experiência verbal talvez não consiga alcançar; ao mesmo tempo, é uma escrita que nos toca profundamente, atingindo o que é material na vida das pessoas Trans*. A poética Trans* traz experiências, amor, vida, como toda outra produção poética, mas com especificidades: a Transpoesia reposiciona nossos olhares para as vivências Trans*, amplificando nossos sentidos. Quando essa escrita é verbalizada, um contramovimento é gerado, uma TRANSgressão que ecoa pela poesia e pela voz. A poesia coloca o/a poeta em risco, e a voz que a traduz também se (a)rrisca, pois, compartilha o que há de mais profundo e real em nós. A Transpoesia, portanto, nos permite ver a expressão do olhar Trans com um novo enfoque, político e representativo, por meio da arte.

Ao longo deste texto, convoquei Transartistas e Transpoetas para compor a narrativa. Dialoguei, inicialmente, com o que me toca ou me inquieta, e assim encontrei os caminhos, ou talvez os caminhos tenham me encontrado. Dessa forma, a Transarte e a Transpoesia não são meras ilustrações; juntas, elas constroem cada movimento deste livro, sendo manifestações de resistência, marcas e riscos que significam nossos deslocamentos, nossos modos de (re)existir neste mundo e de construir conhecimento.

Explorei também cursos *online*. O primeiro foi sobre autobiografias Trans, oferecido por Caio Jade Possuo, homem trans, professor e pesquisador. Esse curso foi um divisor de águas, abrindo meus horizontes e revelando muitas escrevivências que apresento aqui. Participei do curso “Transviades”, que discutiu diversas questões sobre Transmasculinidades interseccionadas com saúde, raça, educação, entre outras temáticas. Enquanto me aprofundava nesses cursos e nas leituras associadas, acompanhei as discussões teóricas desses autores e assisti à defesa da dissertação de Caio de Souza Tedesco, homem trans, historiador, professor e pesquisador. Nessa ocasião, conheci Juno Nedel, mestre em História, que me apresentou sua pesquisa sobre o corpo en-



quanto arquivo. Esses foram apenas alguns dos muitos encontros que tive. A cada descoberta, registrei em meus cadernos obras, artigos, contos, HQs, um verdadeiro amontoado de tesouros.

Ao longo do texto, operaremos juntos as metodologias pós-estruturalista, *queer* e Transfeminista. A primeira metodologia busca contestar as teorizações que estabelecem verdades universais e acabam por instituir processos de hierarquização social e cultural. Tais processos (re)produzem corpos, posições de sujeitos e identidades (Meyer, 2014, p. 52).


Esta pesquisa também se fundamenta nos estudos *queer* porque este pressuposto propõe uma análise dos modos produtores da normalidade e da naturalidade de alguns sujeitos por meio da patologia e da monstruosidade de outros. São especificidades de uma análise *queer*: "a) crítica ao modelo sexual binário, seja ele biológico ou sociológico/cultural; b) fim das classificações em identidades sexuais, princípio que a fundamenta; c) combate à heteronormatividade; e d) desnaturalização do sexo" (Souza; Carrieri, 2010, p. 63).

O Transfeminismo é uma perspectiva epistemológica e política, que, a partir das problematizações feitas às categorias gênero e sexo, constrói, dentro do feminismo, relações teóricas com conceitos tais como: cisgeneridade, cissexismo, epistemologicamente com condições para o reconhecimento das Transvestigeneridades (Nascimento, 2021), assim como diversas formas de Transmasculinidades.

Diante das experimentações com Transartes e Transpoesias, tenho pensado em como este fazer artístico, poético caminha pelos trilhos da escrevivência de Evaristo, em 2017. Aqui, proponho uma escrita de alianças, diálogos, abocamentos, confabulações, conjuntos e a possibilidade de uma autoria coletiva. Assim, ao longo do texto, utilizarei o pronome "nós" para me referir às Transmasculinidades das quais faço parte e, em outros momentos, adotarei a primeira pessoa do singular para uma perspectiva individual.

O que pode a literatura? Conceição Evaristo (2017), mulher negra, escritora nos convida a pensar em como suas estórias memorialísticas (re)montam uma profundidade de saberes e vivências de uma herança negra. Na visão de Conceição Evaristo, a escrita e a vivência são inseparáveis. Em suas obras "Becos da memória" e "Ponciá Vicêncio", Evaristo evidencia o método da escrevivência "*[...] com relatos memorialísticos que reatualizam o passado, tecem o presente e organizam o futuro. Escrevivência poderá, assim, suportar um modelo de escrita sobre histórias silenciadas, negadas, vilipendiadas*" (Borges, 2020, p. 189).

Para além, quando Evaristo escreve suas prosas poéticas sobre os seus universos, os atravessamentos que as relações de opressão, racismos, e todas as concretudes de um processo escravocrata colonial que ecoou/ecoa em sua vida, na de seus personagens num país onde as desigualdades é a regra, especialmente para pessoas negras. Não é à toa que encontramos os escritos de Evaristo na encruzilhada, para um encontro com a memória de si, de sua ancestralidade e de uma experiência coletiva.



Aqui, gostaria de pedir licença para toda essa trajetória de uma escrita política e de resistência, de uma mulher negra que atravessou inúmeros obstáculos e barreiras para ter suas escrevivências reconhecidas. Gostaria de aproximar a escrevivência construída por Evaristo, nessa perspectiva, que evidencia a memórias e manifesta um ‘eu’ coletivo, por meio de experiências que remontam histórias de um “nós” compartilhado, das produções da Transarte, Transpoesia e por consequência da proposta de *escritas transmasculinas*. Soares e Machado (2017, p. 206) descrevem a escrevivência como:

Contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas.


Considerar que as manifestações de *escritas transmasculinas* se aproximam das escrevivências que Evaristo propôs, é também entender que são manifestações que carregam consigo a reivindicação, a disputa por um espaço que também nós foi/é negado por muito tempo, o espaço da produção da arte, poesia, da produção acadêmica, da produção de saberes de uma forma geral. Contar de nossas experiências e vivências é romper com as inúmeras lógicas de silenciamento de nossas memórias. A escrevivência é essa arma, que dispara e atinge as estruturas coloniais, brancas, racistas, sexistas, e as escrevivências Transmasculinas também disparam contra o sistema, cisgênero, patologizador, transfóbico que como fruto também anunciam as boas novas de resistência através das artes e das escritas que (re)posicionam nossas existências.

Conceição Evaristo (2007), ao refletir sobre escrevivência, avisa-nos que *“a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e, sim, para incomodá-los em seus sonos injustos”*. Pensando nisso, a mobilização de Transarte e de uma Transpoesia trata-se de posicionar a reparação epistemológica Transmasculina para o centro do debate, reivindicá-lo como a produção de um saber outro.

A essência do pensamento de Evaristo (2017), nos saberes das mulheres negras e na interseção com conhecimentos ligados à oralidade, memória e trajetórias das classes populares, é crucial ressaltar o compromisso dessa escrita e ressaltar o compromisso das nossas escritas, elas são de diversas cores, sentimentos, territórios, conquistas. São curvas, linhas e riscos que disputam maneiras outras de ser e estar no mundo.

Riscando o caminho

Em seus escritos, Paul Preciado (2020) descreve suas experiências de travessias, mais precisamente suas travessias de fronteiras, vivendo um processo



de desidentificação com o gênero estabelecido a si ao nascer. Ao vivenciar essas experimentações, o autor constrói uma analogia do processo de transição de gênero e do processo de travessia de fronteira, relatando que, assim “[...] como o gênero, a nação não existe fora das práticas coletivas que a imaginam e a constroem” (Preciado, 2020, p. 145). Então preannuncia uma batalha de desobediências: “[...] riscando o mapa, apagando o nome para propor outros mapas, outros nomes que evidenciem sua condição de ficção pactuada. Ficções que nos permitam fabricar a liberdade” (Preciado, 2020, p. 145).


Sendo assim, essa pesquisa se posiciona a partir de uma série de riscos e marcas no sentido de rasurar, romper, borrar, de traçar uma linha, tal como fazemos quando erramos em alguma coisa que estamos escrevendo e para a qual não temos a borracha. Aqui, os riscos e rasuras são vivos. São os contramovimentos daqueles que, como escreveu Grada Kilomba (2019), não são o objeto, mas o sujeito. Os mesmos sujeitos que enfrentam todos os dias os *cistemas*. De acordo com Vergueiro (2015, p. 225), a palavra *cistema*, é uma ‘corruptela’ de ‘sistema’, com intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominantes – enfrentam a ~~falta de respeito a sua identidade, a negação de usar o banheiro conforme seu gênero~~ na escola, na rua, na universidade; sujeitos que têm ~~seus nomes sociais negados~~ pela professora e ~~ridicularizados na sala de aula~~, que precisam enfrentar a rua e ~~o medo da violência~~.

Esses riscos também (a)riscam, ou seja, correm riscos, pois, se voltam contra a língua e a gramática daqueles/daquelas que os nomeiam para negá-los. Mesmo diante da realidade material, os riscos são práticas de movimento e contramovimento que colocam em xeque os mapas e as fronteiras de gênero e sexualidades, a medicina e a ciência, os documentos e as leis, a educação e suas epistemologias. É um risco sobre riscos.

No decorrer desta introdução traremos três riscos. Preciso dizer, inicialmente, que esses riscos me atravessaram – e me afetam muito –, pois não se trata de escolhas aleatórias já que esses riscos significam, de maneiras diferentes, um pouco do enfrentamento diário, das lutas e das resistências de homens Trans* e de pessoas Transmasculinas. Em segundo lugar, os três riscos servirão de enunciados para as escrituras mobilizadas nos capítulos desta dissertação.

Primeiro risco: “Como Lourival, que era mulher, pôde se passar por homem por tanto tempo?”

Domingo, 3 de fevereiro de 2019, o anúncio da reportagem de um programa televisivo do Fantástico na TV, no canal da Globo, intitulada “O segredo de Lourival”. Os apresentadores introduzem a matéria – com duração de 7 minutos e 50 segundos –, contando que Lourival escondeu um segredo da própria família com quem dividiu a vida por mais de 40 anos e, com sua morte, veio o “choque da



descoberta”: seu corpo não poderia ser enterrado (Machado; Dias, 2021, p. 57).

Sexta-feira, 5 de outubro de 2018, Lourival Bezerra de Sá, 78 anos, tem um infarto fulminante em casa. Seu corpo foi encaminhado ao serviço de verificação de óbito. No decorrer da reportagem: ‘E, então, a surpresa!’. Na sequência, duas fontes peritas são mobilizadas a contar o ocorrido: “O corpo chegou lá com divergência de gênero”; o médico legista aponta: “Uma pessoa era identificada como sexo masculino, mas no atendimento médico já foi constatado que era uma pessoa do sexo feminino. Nunca tive nenhum caso parecido” (Machado; Dias, 2021, p. 57).

A reportagem narra uma parte da trajetória de Lourival e seu relacionamento com Maria Olina. Durante certo tempo juntos, registraram 4 filhos e mudaram de Goiás para São Paulo e, após a separação, ele foi sozinho para Cuiabá. No decorrer da entrevista, a delegada explica que, em Cuiabá, Lourival conheceu sua “cuidadora” e, de lá, foram morar na cidade de Campo Grande. A delegada presume que tinham um tipo de acordo de convivência e juntos criariam os filhos. E, assim, se entendeu por quase 40 anos.


A notícia, então, levanta o seguinte questionamento: como Lourival, que, na verdade, era mulher, pôde se passar por homem durante tanto tempo?

Os depoimentos de uma vizinha, amigos e filhos de Lourival aparecem para explicar como não sabiam que Lourival era um homem Trans*³. A cuidadora revelou que ele não deixava que nele dessem banho até o dia em que precisou e, então, encontrou uma faixa amarrada nos seios dele. Em seguida, a fala do médico confirma o comentário pelo que encontraram lesões na pele, na região das mamas. Ainda, segundo a reportagem, apenas no CPF constava o nome Lourival. Os demais documentos ele alegava ter perdido (Antunes, 2019).

Em nenhum momento a matéria do referido programa de TV refere-se a Lourival como homem Trans*, pessoa Transmasculina ou utiliza dos pronomes no masculino; transfobia, a ~~exotificação~~ da vida de Lourival, é o verdadeiro show da vida de violências. Em meio a essa discussão, um fato importante a ser destacado é que o Supremo Tribunal Federal (STF) só passou a reconhecer a retificação do registro civil sem necessidade de avaliação psicológica ou processo judicial em março de 2018.

Lourival Bezerra de Sá viveu sua identidade masculina por mais de 40 anos, transicionou sem sequer ter acompanhamento adequado, em uma época em que as identidades Trans* não tinham visibilidade política e coletiva ou informações. Na matéria, teve sua identidade de gênero desrespeitada, ~~deslegitimada~~ por parte da mídia. Tudo foi construído para espetacularizar sua vida de forma desumana, criando uma visão de que era um ~~enganador~~ por não com-

3 A palavra Trans* empregada com asterisco é uma proposta que tem sido usada por estudiosos/as de saberes trans*, cujo objetivo é integrar uma pluralidade de corpos e identidades. O asterisco atua como uma espécie de elemento multiplicador (Iazzetti, 2021).




partilhar a familiares e amigos sua transição de gênero. Seu corpo passou 158 dias no Instituto de Medicina e Odontologia Legal (IMOL), em Campo Grande, por divergência de gênero e falta de documentação.

Memorar Lourival é importante para que essa história não seja mais contada dessa forma; para que não sejamos mais descritos, classificados, desumanizados, primitivizados, brutalizados e mortos; para que nossas existências deixem de ocupar o lugar de outridade, onde *cistematicamente* nossas vidas são desqualificadas (Kilomba, 2019).

Segundo risco: **Trans-parto**

TRANS-PARTO


Me pari.
Me reinventei.
Rompi o cordão umbilical (cis)hetero-terrorista
Que me acorrentava Me afastando de mim.
Fui meu próprio parteiro, comi a placenta,
Cospí,
Arrotei pra seguir.
Pari a mim mesmo,
Construindo a face
Que sempre desejei,
Sou ciborgue.
O corpo feito
De retalhos,
De ti, de mim
De (nós)...
Sou eu.
Um pouco
De um montão
De gente
Que já não
Podem ser
Sou bicho
Desnudo e (des)humanizado
Desbravando o mundo.
Ora me sinto humano
Outras quero ser o
Bicho Indomável, insano, feliz.
Senti as dores do meu parto
Planejado, desejado! Me dei o nome
Que sempre quis ter.
Desenhei cada parte do meu corpo
Sou engenheiro de mim. (in)perfeito nos detalhes



Transgressor
Na escolha dos fármacos (in)certos.
Me gestei por anos
Cheio de medos
Sofrendo pelo que (di)riam
Ao me ver grávido
De mim.
Me fortaleci
Entre os m(eus)
Nas trincheiras
Margens do (des)caso.
Embalado nas
Redes e nos a(feto)s...
Me gerei na certeza
De que depois
Não sobraria, um teto,
O amor de muitos
Desapareceria
(Des)amor!
Emprego
Saúde, escola
Família, religião...
Pari sozinho.
Sem ninguém por perto para me abraçar ou celebrar
pelo que nascia De mim.
Sangrei sozinho
Me banhando
De resistência.
Vontade de seguir
Cantando esse parto tão sonhado
Por aí...
Pensado há tempos
Pela necessidade de ser: Pluri,
Multi, Bicho Gente...
Dono de mim.

Fonte: Bruno Santana (2021).

O afeto me trouxe até aqui. Sempre fui movido por meus amores, minhas dores, minhas ansiedades e sentimentos inéditos. Fui atravessado por pessoas que talvez nunca saibam o impacto profundo que tiveram em mim, seja com uma palavra ou simplesmente por serem quem são. Isso porque meu reconhecimento como homem Trans* ocorreu somente depois de ver a possibilidade de uma existência Transmasculina na “I Semana de Visibilidade Trans de Aracaju”. Até então, eu só imaginava as vivências das identidades Transfemininas.



Quando me deparei com as provocações do evento, muitas coisas mudaram dentro de mim. Senti reconhecimento e pertencimento. Sensações pouco recorrentes, mas dessa vez algo novo começou a pulsar. Eu poderia ser homem? Um corpo nascido no interior da Bahia, reconhecido como de uma mulher, ensinado e socializado para atender às expectativas de uma vida destinada ao feminino. A realidade é que nunca entendi muito bem as expectativas deste destino.

Antes desse momento, nunca havia considerado a possibilidade de ser homem. A identidade de sapatão parecia-me correta, mas minha travessia começou quando me identifiquei com aquele que, com o microfone na mão, narrava seu processo de solicitação do uso do nome social na universidade. Após aquele evento, desfiz-me do que havia construído até então e decidi construir uma nova subjetividade para minha existência.

Minha transgressão é diária: desde o momento em que decidi tornar pública minha masculinidade Trans*, enfrentei os valores religiosos da minha família, lutei para que meu nome fosse respeitado, encarei o medo de ser violentado e desafiei as normatizações que tentam deslegitimar minha identidade.

Como Preciado (2020, p. 224) destaca que *“meu corpo trans é uma ins-tituição insurgente sem constituição. Um paradoxo epistemológico e administrativo”*. Meu corpo Trans* não é reconhecido como uma variante dentro dos sistemas administrativos ou dos manuais de biologia, mas apenas como um espécime do Transviamento. Mesmo diante daqueles que insistem em negar minha vivência, meu corpo Transmasculino (re)existe.

Meu primeiro encontro com Bruno Santana aconteceu durante o V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, na Bahia. Após ser apresentado a ele, comecei a acompanhá-lo nas redes sociais. Quando decidi tornar pública minha transição, procurei Bruno para conversar sobre essa nova fase da minha vida. Ele foi extremamente atencioso e generoso, discutindo comigo tudo, desde questões familiares e relacionamentos até onde buscar apoio médico na Bahia.

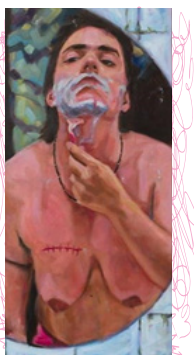
Bruno se tornou uma referência para mim, não só pela sua articulação na militância dos movimentos sociais, mas também por sua atuação como educador. Além disso, a arte e a poesia que ele cria também me impactaram profundamente. Nunca esquecerei a primeira vez que o ouvi declamar “Trans-parto”, durante uma das lives realizadas na pandemia. Ele recitou parte da obra, e aquelas palavras nunca mais saíram da minha memória. “Trans-parto” é uma oração. E oração significa conexão, conexão com o sagrado. Eu me conecto com o sagrado que existe em mim. Eu sou o sagrado. Meu corpo é sagrado. Minha existência é sagrada. A construção da minha melhor versão é sagrada. Minha existência Trans* é sagrada. E como isso é libertador. Para mim, Bruno é ancestralidade, é Transcestral, é sagrado, uma fonte de sabedoria, identidade e pertencimento. É interessante perceber como ele movimenta os sagrados de outros homens Trans* negros numa perspectiva de construção de memória. Bruno mobiliza uma página no Instagram chamada Trans Encruzilhadas (@

transcruzilhadas), um arquivo de Transmasculinidades Negras do Brasil. Um espaço que Transcestraliza outros corpos, vivências, experiências, arte, poesia de homens Trans* negros.

É urgente que direcionemos um olhar atento à importância deste projeto de construção de memória viva! Este projeto se distancia da ideia tradicional de um arquivo memorialístico que preserva as histórias de pessoas que já não estão entre nós; ao contrário, ele cria um espaço onde as vozes dos homens Trans* negros são ouvidas, revelando saberes Transmasculinos, de Transgeneridades e de raça como formas de enfrentamento dos Transepistemicídios. Bruno nos convida a escutar os saberes Trancestrais e as vivências que emergem das encruzilhadas, esses encontros que desafiam e se reinventam, traçando caminhos já percorridos e aqueles ainda inexplorados. Trata-se de ouvir as vozes dos homens Trans* negros que reivindicam novos sentidos diante da cisnormatividade, ao racismo, ao apagamento e à universalização de um destino a essas existências.


3-Terceiro-risco: por escritas Transmasculinas

Figura 1 – Risco feito pelo Fernando Lins, em seu autorretrato



Fonte: Figura do perfil do Instagram do Fernando Lins (2021).

Nesta seção, proponho uma reflexão sobre a possibilidade de *Escritas Transmasculinas*, inspirada no ensaio de Domingues e Rodriguez (2021). Esses autores apresentam a perspectiva dessa escrita. Gostaria de ampliar e fortalecer esse olhar, trazendo não apenas a articulação transmasculina para escrita desta seção, mas a construção de um diálogo apenas com referências transmasculinas, e por conseguintes refletir sobre as ramificações e desdobramentos que *escritas transmasculinas* possibilita.



Vivemos em uma configuração mundial cisheteronormativa, que constantemente tenta normatizar nossas existências dentro de uma ordem binária, cisgênera, heterossexual, cristã, branca e eurocêntrica, fortalecendo o machismo, o falocentrismo, o racismo estrutural, a transfobia, a LGBfobia, entre outros demarcadores que contrariam a norma. Acredito, portanto, na urgência em demarcar esse lugar de *escritas Transmasculinas*. Escritas políticas, representativa, de memória, destinada a garantir que, no futuro, outros de nós possam encontrar referências e não mais viver sob o peso do apagamento e da invisibilidade. Ao disputar novas possibilidades de escritas e construção, fortalecemo-nos e encontramos em nós o fôlego para continuar.


Preciado (2020), em suas “Crônicas de Travessia”, descreve seu processo de transição de gênero como uma jornada marcada por intensas rupturas nas fronteiras de gênero. O nome, os pronomes, as roupas, os hormônios, os documentos, as mudanças físicas e emocionais. Nessa travessia, o início parece evidente, mas nunca haverá uma linha de chegada. Esses processos podem ser iniciados, alterados, posicionados, requeridos, mas a identidade Trans* permanece sempre em travessias.

A identificação com a Transmasculinidade significa que, de algum modo, existe um reconhecimento com a identidade masculina. Nery (2018) localiza as Transmasculinidades em um “entre lugar”, onde reivindicamos e ressignificamos as masculinidades, ao mesmo tempo em que nossos corpos, antes destinados ao feminino, são alvo da tutela e do controle que caracterizam a opressão da sociedade sobre as existências das mulheres. Assim, segundo o autor, “reivindicar a masculinidade em um corpo destinado ao feminino é uma afronta à masculinidade falocêntrica hegemônica” (Nery, 2018, p. 402).

Dessa forma, ao forjarmos nossas Transmasculinidades, promovemos riscos contra a contínua fabricação do mito do “homem de verdade” (Tedesco, 2021). É importante ressaltar que as experiências das Transmasculinidades não são universais. Somos plurais, com trajetórias diversas e diferentes atravessamentos, seja pela raça, classe, território, geração, sexualidade, ou outros marcadores. Com isso em mente, é impossível discutir Transmasculinidades de forma não interseccional.

A agenda transmasculina não pode estar atrelada a uma perspectiva universal, pois não daria conta de abranger o quanto somos plurais. Os direitos e demandas que buscamos devem ser respeitando as interseccionalidades as quais estamos inseridos. Neste sentido é importante saber como somos diversos entre nós, para articularmos demandas e alinhar a uma agenda específica que seja de fato inclusiva (Peçanha, 2021, p. 26).

O movimento das Transmasculinidades no Brasil, frequentemente questionado em sua articulação coletiva e política, se desenvolve longe dos palcos




e dos holofotes. As redes sociais emergem como o principal veículo de articulação desse movimento, cujos marcos incluem a criação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) em 2012 e a organização do 1º Encontro Nacional de Homens Trans do Norte e Nordeste em 2013 (Nery, 2018).

Com a extinção da ABHT, o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) assumiu um papel central, promovendo o 1º Encontro Nacional de Homens Trans (ENATH) em 2015 (Nery, 2018). Em 2021, o 2º Encontro de Homens Transmasculinos (ENAT) ocorreu de forma virtual, também organizado pelo IBRAT, e contou com representações Transmasculinas de diversos países da América Latina.

É fundamental destacar a importância desses movimentos coletivos. As interações nas redes sociais e em grupos de WhatsApp não apenas fortalecem o movimento das Transmasculinidades no Brasil, mas também criam fontes valiosas de disseminação de informações e estabelecem laços de afeto e troca de experiências. No decorrer dessas trocas e compartilhando os atravessamentos e agenciamentos pelos quais cada individualidade passa, mesmo diante dos apagamentos e constantes silenciamentos, essas trajetórias ganham vida, traços, letra e voz por meio de arte, poesia e música.

Atualmente, as *escritas Transmasculinas* brasileiras Anderson Herzer, com a autobiografia “A Queda para o Alto” (1978); João Nery, com as obras “Erro de Pessoa, João ou Joana” (1984), “Viagem Solitária: Memórias de um Transexual Trinta Anos Depois” (2011), e “Velhice Transviada: Memórias e Reflexões” (2019); “Eu Trans: A Alça da Bolsa - Relatos de um Transexual”, de Jô Lessa (2014); e “A Vida de um Transgênero”, de Téhh Queiroz (2018), entre outras, são cada vez mais enriquecidas pela produção de uma nova geração de autores, como Cello Pfeil, Bruno Pfeil, Leonardo Peçanha, Vércio Gonçalves, Esteban Rodrigues, Tito Carvalhal, Bruno Santana, Caio Souza Tedesco, Caio Jade, Shay de los Santos Rodriguez, Guilherme Almeida, Juno Nedel, entre tantos outros. Esses autores não apenas disputam maior visibilidade e espaço para essas escritas, mas também rompem com a construção de uma narrativa universal sobre as existências dissidentes.

Assim, as *escritas Transmasculinas* contribuem para a concretização de movimentos de resistência, criando microações políticas cotidianas que desconstruem o imaginário social ao incorporar valores e atitudes fundamentadas em uma visão emancipatória. Por isso, ***“precisamos construir o movimento de pessoas trans de maneira interseccional que não fique só na teoria, mas que essa perspectiva se estenda para nossa prática cotidiana”*** (Santana, 2021, p. 15). Essas produções nos permitem refletir sobre as pluralidades de modos de existência Transmasculina, que traçam novos caminhos, apagam fronteiras e cruzam as barreiras estabelecidas pela cisnormatividade, forjando processos de criação de vidas nas brechas da estrutura e permitindo a fabricação da liberdade (Preciado, 2020). Nossos corpos e vivências, que silenciosamente constroem pontes, abrem portas e janelas, continuam a (re)existir na história de cada pessoa, uma história



atravessada por várias vozes e sentidos de si. Como Bruno Santana (2021, p. 157): “É na coletividade que forjamos possibilidades de cuidado e emancipação”. As *escritas Transmasculinas* são uma forma de (re)existência, enfrentando os apagamentos de nossas histórias, muitas vezes deslegitimadas, e (re)criando os saberes silenciados que o sistema tenta suprimir. Portanto, é urgente que essas escritas circulem amplamente, reconhecendo seus deslocamentos epistemológicos, políticos e artísticos.

Bem, se faz importante colorir aqui que estou tomando por escritas Transmasculinas, toda a composição de letras, riscos, gestos e voz produzidos por pessoas Transmasculinas, seja no campo artístico, acadêmico, seja nas diversas manifestações de resistência e de ser e existir como pessoa Transmasculina, assim também compõe a ideia de *escritas transmasculinas* a Transarte e Transpoesia das Transmasculinidades.


A Transmasculinidade potencializa nossos modos de estar no mundo. Seguiremos disputando espaços, abrindo caminhos e imaginando outros destinos possíveis para as existências de homens Trans* e pessoas Transmasculinas, ampliando nossos horizontes além dos processos de vulnerabilização, e dos atravessamentos que tentam despotencializadores nossas vidas. Por todos aqueles que vieram antes e abriram o caminho para que existências como a minha pudessem hoje cursar um mestrado. Por todos aqueles que não se calaram diante do sistema, mesmo frente às políticas de morte, ao silenciamento e à demonização destinadas aos corpos Trans*, e que não retrocederam. Por todos aqueles que têm construído caminhos para a visibilidade e o empoderamento de nossas identidades. Por aqueles que já foram e por todos aqueles que ainda virão.

Não é objetivo colocar as *escritas Transmasculinas* como a mais assertiva para as Transmasculinidades. As *escritas Transmasculinas* são possíveis, pois bebemos da fonte dos movimentos feministas e Transfeminista, que tencionaram e tencionam as nossas realidades sociais e nos ajudam a perceber os diversos contextos de modos de opressão. Para além disso, são movimentos teóricos e políticos que possibilitam alianças em práxis subversivas.

Desenho de dissertação

É significativo colorir aqui que os títulos e subtítulos de cada seção deste trabalho receberam os títulos das Transpoesias, músicas, textos de escritas de artistas Transmasculinos, bem como as imagens utilizadas nesta pesquisa. Além disso, é importante ressaltar também que termos/conceitos como Transmasculinidades, Trans* ou outras concepções relacionadas às Transgeneridades estão grafadas com letra maiúscula, na defesa do meu posicionamento de uma escrita política.

A construção dos textos não segue uma ideia linear de pensamento e produção. Alguns foram escritos antes da qualificação, em momentos nos quais



eu estava mais inseguro (isso não significa que estou mais seguro) em relação ao desenvolvimento da pesquisa; posteriormente, fui aprimorando o desenvolvimento do texto. Outros foram completamente reescritos. O que eu preciso dizer para você, leitor que pretende continuar lendo essas linhas mal-escritas, é que encontrará várias versões de mim, em diferentes momentos, experimentando essa vivência que é escrever. E preciso te dizer mais uma coisa: cada capítulo que se segue é independente, relacionando-se apenas com os riscos feitos nas páginas introdutórias.

O primeiro capítulo, intitulado “Sol no peito: negociações para construção de si”, é um desdobramento do primeiro risco. Continuaremos riscando e borrando os essencialismos em torno do ser homem e da construção da identidade masculina, e ilustraremos a pirataria e as produções de práticas de si das pessoas Transmasculinas.

O segundo capítulo, “Um pouco de um montão de gente: insurgências transmasculinas negras”, é um desenvolvimento do segundo risco, é resultado de uma escrita de alianças, me aproximei a Dayanna Louise Leandro dos Santos e Alfrancio Ferreira Dias para compormos um artigo que tem por objetivo fazer uma análise da escrevivência Trans-parto, de Bruno Santana.

No terceiro capítulo, “Mataram João ninguém: escrevivência das Transmasculinidades”, apresentaremos o desenrolar do terceiro risco da introdução. As escrevivências mobilizadas pelas Transmasculinidades que se apresentam a partir das autobiografias, Transarte e Transpoesia serão evidenciadas. Começamos pelas escrevivências autobiográficas Transmasculinas pioneiras, e em seguida uma mobilização dessa escrita e da arte mais contemporânea.

Neste capítulo, me dedico a problematizar o primeiro risco: ~~“Como Lourival que era mulher, pôde se passar por homem por tanto tempo?”~~. Nele vimos como a vida de Lourival Bezerra de Sá foi exposta e banalizada pela mídia. A reportagem do programa jornalístico exibido aos domingos constrói uma narrativa investigativa sobre o “segredo” de Lourival e como ele conseguiu enganar, ~~passar-se por homem por tanto tempo.~~



CAPÍTULO 1

Sol no peito: negociações para construção de si



Fonte: Risco do Lino Arruda, 2020

Morremos sim todos os dias, mas nascemos a cada hora, minuto, segundo. formamos uma fonte inesgotável. escrevo essa carta para anunciar o progressivo esfacelamento da vida na terra. o vindouro fim do sentido de ser humano, do que é ser um humano.

Aqui (trans)formamos a vida como se conhece até então.

Risco-Nicolas Pustilnick

Figura 2 – Risco Lourival Bezerra de Sá




Fonte: Reportagem exibida no programa Fantástico (TV Globo) no dia 3 de fevereiro de 2019

É possível notar, pelas fotos divulgadas na reportagem, assim como pelos relatos dos vizinhos, a identificação de Lourival com aquilo que se entende como masculino. Não que as roupas e os acessórios utilizados signifiquem algum determinante de identidade, mas nos ajudam a enxergar como o próprio Lourival gostaria de ser visto.

Mesmo diante das evidências, diante da autodeterminação de Lourival, a busca ainda era ~~“Para descobrir quem era essa mulher, a polícia está contando com o setor de investigação de outros estados, mas até agora não se teve nenhuma resposta positiva a respeito da real identidade de Lourival”~~. Voltamos, pois, a uma questão recorrente: quando se trata de corpos trans e travestis, a busca por uma ~~“identidade real”~~ baseada na genitália. Lourival viveu toda uma vida sendo reconhecido enquanto homem por seus familiares, filhas e sua comunidade, até o momento em que a legitimidade de ser homem é destruída,

⁴ Reportagem disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/policia-procura-familiabiologica-de-mulher-que-passou-vida-como-homem>. Acesso em 05 agosto de 2022.



pois, diante da descoberta das mamas e da genitália no Serviço de Verificação de Óbito, esses marcadores são o destino da ~~real identidade~~ de Lourival.

Lourival, assim como muitos de nós homens trans e pessoas Transmasculinas usou as tecnologias para *hackear* uma leitura social e sermos reconhecidos enquanto homens. Esse é um tema caro para nossas existências. No caso de Lourival, foram encontradas lesões na pele na região das mamas por conta do uso de faixas. O uso dessa tecnologia, tal qual uma performance, ajuda a piratear as lógicas de gênero e adquirir a tal leitura social cismasculina. Diante disso, os argumentos deste capítulo serão divididos em três momentos: em 1.1 “Fulano de Tal: a espetacularização das vidas Transmasculinas”, continuaremos riscando a ~~exotificação e patologização~~ das existências Transmasculinas; o tratamento transgeneridade como algo ~~estranho, anormal~~, reforçado pelos meios de comunicação, só contribui para legitimar a violência estrutural destinada aos nossos corpos; em 1.2 “Não me chame assim”: masculinidades em disputa, discutiremos a essencialização em torno do ser “homem” e do masculino, e como as Transmasculinidades têm disputado, dentro desse território, ressignificações de masculinidade; em 1.3 Pirataria para construção de si, refletiremos algumas maneiras sobre piratear os *cistemas* com o uso das tecnologias de gênero que auxiliam também a *hackear* a lógica sexo/gênero e construir nossas identidades.

Para compor o capítulo, utilizar-me-ei da análise de jornais, especialmente de matérias do Jornal “A Noite” da década de 1930. Os arquivos trazidos nesta seção são provocações de pesquisa trazidas pelo pesquisador de memórias LGBTQTS+ Luiz Morando (2021), da Transpoesia de Tito Carvalhal e da Transarte de Lino Arruda, que sacodem e movimentam muitos aspectos teóricos trazidos ao longo de cada seção.

No domingo em que a história de Lourival foi ao ar, eu estava na casa de minha mãe. Era um daqueles dias de pizza em família. Não estávamos prestando muita atenção à TV e as conversas atravessavam as informações dadas. No entanto, algo de que não me lembro me fez sair da mesa e ir ao sofá para prestar atenção no noticiário. Assisti a tudo em absoluto silêncio. Demorei para digerir. Na verdade, eu não acreditei muito no que eu estava vendo. A reportagem acabou. Eu continuei em silêncio. Fui para casa, abri as redes sociais e vi o reboliço que a história tinha provocado. Não, eu não tinha entendido mal: era real. Fui dormir perturbado e a inquietação em relação a tudo aquilo permaneceu por um tempo.

Memorar Lourival é importante, pois precisamos repensar as lógicas que constroem o mundo a fim de que a história de Lourival não seja contada a partir dessa narrativa, que nega sua autodeterminação e deslegitima toda uma vida, colocando-o como um ~~enganador~~. É urgente redesenharmos as rotas, como anunciado por Mombaça (2021). É urgente cantarmos à revelia, à revelia dos que insistem em nos ~~silenciar, invisibilizar~~ e dizer que nossas vidas são ~~impossíveis~~. Continuaremos vivos, na radicalidade do impossível, “aqui, onde todas

as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas” (Mombaça, 2021, p. 14), desbravando o mapa das brechas para propor novos mapas e rotas, relocalizando nossas existências a partir de nós.

1.1 “Fulano de tal”: a espetacularização das vidas Transmasculinas

De acordo com Brasil (2014), o jornal vespertino “A Noite” teve sua primeira publicação em 18 de julho de 1911, fundado por Irineu Marinho, no Rio de Janeiro (RJ). Bem-conceituado, foi um dos primeiros jornais mais populares do Estado: tinha preços baixos, circulação diária e grandes tiragens. Nesse contexto, teve vários donos e fases, com maior destaque entre os anos de 1920 e 1930. Abordava principalmente assuntos relacionados à política nacional e às questões da cidade do Rio de Janeiro, evidenciando o noticiário policial. Desse modo, fez-se um dos primeiros a destacar os fatos do cotidiano, atendendo à simpatia do grande público que também se formou nas grandes cidades do país (Brasil, 2014).

Figura 3 – Edição do Jornal A Noite, 1914



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira 1(2014).

No ano de 1930, o jornal iniciou uma nova fase e passou a apoiar o governo de Washington Luís, iniciando a construção de sua nova sede e a compra de novas impressoras, modernizando seu aspecto gráfico. Assim sendo, em setembro de 1930, o jornal lançou a revista semanal Noite Ilustrada (Brasil, 2014).

Na edição de 12 de setembro de 1934, o jornal noticiava: “Diabinho de... calças. A jovem que se vestiu de homem e fugiu”. Em 1934, Jorge Kleber Claudy foge de casa para assumir sua identidade de gênero. Sua mãe, Maria Augusta Fernandes, procurou a polícia para relatar a fuga. Jorge havia fugido do

Rio de Janeiro para Niterói, onde havia vivido por 5 meses até ser encontrado pela polícia. Sua fuga foi noticiada por diversos jornais, cada qual contando versões diferentes sobre o período pelo qual Jorge Kleber esteve em Niterói (Morando, 2022).


Figura 4 – “Diabinho de Calças”, 2014



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira 2(2014).

De acordo com Morando (2021), o Jornal “A Noite” e a revista semanal “Noite Ilustrada” dedicaram-se a investigar a vida de Jorge Kleber. Com isso, até o período de fevereiro de 1935, os jornalistas investiram muito para conhecer o cotidiano de Jorge e o tempo que ele passara no Rio de Janeiro. Ainda segundo Morando (2021), Jorge e sua mãe fizeram alguns relatos, afirmando inclusive os motivos pelos quais fugiu – Jorge procurava assumir aquilo que entendemos como identidade de gênero e odiava homens, tendo fugido de seus assédios (Morando, 2021). Outros jornais também noticiaram a história de Jorge Kleber:

Não quiz mais ser mulher!... A história de “Gauchinha” - De novo nas suas toilettes femininas, com rouge e pó de arroz... Uma visita á casa de Isabel Fernandes - Impressões (A Noite. Rio de Janeiro, ano XXV, n. 8.728, p. 1).
 Vestiu-se de homem para conhecer a vida como uma jovem viveu 4 mezes exercendo funcções masculinas (Correio da Manhã. Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 12.328, p. 5).
 A Isabel não quer ser mulher! Vestida de homem foi presa nesta Capital e levada para Nitheroy (Diário de Notícias. Rio de Janeiro, ano VI, n. 2.493, 2a Seção, p. 1).



As manchetes anunciavam Jorge como um **falsário**, como aquela que se escondeu em “trajes masculinos” para viver uma vida de aventuras. Após um mês sem relatos nos jornais sobre Jorge Kleber, ele voltou a ser manchete: “Não gostei de voltar a ser mulher. Isabel, a mocinha que andou vestida de homem durante quatro meses, tentou contra a existência, em Nictheroy” (Diário da Noite. Rio de Janeiro, ano VII, n. 2.281, 07/03/1935, p. 5). Jorge teria tentado arrancar, com uma faca, parte de seu órgão genital. Após o ocorrido, a circulação de notícias sobre ele havia acabado (Morando, 2021). Até que, em 16 de janeiro de 1936, o jornal voltaria a noticiar Claudy: “O falso Jorge Claudy ou as aventuras de uma joven que se veste de homem”:

Em todo o interessante vaudeville, Isabel Fernandes, a “Gauchinha”, como é conhecida na intimidade, revelou extraordinária perspicácia e decisão para manter o seu disfarce. Passou momentos difíceis, sem que se lhe quebrantasse o animo, decidida que estava a trocar seu sexo. As saias lhe despertavam versão, ao passo que a indumentaria masculina a fascinara irresistivelmente. [...] Nunca se adaptou á vida que devia levar na sua condição de mulher. Nada de preocupações femininas. Vivia entre rapazes, jogando “football” e andando de bicycleta. Seus trajes eram o mais possível aproximados aos dos homens (A Noite. Rio de Janeiro, ano XXV, n. 8.643, 16/01/1936, 17 horas, p. 1).

Longe do fim desta história, Jorge desapareceu e, como forma de apoiar a mãe, o jornal voltara publicar a busca pelo filho. No dia 29 de maio de 1936, alguns jornais publicaram o espancamento que Jorge sofrera da própria mãe (Morando, 2021). Jorge Kleber teve sua vida exposta, objetificada. Foi alvo da curiosidade alheia e violentado de várias maneiras diferentes.

É intrigante perceber, por meio das notas dos jornais, os imperativos das normas de gênero, da negação do uso da roupa que correspondia ao gênero, que, atribuído ao nascer, era e ainda seria uma maneira de enquadramento de gênero. “~~Diabinho de... Calças~~”, “~~Vestida de homem~~, foi presa na capital”, disseram eles, em uma intensa vigilância sobre a vida do Jorge. Ele se desidentificava com o gênero que lhe foi atribuído e procurou maneiras de viver sua vida e sua identidade longe dos olhares daqueles que o conheciam desde o nascimento. Mesmo tentando escapar, foi forçado a seguir um gênero com o qual não se identificava; a pressão midiática e a pressão familiar colocando-o no lugar de estranheza.

Jorge Kleber não foi o único a ter sua história veiculada pelo jornal a Noite.

Em Alagoas, no dia 23 de março de 1938, esta reportagem também veiculada pelo mesmo jornal relatou, na cidade de São Luiz do Quintude, a história de Lins Barros, que buscou legalmente a possibilidade de ser reconhecido como homem. Aos 15 anos, tentou fazer sua matrícula na escola utilizando sua identificação masculina, porém somente uma professora aceitou sua solicitação en-

quanto as demais só o aceitariam na escola se estivesse com roupas adequadas ao gênero feminino (Morando, 2022).

Figura 5 – Notícia no jornal sobre Lins Barros




Fonte: Reprodução do Instagram de Luiz Morando (2022).

Arlete quer andar livremente em trajes masculinos [...] e procurar ocupação própria do sexo forte.

[...] vê-la de chapéu de palha, sapatos brancos, cabelos aparados à masculina, cigarros entre os dedos, paletó de ombreiras, gravata, é pensar mesmo seja homem. Arlete nunca usou roupas femininas, começando de muito pequena a usar pijama. Nunca brincou com bonecas. Gostava sempre de um cavalo de pau e brinquedos próprios para meninos.

[...] Fala de coisas sérias, comércio, esportes, trabalhos do campo, indústrias e sempre que se refere ao seu Estado, da falta de liberdade que tem de viver à sua custa, trabalhando para se manter e ainda ajudar a seus pais, demonstra certo desgosto de ter nascido mulher (A Noite, 1938).



Nos anos 30, Lins Barros viveu em um Estado marcado por instabilidades de poder: **Getúlio Vargas**, com apoio dos militares, começou a diminuir o poder político das oligarquias **tradicionais** do país. Assim, Alagoas começou a construir uma frente de resistência que ficou conhecida como Revolução de 30 (Ticianeli, 2015).


Neste cenário, Barros reivindicou seu direito a circular na cidade com roupas lidas como masculinas, num momento político em que até mesmo as cidades interioranas estavam sob o poder dos militares – entendendo-se que, naquele tempo, o poder dos coronéis era bastante definido, consideramos que a solicitação de matrícula na escola seria uma reivindicação de seu nome social. Desse modo, Lins fez movimentos de reivindicação de direitos em uma época em que tais direitos não eram reconhecidos.

De acordo com Barbosa (2011), a semântica da palavra espetáculo tem, além do sentido de aquilo que atrai e prende o olhar e a atenção, acepções como representação teatral, artística, cena ridícula ou escândalo. Assim, sua compreensão designa alteração de determinada realidade (Barbosa, 2011). Aqui tomo como pressuposto o conceito de espetacularização que ascende da palavra espetáculo e é produzida a partir de uma produção midiática.

“espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos [...] Eles censuram à plebe dos espectadores a sua tendência para se entregarem sem moderação e quase sempre bestialmente, aos prazeres mediáticos” (Debord, 1997, p. 171).

Assim, colocar a vida de uma pessoa como objeto/personagem de um espetáculo midiático para construção de uma narrativa de espetacularização, sem nenhuma preocupação com os efeitos prejudiciais ou com entender minimamente todos os contextos que atravessam a história, é transformá-los em um entretenimento midiático. Vejam, contudo, a comum preocupação nas reportagens trazidas na década de 1930 e, atualmente, em vender a história, tal qual em circos nos quais existe uma figura **monstruosa, anormal**, e é interessante e curioso o modo como vivem, alimentam-se e escolhem a maneira de se vestir.

É interessante perceber, por exemplo, como as nossas histórias são contadas nas mídias sempre a partir de uma lógica cisgênera, patológica e de uma experiência universal. Basta fazermos uma breve análise da novela “A força do querer” da Rede Globo, veiculada em 2017, no horário nobre, a novela foi pioneira em falar sobre processos de transição e destacar a história de uma Transmasculinidade. O enredo conta a história de Ivan (interpretada por Carol Duarte, uma atriz cisgênera), de classe média alta, que passa a não se reconhe-



cer enquanto mulher e vive as dificuldades de se reconhecer como homem Trans nas relações familiares e amorosas, sendo ~~violentado na rua~~, com dificuldades de conseguir um emprego e tudo que cerca as questões de assumir uma Transgeneridade. A personagem progride na trama ~~odiando o seu corpo~~, fazendo menções de que aquele ~~corpo é errado~~; depois passa a tomar hormônios; faz cirurgia de mastectomia; por fim, acaba sendo “aceito” pela família e pelo namorado.

Existe, sim, uma ~~exotificação~~ construída na narrativa da novela, estereotipação. Existe também o reforço da universalização das experiências de processos de transição, por exemplo e, apesar disso, a visibilidade e a representação de um homem Trans gay na novela de horário nobre possibilita-nos pensar rotas de fuga desses mecanismos que ~~banalizam~~ nossas vidas.

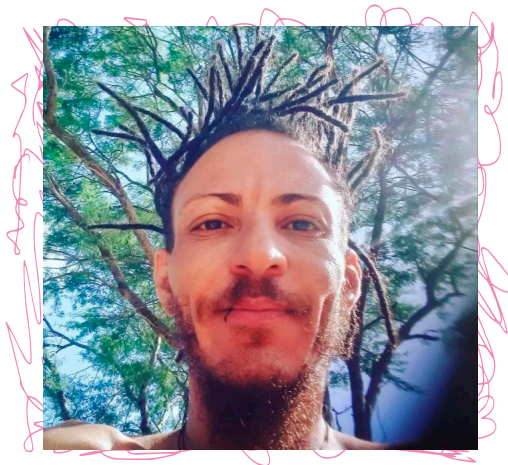
Não é uma ocorrência atual a ~~espetacularização~~ das vidas Transmasculinas. É fácil notar as manchetes dos anos 30 do século passado e de anos atuais e entender que todas carregam a ~~estigmatização~~ já que as narrativas apresentadas nas manchetes dos jornais, ou trazidas pelo programa de televisão, estão em disputa biomédica, jurídica, policial e midiática.

As histórias de Jorge Claudécy e de Lins Barros, mesmo em meio ao contexto histórico em que estão inseridas, ajudam-nos a perceber possibilidades de visibilidade porque mostram que nossas histórias existem. Sempre existiram. Ajudam-nos a resgatar nossas memórias, a produção e a inscrição desses sujeitos, mesmo que de forma ~~estigmatizada~~. Com os olhares de hoje, ajudam a riscar tudo que foi posto e redesenhar novos lugares.

Esses casos são bastante significativos para entender como as normas de gênero são marcantes em nossas realidades cotidianas, tornando-se atributo essencial e original, e produzem uma série de efeitos em nossos processos de constituição de subjetividades. Como anteriormente evidenciado aqui, os sujeitos tensionam a matriz de inteligibilidade da identidade, colocam em xeque a regras de (re)produção das subjetividades, riscando as normas de gênero e possibilitando a construção de memória.

1.2 “Não me chame assim”⁵: as masculinidades em disputa

Figura 6 – Risco Tito Loiola Carvalhal⁶. E agora... o que te faz homem?



Fonte: Reprodução do Instagram

E agora... o que te faz homem?

O que te faz homem agora?
Ser um escroto,
Pegador, Machista, Estuprador?

Homem não chora,
Não fala de amor,
Determina
O opressor

Macho que é macho põe o falo em cima
da mesa e grita Corpo retesado
Nenhuma delicadeza
Viril
Másculo
Não aceita ser contestado

5 Não me chame assim, música do Natê Cimirro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qna-kiPhJi0>. Acesso em: 9 março 2023.

6 Transiner(r)ância ambulante, membro do Fórum sobre Medicalização, do Coletivo de Mulheres do LeMarx: Grupo de Estudos Angela Davis e do MOTIN – Movimento de Transmasculinidades Interseccionais do Norte e Nordeste.



Contrariado
Afeminado

Transcendendo a colonização
Macho assim
Quero ser não
Escracho


Minha masculinidade
Transviada
Se forja é nas gentilezas
Trans-vejo
Uma buceta masculina
Destruindo a normatização
Meu corpo Pura revolução

Risco do Tito Carvalhal (2017, p. 41).

Com base no questionamento de um sexo verdadeiro e natural, vasculhou-se e violentou-se a vida dessas Transmasculinidades e de tantos outros de cujas histórias nunca saberemos. “~~Como Lourival, que era mulher, pôde se passar por homem por tanto tempo?~~”. Lourival era um homem, uma resposta desestabilizadora para a lógica universal do ser homem. De acordo com Nascimento (2021), há uma diversidade muito grande dentro das experiências de ser mulher, assim como são também múltiplas as experiências em torno do ser homem e de nossas realidades. Tito Carvalhal (2017, p. 41) assim evidencia: “e agora... o que te faz homem?”.

Da mesma maneira que Nascimento (2021), gostaria de escrever primeiramente me reconhecendo enquanto homem Trans*, reivindicando o espaço dentro da perspectiva do ser homem e da masculinidade porque é importante apontar que muitos homens cis ou Trans* podem performar masculinidades, mas nem todas as performances de masculinidade reivindicam o lugar do ser homem.

Sendo assim, como seria possível pensar fora da lógica cisheteronormativa branca a produção de masculinidades? De acordo com Tedesco (2021), o primeiro pré-requisito para se ser considerado um “~~homem de verdade~~” na sociedade atual é ter nascido com pênis e performar uma cismasculinidade heteronormativa, uma tal masculinidade marcada por aquilo que é lido como “o padrão normal”, “deriva de uma lógica colonial, de uma lógica do homem branco, cisgênero, heterossexual, endossexual, sem deficiência e que segue sendo o padrão de masculinidade dominante, opressiva, que subalterniza corpos destoantes de suas normativas” (Pfeil; Pfeil, 2021, p. 161).



Connell e Messerschmidt (2013) conceituaram masculinidade hegemônica como aquela que é normativa e que se distingue de outras masculinidades subalternizadas, assumindo-se como normal, mas não em um sentido estático. Os autores descrevem então, que:


A característica fundamental do conceito continua a ser a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre masculinidades[...]. Também muito apoiada é a ideia de que a hierarquia das masculinidades é um padrão de hegemonia, não um padrão de uma hegemonia simples baseada na força. O consenso de uma hegemonia simples baseada na força. O consenso cultural, a centralidade discursiva, a institucionalização e marginalização ou a deslegitimação de alternativas são características amplamente documentadas pelas masculinidades socialmente dominantes. Também muito apoiada é a ideia original de que a masculinidade hegemônica não necessita ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens. Em vez disso, a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidades (como as estrelas dos esportes profissionais), símbolos que tem autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 263).

É interessante pensar o conceito proposto de masculinidade hegemônica trazido por Connell e Messerschmidt (2013) como algo que está em um lugar de idealização e que varia ao longo do tempo. Ou seja, ao mesmo tempo em que não é fixa, vai se (re)produzindo em torno de outras masculinidades, daquelas que não a performam ou de alguma forma não atendem ao ideal hegemônico de masculinidade.

É essencial caracterizar que uma masculinidade cisheteronormativa branca constrói-se dentro de uma lógica inicialmente falocêntrica, pois “o órgão genital, sozinho, consegue determinar não só o comportamento e as rotinas da vida diária de uma pessoa, mas também o seu próprio destino nesse mundo (quicá até no outro...)” (Lanz, 2016, p. 206-207). A celebração desse membro resulta, conseqüentemente, em uma performance de virilidade, agressividade.

Nesse sentido, é também misógina, pois abomina tudo considerado socialmente e considerado feminino. É heteronormativa pelo que o ser “homem de verdade” só se relaciona e constrói afetividades com “mulheres de verdade”. Também por isso é transfóbica. É racista, pois marginaliza, extotifica e hipersexualiza corpos negros (Santana, 2019). Pensar fora dessas conjunturas é pensar possibilidades outras de produção de masculinidades, o que Kimmel (1998) vai colocar como masculinidades subalternas:

Em primeiro lugar, pressuponho que entendemos que as masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de



algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica. Pressuponho que masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. Em segundo lugar, entendo que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia (Kimmel, 1998, p. 105).


É importante trazer esses conceitos para olharmos a partir das fissuras dessas imensas compreensões. Nenhum dos autores desses trabalhos aponta para as Transmasculinidades como possível dentro daquilo que foi entendido como masculinidades subalternas.

Segundo Pfeil e Pfeil (2021), cishomens e Transhomens são apresentados as provações de uma masculinidade hegemônica, a legitimação de que se é “homem de verdade” se constrói no primeiro momento por meio de comportamentos, posturas e aparências. Assim, é possível perceber que existe, em ambos os casos, uma masculinidade posta à prova. Contudo, em um segundo momento, quando uma Transmasculinidade é exposta e/ou não atende aos requisitos da masculinidade hegemônica, é possível entender que, em consonância com Pfeil e Pfeil (2021, p. 172), para as Transmasculinidades: “é negado o acesso ao mundo masculino; pessoas Transmasculinas não consideradas ‘menos homens’— simplesmente não são consideradas; as provações de sua hombridade são em vão”.

O ideal da masculinidade hegemônica é inatingível. Pensar tal construção a partir de uma lógica de sexo/gênero imposta pelo *cistema* é uma armadilha para as existências Transmasculinas porque, em primeiro lugar, nunca saciaremos os requisitos biológicos. Em segundo lugar porque nossas experiências, corporalidades, pluralidades de performance nem sempre se norteiam por um ideal hegemônico de masculinidade.

Dito isso, não há como discutir Transmasculinidades sem que seja de forma interseccional já que essa lógica da masculinidade hegemônica agirá de diferentes formas para diferentes sujeitos. Santana (2019, p. 99) ajuda a ilustrar como os diferentes marcadores sociais tornam diferentes nossas maneiras de vivenciar nossas Transmasculinidades, destacando que

“[...] maneira como um homem trans vivencia a sua transmasculinidade é diferente, enquanto um homem negro trans e pobre,



por exemplo, tenho especificidades que outros homens trans brancos não têm” (Santana, 2019, p. 99).

Não só os marcadores de raça e de classe, como citados por Santana (2019), mas de sexualidade, território, geração, entre outros, vão significar de maneiras diversas nossas experiências dentro das masculinidades e da Transgeneridade. Essas localizações, a partir de diferentes marcadores, acabam por provocar em nossas corporalidades não só uma multiplicidade de experiências como também diferentes formas de violência, acaba por nos atravessar. Um homem Trans* que não utiliza processos de hormonização pode sofrer com transfobia, misoginia e homofobia; uma pessoa Transmasculina que não fez a cirurgia de mastectomia e tem seios visíveis sofre violência com deslegitimação da sua masculinidade, por exemplo.

Esses marcadores são significantes nos processos de disputa das masculinidades. Mas é importante, dentro desses embates, evidenciar que nós, pessoas Transmasculinas, não somos uma variação da cismasculinidade, mas, como Pfeil e Pfeil (2021) apontaram, somos a interação de modelos não normativos. Sendo assim, “a constituição de transmasculinidades não depende das cis masculinidades” (Pfeil; Pfeil, 2021, p. 173). Na poesia, Tito Carvalhal (2017) acirra essa disputa quando promove um risco norma que legitima a ideia do homem e da masculinidade a partir do pênis.

Uma buceta masculina destruindo a normatização

Para além de uma buceta masculina ser um risco à norma, ela também é um anúncio à emancipação dos nossos corpos já que nos ensinaram que, para sermos pessoas Trans a prerrogativa seria o sentimento de ~~ódio ao corpo e as patologias~~. Tito Carvalhal (2017) também lembra que as nossas bucetas, as gentilezas e amor aos nossos corpos são formas de subverter as normatizações.

A ideia de uma disputa dentro do território das masculinidades para as Transmasculinidades surge no movimento de (re)montar e (re)significar as possibilidades de ser masculino. De acordo com Preciado (2014), o sistema heterossexual é um dispositivo social que produz masculinidades e feminilidades a partir da configuração de determinados órgãos do corpo. Esses órgãos são naturalizados como centros anatômicos de diferença sexual. Os homens Trans e as pessoas Transmasculinas não estão fora dessa lógica. Afinal, se órgão genital é dimensionador e autoriza ou não a sujeição dos sujeitos que possuem uma vagina, também estamos expostos a essa lógica, pois, nessa relação desigual de poder, o pênis é o privilegiado.

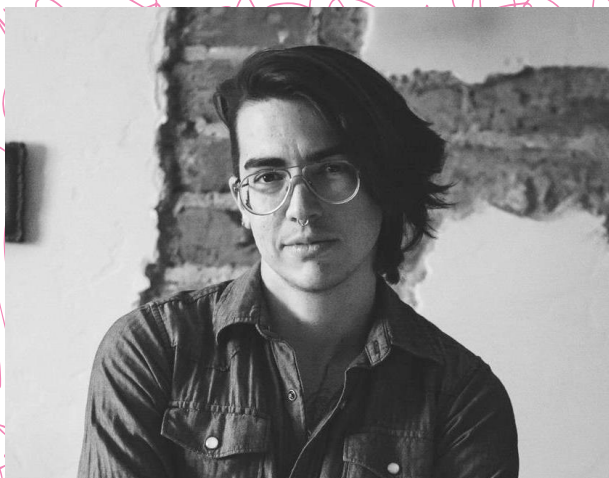
Munidos com nossos corpos capazes de gestar, sem pênis e com peitos, “é possível sim dar novos sentidos e significados às nossas masculinidades, utilizando nossos corpos transgressores como ferramentas importantes nessa caminhada” (Santana, 2019, p. 101). Minha masculinidade eu forjo e reconstruo

todos os dias. Sou homem de peito, e peito isso todos os dias. Principalmente nos dias em que vou treinar. Luto Muay Thai há quase cinco anos e, para treinar, não uso *binder*⁷. Em alguns momentos, minhas mamas ficam evidentes no treino e, noutros, são atingidas. Sinto o constrangimento das pessoas que estão ali trocando golpes comigo. Não, eu não luto Muay Thai para provar minha masculinidade! Não, eu não luto para exercer a violência! Eu luto porque me apaixonei pelo esporte e por todas as sensações que vêm a cada movimento acertado. Eu sempre fui apaixonado por esportes e já pratiquei vários. Não à toa escolhi licenciatura em educação física.

A questão é que, mesmo diante de um espaço seguro onde eu treino, onde as pessoas sabem que eu sou um homem Trans*, respeitam-me, não contestam minha identidade, têm afeto por mim, o marcador do meu peito causa estranheza. Nesse momento exerço minha masculinidade, solto um sorriso largo e tranquilo, bato na luva de meu/minha parceiro/parceira (isso é uma forma de cumprimentar, de dizer que está tudo bem), digo alto: vamos nessa!

1.3 Pirataria para construção de si

Figura 7 – Riso Lino Arruda



Fonte: Site Monstrans do Lino Arruda

Os quadrinhos apresentados ao longo desta seção são do pesquisador, artista visual e quadrinista Transmasculino Lino Arruda, doutor em literatura,

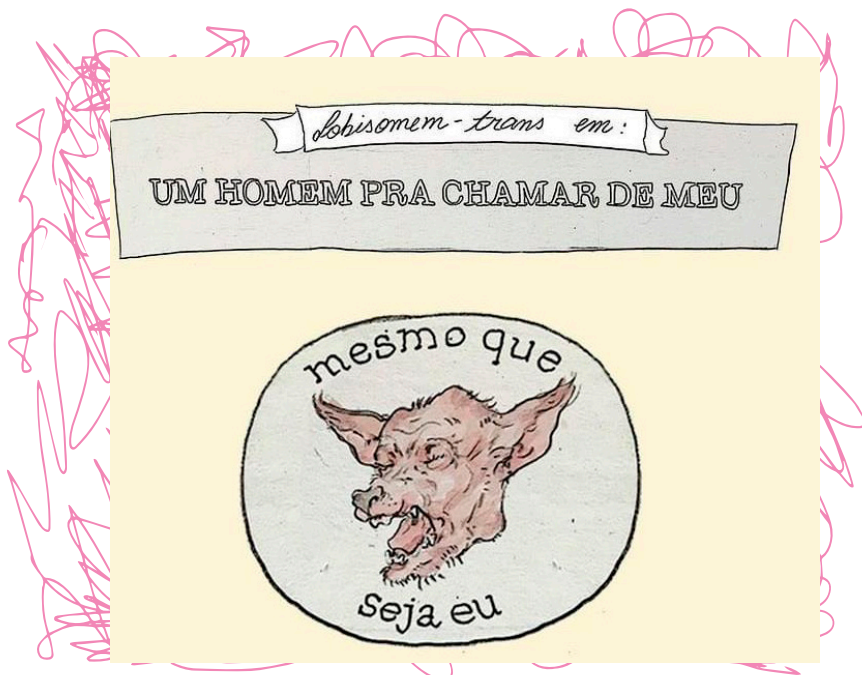
⁷ Binder é uma peça de vestuário que permite a compressão dos seios.

com tese sobre autorrepresentação travesti/trans em zines latino-americanos. Compõem a obra, *“Todos os gêneros: mostra de arte e diversidade”*, edição: masculinidades (2020).


Desidentificação. Homem Trans. Transhomem. Boyceta. Transmasculinidades. Transmasculines. Transmasculinos. Ele. Dele. Elu. Delu. Ile. Dile. Reconhecimento. Cid 11. F64. Incongruência De Gênero. Binder. Faixa. Colete. Packer. Pump. *Shampoo* Bomba. Minoxidil. Hormonização. Testosterona. Ciclos De 21/21. Deposteron. Durateston. Androgel. Pelos. Suor. Barba. Mudança De Humor. Retificação. Disforia. Mastectomia. Histerectomia. Redesignação Sexual.

Essas palavras (des)ordenadas significam processos, tecnologias e negociações que muitas vezes, nós, pessoas Transmasculinas, utilizamos para construção do eu. Esse trânsito de identidade de gênero se inicia com a desidentificação com os sistemas estruturais da lógica sexo/gênero que foram pactuadas mesmo antes do nosso nascimento. Esse trânsito nem sempre segue o mesmo fluxo: alguns vão na contramão, outros vão pelas calçadas; alguns não respeitam as sinalizações, outros ficam pelo caminho. Não existe uma forma universal de transicionar e nem de ser uma pessoa Transmasculina.

Figura 8 –Risco do Lindo Arruda, “Um homem para chamar de meu” 2020



Fonte: Um homem para chamar de meu 1, 2020



Lino Arruda desenvolve sua Transarte a partir da perspectiva da monstruosidade. Segundo Arruda (2020), a proposta da monstruosidade, ao invés de reivindicar visibilidade, reintegração e inteligibilidade, desafia armadilhas ontológicas que a identidade oferece.

Segundo o autor, “o ser alguém/algo” para o monstro é impossível, pois ele não sustenta uma identidade fixa. Na obra *“Eu sou o monstro que vos fala”*, Paul Preciado (2022) publica o discurso feito à Jornada Internacional da Escola da Causa Freudiana. Em sua fala, ele se apresenta como um homem Trans, um corpo não binário marcado pelo discurso médico e jurídico como Transexual e caracterizado por muitos diagnósticos psicanalíticos como um sujeito de “metamorfose impossível”. Preciado continua seu discurso contando suas experiências de transição:

Sou a pessoa que se recusa a se identificar como mulher e que se injeta pequenas doses de testosterona a cada dia. [...] Mas gostaria de evitar a narrativa heroica da minha transição. Não há nada de heroico nesse processo. [...] Meu único heroísmo era o desejo de viver, a força com a qual o desejo de mudança se manifestava e se manifesta ainda hoje em mim (Preciado, 2022, p. 41).

Assim, Paul fala a partir de um arquivo político vivo, um corpo que existe também a partir das tecnologias farmacológicas e digitais, bioquímicas ou protéticas. Mutações: o corpo Trans está em constante mutação, transição, e, de acordo com Preciado (2022, p. 36), “o monstro é aquele que vive em transição. Aquele cujo rosto, corpo e práticas não podem ser considerados verdadeiros em um regime de saber de saber e poder determinados.” É interessante pensarmos nesse paralelo do lugar da monstruosidade e dos corpos Trans, pois seriam aqueles que de algum modo, diferenciam-se do “natural” ou do “real” e rompem com a norma, com o poder que a natureza detém. Dessa forma, monstruosidade e Transgeneridade não só suscitam a discrepância da constituição do princípio fundamental como colocam em questão, no âmbito do saber científico, a primazia da identidade e da sua representação.

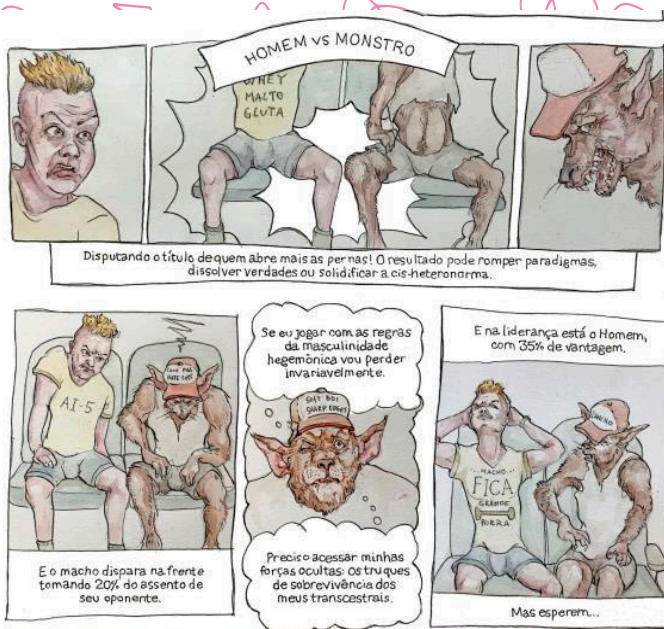
Em *“Um homem para chamar de meu”* (2020), Lino (re)monta alguns dos desafios de transacionar-se dentro de uma perspectiva Transmasculina. O lobisomem-trans vive desafios de mudar de cidade para buscar uma outra perspectiva de vida e, ao iniciar essa nova jornada, encara seus primeiros obstáculos nesse trajeto.

É igualmente interessante percebermos como o personagem assume a figura da monstruosidade. No caso do lobisomem-trans, assume-se tal figura para disputar uma narrativa com todos os signos de uma masculinidade hegemônica. O monstro desafia as engrenagens da cismasculinidade e a representação animalésca é também uma estratégia para operar como chamado às vivências marginalizadas, cruzando as diferentes subjetividades que escapam da norma que circunscreve o humano (Arruda, 2020).

Figura 9 – Risco do Lino Arruda, “Um homem para chamar de meu”, 2020



Figura 10 – Risco do HQ “Um homem para chamar de meu”, 2020

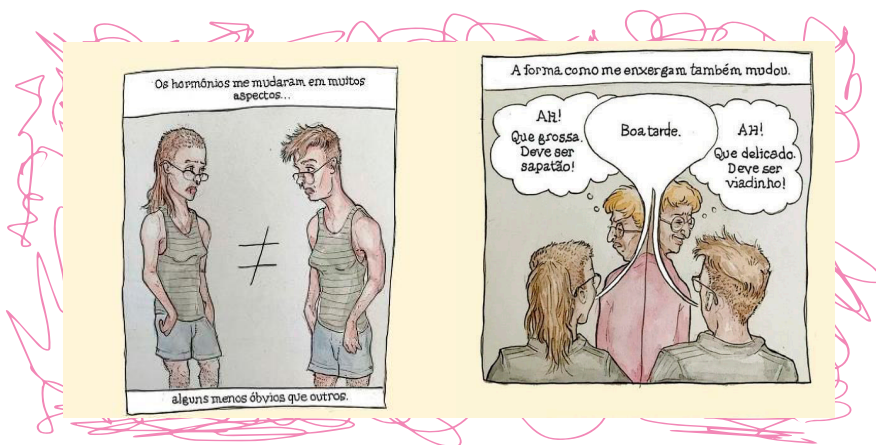


Fonte: Um homem para chamar de meu 1, 2020.

Na imagem *Homem versus Monstro*, o autor tenciona a ideia de uma cis-masculinidade hegemônica branca disputando com o monstro que representa aquilo que foge da norma. Assim, a batalha pelo espaço no banco do ônibus representa não só a briga pelo território, mas também um homem cuja legitimação de sua masculinidade se dá por meio do falo contra outro homem, que rompe com essa lógica. O monstro perde espaço – é assim nas nossas

vidas cotidianas: devemos batalhar contra uma cistema que deslegitima nossas maneiras de ser homem no mundo. No entanto, o monstro não desiste e entende que, para disputar e sobreviver, é necessário jogar fora os sentidos da masculinidade hegemônica e acessar suas forças ocultas e sua transcestralidade. Quais seriam essas forças? Quais seriam os truques? Bem, eu arriscaria dizer que a força vem das tecnologias de gênero e de tudo que se pode experimentar a partir dela, e o truques são as maneiras com que pirateamos essas tecnologias para disputar com normas de gênero.

Figura 11 – Risco do Lindo Arruda, um homem para chamar de meu 2, 2020



Fonte: Um homem para chamar de meu 2, 2020

Os quadrinhos ajudam a colorir também alguns processos de experimentação da transição, as mudanças físicas e sociais e como isso acontece nas nossas socializações cotidianas. A começar pelas nossas identificações, fala-se homem Trans, Trans homem ou boyceta? Essa resposta é bem simples. Como cada ser reconhece a si mesmo, eu me identifico homem Trans. Acredito na importância de qualificar que tipo de homem eu sou para disputar outra categoria de ser homem.

Conforme Pfeil e Pfeil (2021), a constituição das terminologias em torno das Transmasculinidades é um produto dos discursos e das vivências dos sujeitos uma vez que “tais terminologias também constituem os próprios sujeitos aos quais elas são destinadas, interferindo em suas histórias e narrativas” (Pfeil; Pfeil, 2021, p. 163).

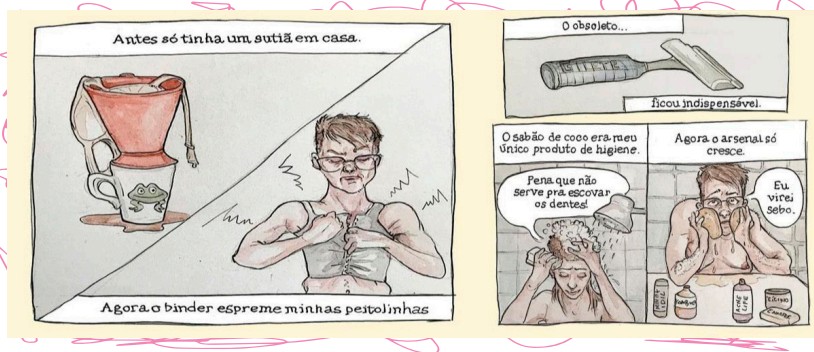
Como vimos nos quadrinhos, a personagem, ao passar pelo processo de hormonização, muda e, juntamente à mudança física, mudam também as for-

mas como nos olham e tratam. E é interessante notar que isso parece ser algo inerente ao processo a hormonização quando nos autodeterminamos pessoas Transmasculinas e iniciamos o processo de transição, ainda que nem toda pessoa Transmasculina queira ou fazê-lo. Processos de hormonização são procedimentos nos quais fazemos uso de hormônios, mais precisamente a testosterona no caso de nós, pessoas Transmasculinas.

Alguns tomam hormônios seguindo um protocolo de mudança de sexo, outros traficam, outros se automedicam sem tentar mudar de gênero legalmente e sem passar por um protocolo psiquiátrico. Eles não se identificam com o termo disfóricos de gênero, e chamam a si mesmos de piratas de gênero, ou hackers de gênero (Preciado, 2018, p.59)

Hackear o sistema, piratear suas tecnologias para forjar as categorias cisgênera e heterossexual. A expressão de pirataria está relacionada à reapropriação, para além da classificação jurídica falsificar. Ser um pirata de gênero, por sua vez, refere-se à reconversão ativa de códigos bio-normativos. Nessa perspectiva, a hormonização é um agenciamento que reconfigura as fronteiras de corpo e de seus aspectos políticos, desestabilizando a lógica binária, biológica e suas relações (Galindo, 2019).

Figura 12 – Risco de Lindo Arruda, “Um homem para chamar de meu”, 2020



Fonte: Um homem para chamar de meu 1, 2020.

Piratear a testosterona conjectura uma reparação aos códigos historicamente vinculados a dispositivos de governo da vida. “Cada corpo se torna uma composição química modulável cujos ajustes dão-se na justa medida em que tomamos conhecimento dos seus efeitos” (Galindo, 2019, p. 6). Pirateamos a testosterona consagrada como um poder natural de cishomens para torná-los nossas fórmulas de fabricação de nós mesmos.

Os hormônios são próteses químicas. Drogas políticas. Neste caso, a substância não só modifica o filtro com que decodificamos e recodificamos o mundo: também modifica radicalmente o corpo e, portanto, o modo pelo qual somos decodificados pelos outros (Preciado, 2018, p. 413).


Os hormônios são uma pirataria assim como são *binder*, *packer*, *pump*, *minoxidil*, *shampoo* bomba. Todos eles ganham sentido e vão construindo no corpo uma identidade e suas subjetividades. Esses agenciamentos são práticas que visam não apenas singularizar o corpo por meio de novas tecnologias, mas também desterritorializá-lo (Galindo, 2019). As estratégias de desterritorializar o corpo podem ou não envolver o uso de artefatos tecnológicos para piratear o gênero, ressignificando o corpo e as práticas envoltas a ele. O agenciamento e a ressignificação estão inseridos no processo de construção de si, que acabam por romper com as estruturas de controle que exilam o corpo ininteligível ao lugar da abjeção, do espetáculo e do exótico.

Figura 13 – Pote de seringas



Fonte: Acervo pessoal

“Essa foto é da minha coleção de seringas, cada uma provém de doses de testosterona aplicadas em meu corpo. Decidi começar a colecioná-las desde a



minha primeira dose em, 14 de agosto de 2020. Demorei um pouco a aprender como auto aplicar. Desde então, é um ritual. Coloco uma música para relaxar, pingo algumas gotas de essência de alecrim silvestre. Espero o cheiro tomar o quarto. Preparo a seringa, eu me sento na cama. Respiro por alguns segundos. Aplico na perna devagar. Sinto $C_{19}H_{28}O_2$ ⁸ invadindo meu corpo. Pronto. O próximo ritual é daqui a 21 dias” (Figura 13).


Sou pirata, ladrão das tecnologias de gênero. Gosto de me imaginar assim. Faço experimentações de mim, pirateio a testosterona, substância tão glorificada e determinante de poder. De repente não sou mais reconhecido como uma garota machinho: os olhares são outros. E a experiência de atravessar a cidade agora não é a mesma.

Como pessoa trans, a primeira coisa que aprendi foi a caminhar na rua sendo olhado pelos outros como se fosse homem. Aprendi a olhar reto e para o alto em vez de para o lado e para baixo. Aprendi a cruzar o olhar com outros homens sem baixar os olhos e sem sorrir. Mas, nesse aprendizado, nada foi tão importante quanto entender que, sendo supostamente “homem” e “branco” em um mundo patriarco-colonial, poderia acessar pela primeira vez o privilégio da universalidade (Preciado, 2022, p. 30).

A sensação é de que algo não está normal. Parece que você esqueceu alguma coisa em casa ou está se esquecendo de alguma coisa para fazer. Tem algo diferente. E demora para você entender/perceber. Entro na mercearia perto de casa e não ouço nenhuma piadinha dos homens mais velhos que ficam ali tomando suas cervejas e falando das novas contratações de jogadores de seus times de futebol. No Uber, o motorista começa a falar das mulheres que passam ou como elas se atrevem a nos provocar com suas mine roupas. Parece que, depois de se conseguir uma leitura social cismasculina, estou morando numa outra sociedade. Mas esse castelinho só se mantém se não te identificam enquanto Trans*. É muito normal observar as pessoas olhando para mim, com bastante estranheza quando estou na praia, ou quando não estou usando *binder*. Aquele corpo que antes não era notado agora é alvo de constantes olhares de espanto.

Negociar, para as existências Transmasculinas, pode estar relacionado a aspectos de proteção, assim operam no sentido em criar modos, maneiras de se se manter vivo. O caso do Lins Barros ajuda a ilustrar quais tipos de negociações fazemos diariamente. Ele tentou se matricular na escola com uma identidade masculina, tendo sido aceito apenas por uma professora. Até hoje, casos como esse acontecem, em que se nega esse direito mesmo diante de normas garantidoras do uso do nome social. Não só o direito do uso do nome, que negociamos diariamente, de modo que as vezes nem percebemos, quando não

8 Estrutura química da testosterona.



possuímos uma leitura social cismasculina e precisamos mentir ou fingir para garantir nossa seguridade.

A “~~passabilidade~~” cismasculina permite uma leitura social que evita olhares, comentários, insegurança. “Geralmente, a transição vivida por pessoas transmasculinas que são lidas como homens cisgêneros lhes possibilita uma ‘camuflagem’ ao mundo das cisgeneridade” (Pfeil; Pfeil, 2021, p.168). Quando essa ‘camuflagem’ não funciona e nossos corpos são lidos como femininos, automaticamente temos nossas identidades deslegitimadas. As violências atravessam nossos corpos partindo de diferentes atravessamentos: pessoas transmasculinas gordas experimentam a ~~gordofobia~~; pessoas transmasculinas com deficiência experimentam capacitismo; pessoas intersexo são questionadas quanto às suas variações hormonais; homens trans negros são violentados pelo ~~racismo e hiperssexualização~~ (Pfeil; Pfeil, 2021).

A história contada sobre nós, as verdades que disseram que eram nossas, Lourivais, Josés, Lins e tantos outros, negaram e negam nossas identidades. Identificar-se enquanto Trans* homens possibilita a construção de outros tipos de masculinidades que se distanciam da misoginia, do falocentrismo, da transfobia e do racismo. Um movimento que dialogue com os feminismos e o Transfeminismo – diretamente por termos lutas que nos atravessam –, com a legalização do aborto, o direito ao corpo e com combate ao ~~machismo e à misoginia~~ (Santana, 2019).

Piratear-se enquanto Transmasculino não requer necessariamente um desconforto físico ou um desejo por passar por modificações corporais (NEDEL, 2020). É comum a construção e o reforço por meio de veículos midiáticos, novelas, jornais, de que a pessoa Transmasculina é aquela que ~~nasceu em um corpo errado~~ e se sente não pertencente ao seu próprio aspecto físico.

Trata-se de construções de narrativas que ignoram o fato de que o problema não está em nossos corpos, mas, sim, nas normas de gênero que disciplinam e produzem tipos de corpos naturais e corpos monstruosos, fundamentando sua diferença como um fator científico e inquestionável. Tais concepções legitimam que existem “~~corpos certos~~” e pessoas que nasceram no “~~corpo errado~~”. Querer realizar modificações corporais não é uma exclusividade das Transgeneridades (Nedel, 2020).

Traficar gênero e forjar as concepções de masculinidades para construir nossas subjetividades são elementos essenciais para muitos de nós, mas isso se configura numa esfera individual. Portanto, não é possível universalizar as experiências Transmasculinas, porque essas experiências não se iniciam com o ódio ao corpo e não se finalizam com uma cirurgia de redesignação sexual. Muito distante do que noticiam os jornais, nossas existências e corpos não estão disfarçados “porque sangram, respondem e guardam vestígios das tecnologias de gênero que se marcam diariamente na nossa carne desde o nascimento. As experiências de vida trans, portanto, têm materialidade” (Nedel, 2020, p. 27).



1.4 “Você sem entender se eu sou sapa ou veado”: algumas considerações

Ser homem. Masculinidade. *Hacker* de gênero. São categorias de que me apodero para me construir. Apesar dos adereços e indumentárias que utilizei na maior parte da minha vida entendida como feminina, nunca me vi feminino. Isso não definiu minha maneira de ser masculino. E penso que outros adereços e outras indumentárias – agora entendidas como masculinos – que agora utilizo não me fazem mais masculino. Não são as roupas, o corte de cabelo, a voz grave, minha performance de andar e de me relacionar com as pessoas que me fazem masculino.


Minha masculinidade e minha maneira de ser homem está nos peitos, na minha vagina masculina, no meu jeitinho mais carinhoso de me relacionar com as pessoas. Parece que estou parafraseando Tito Carvalhal (2017). E é isso mesmo: ele descreve bem o tipo de homem que eu sou. Eu devo confessar que não gosto muito de genitalizar as coisas, mas, diante de tantos essencialismos em torno dos genitais, é essencial desessencializar. Falocentrismo é regra. Tudo gira em torno do pau. Tudo ganha forma de pau: de brincadeiras a conversas sobre sexo. Quando eu realmente me dei conta de que falar sobre buceta masculina ajuda a enxergar ainda melhor o falocentrismo da nossa sociedade e de alguma maneira, a passos pequenos, ajuda a desestabilizar a norma. Minha buceta masculina incomoda – como assim buceta masculina? Como assim homem de buceta? Eu adoro ver a expressão das pessoas quando são internamente incomodadas/incomodados por essas questões. Aprendi muito disso com os meninos da banda Mascucetas (@mascucetas), uma banda formada por pessoas Transmasculinas de Belo Horizonte.

Vinte Milhões⁹

Tô de boa na rua e passo ao seu lado
você sem entender
se eu sou sapa ou veado
é que pra você o universo é triste
mas de onde eu vim
vou te dizer tem mais de
vinte milhões
vinte milhões de mim

Construir-me fora das lógicas de masculinidade hegemônica e heterocistêmicas é uma opção minha. Vou mutuando meu corpo, minha existência, experimentado testosterona. À medida que vou pirateando tudo isso, subverto a lógica do masculino, do ser homem, do Trans homem,

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SDcjjpuMPp0>.



pois não sou qualquer homem: sou Trans. “A temporalidade do meu corpo trans é o agora: não se define pelo que era antes, nem pelo que se supõe que terá de ser (Preciado, 2020, p. 224).

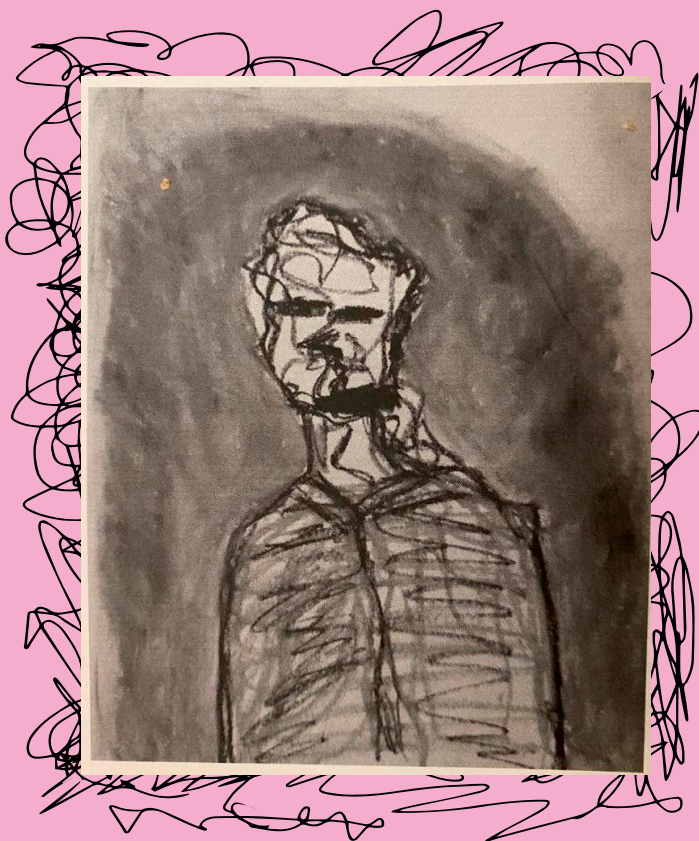
Meu corpo é Trans, masculino, homem. É composição de tudo isso. E não é só isso: “Meu corpo trans volta-se contra a língua daqueles que o nomeiam para negá-lo. Meu corpo trans existe como realidade material, como trama de desejos e práticas, e sua existência coloca tudo em xeque. [...]” (Preciado, 2020, p. 225).

O corpo Transmasculino é um paradoxo para as epistemologias normatizadoras, é um risco. É um choque à ideia da naturalização e da universalização. Como pôde se passar por mulher por tanto tempo? Como pôde Jorge Kleber fugir e enganar todos? Como assim quer licença para ser homem? Em tempos distintos e ainda hoje seguimos tencionando tais verdades essenciais em torno do ser homem e do masculino. Mesmo que não seja intencional tencionar esse lugar, a nossa existência por si só já é um risco à regra.



CAPÍTULO 2

“Um pouco de montão
de gente”: insurgências
transmasculinas negras

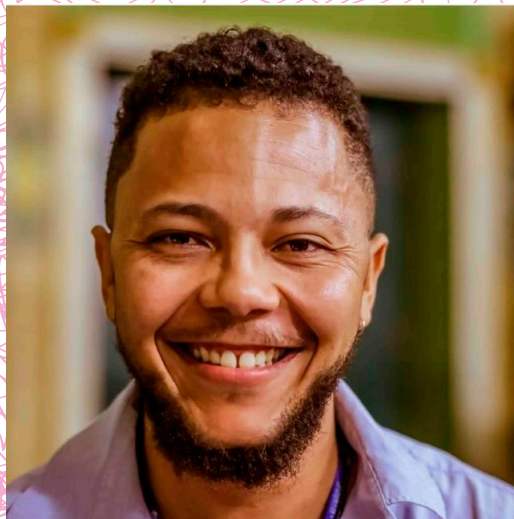


Fonte: João Apuã de Melo

Penso em pessoas como você, como eu, como Demétrio, todas as noites, nós somos selvagens, bonitos, viscerais. Nunca se esqueça disso. Eu vim de muitos lugares e todos eles compõem quem eu sou e o que eu faço na vida e na arte. Fiquem vivos.

(João Apuã de Melo)

Figura 14 – Risco Bruno Santana¹⁰




Fonte: Reprodução do Instagram de Bruno Santana

O texto deste capítulo é resultado de uma escrita de alianças. Acheguei-me a Dayanna Louise Leandro dos Santos e Alfrancio Ferreira Dias para compormos um artigo cujo objetivo é fazer uma análise da escrevivência Trans-parto, de Bruno Santana. Parece chata essa minha insistência em trazer essa Transpoesia para dissertação e, sim, trarei novamente por acreditar na potencialidade dessa escrita e quanto ela tem a nos dizer. É preciso olhar mais de uma vez. Talvez seja preciso ouvir Bruno tocando¹¹ berimbau e declamando sua Transpoesia para entender que é preciso olhar de novo.

Em abril de 2022, convidamos Bruno para uma conversa sobre suas Transpoesias, especialmente sobre Trans-parto. Na ocasião Bruno nos contou como a poesia é presente em sua vida e sempre foi, e que entende a escrita poética como uma ferramenta política, através da qual se pode chegar a lugares aos

10 Bruno Silva de Santana é licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), pós-graduado em Gênero e Direitos Humanos, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). É professor, pesquisador, poeta, escritor, nordestino, umbandista e transativista negro, pelos coletivos De Trans para Frente e Transbatukada. É autor no livro Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades, publicado pela Ciclo Contínuo. Editorial, 2018.

11 Vídeo produzido no contexto da mostra artística produzida para o 1º Festival Transarte - Artistas Trans E Travestis Online De Salvador Para O Mundo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMaQNnZlMp4/>



quais talvez seus pés não alcancem. Trans-parto é Transpoesia de experimentação, de sentidos a partir da vivência de um homem trans negro, transcrição de uma transição coletiva, de transmutação. Diante disso, fomos refletir quais os sentidos que Trans-parto nos trazia. Como essa escrevivência de homem Trans negro tenciona a produção literária? Num primeiro momento discutimos um pouco o movimento de escrita que a transmasculinidade tem projetado; num segundo momento, fizemos a análise da Transpoesia; por fim, discutimos o que restou após atravessarmos as encruzilhadas e trincheiras.


2.1 Entre encruzilhadas e trincheiras: uma análise da escrevivência transmasculina a partir do poema “trans-parto”

A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência. (Paul Preciado)

Em uma carta direcionada às “queridas mulheres de cor”, Anzaldúa (2000) afirma que escrever é se expor. Contrariando este princípio, a produção literária tem sido espaço de reiteração da cisnormatividade ao reproduzir olhares que legitimam determinados discursos, reservando ao “outro” o papel de coadjuvante na narrativa histórica. Em “Pode um cu mestiço falar?”, Mombaça (2015) estabelece diálogos com Spivak (2010) ao abordar o silenciamento sistemático dos considerados subordinados, interpelando a capacidade dos marcos hegemônicos de reconhecer as diferenças.

Neste sentido, a literatura (re)produz imaginário social na medida em que descreve contextos, critica realidades produtoras de normatizações e proporciona pensamentos particulares, além de propor outras perspectivas de mundo. De acordo com Cândido (1988, p. 175), “A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Afinal, o campo literário também é instrumento de educação e, se, por vezes, reitera a norma, em outros momentos transgride fronteiras impostas no próprio currículo escolar.

Se a carta de Anzaldúa e o ensaio de Mombaça nos convidam a produzir rachaduras epistemológicas como antídoto ou veneno, uma negra, lésbica, mãe, guerreira e poeta nos advertem que o silêncio não vai nos salvar (Lorde, 1977). Interrompê-lo é abrir um campo de possibilidades que compreende nossas vidas para além da invisibilidade literária ou como mera personagem destinada ao castigo, à violência brutal e a à morte. Partindo-se desta provocação que nos motiva a estilhaçar a máscara do silenciamento (Kilomba, 2016), o presente trabalho busca analisar a emergência de um movimento literário trans-



masculino negro, tomando como referência a escrevivência de Bruno Santana (2021) a partir da poesia Trans-parto.

Se a escrita tem o poder de nos localizar no mundo, a literatura transmasculina negra apresentada neste trabalho busca reposicionar esses corpos frente não apenas à produção literária, mas também aos estudos de gênero. Lançar olhares sobre tais movimentos e produções é reconhecer a literatura como campo artístico, sobretudo como palco de intensas disputas, dentre as quais está o direito de escrever.

2.2 Entre a invisibilidade e a regra da exceção: pode um homem trans negro ter e escrever sua história?


Nossas escrevivências são resistências e políticas. (Leonardo Peçanha)

Onde estão os homens trans e transmasculines nas páginas da história? E na literatura? Qual a média de escolaridade e a expectativa de vida dessas pessoas? E a inserção no mercado de trabalho? Sobram perguntas, faltam respostas. Grande parte dos dados divulgados em relação à população transvestigenero, além de subnotificados, tem como referencial a vivência de mulheres trans e travestis. Recentemente, o movimento das transmasculinidades promoveu ações no intuito de levantar dados estatísticos voltados para homens trans e transmasculines, buscando assim fomentar estratégias na luta pela garantia de seus direitos.

Se os dados estatísticos (ou a ausência deles) apontam para uma invisibilidade transmasculina, desconsiderando suas particularidades, basta um breve e sensível olhar para as produções literárias, os espaços escolares, as universidades e o mercado formal de trabalho para que tal ausência seja notada. Ou melhor, será que essa ausência causa incômodo?

Homens trans e transmasculines que alcançam cadeiras na universidade, mandato político ou qualquer outro espaço de poder institucional tornam-se a regra da exceção face às vulnerabilidades sociais presentes nas trajetórias dos seus pares. Quando atravessados por outros marcadores sociais de diferença, a exemplo de raça-etnia, o acesso a esses lugares e a permanência neles torna-se tarefa mais árdua.

Mesmo diante dos apagamentos e das constantes ausências, as transmasculinidades têm se deslocado para um movimento de construção epistemológica a partir de suas escrevivências, concepção construída por Conceição Evaristo (2017), cuja base é o próprio processo de constituição de si, por meio de seus escritos uma restituição da identidade, da condição e dos modos de ser e existir da mulher negra.



A começar por esta dimensão, a escrevivência é marcada e carregada como um lugar de manifestação de um eu-coletivo, ou seja, por meio de suas experiências, remontam-se histórias de um “nós” partilhado. Assim, “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (Evaristo, 2017, s/p).


Partindo-se desse princípio, homens trans e transmasculines estão disputando espaços de produções literárias, apresentando narrativas outras. Se, em Grande Sertão: Veredas, de 1956, o escritor João Guimarães Rosa inclui um personagem masculino chamado Diadorim, cujo sexo biológico feminino é revelado apenas no final da obra sem apresentar problematizações ou suspeitas sobre a identidade trans nem o que o personagem pensava sobre si mesmo (Moirá, 2018).

Na década de 1980, a publicação do livro autobiográfico *A queda para o alto*, de Anderson Herzer, contendo poemas que transitam entre bons momentos (relacionamento amoroso, paixão pela escrita e construção de redes de afeto) e a vulnerabilidade social (alcoolismo, abandono, internação), representou um marco na produção literária transmasculina brasileira. O autor não teve a oportunidade de acompanhar a repercussão da obra, sendo suicidado antes mesmo da publicação de seus escritos. Ainda que o tema central da obra não faça referência à identidade de gênero, as tramas ali contidas representam experiências bem comuns aos homens trans e transmasculines.

Neste mesmo período, João Nery lança a obra “Erro de pessoa, João ou Joana”, não tendo alcançado grande repercussão num país que ainda sofria os efeitos de uma ditadura civil-militar enquanto as lutas em favor da redemocratização ganhavam mais fôlego. A preocupação com o cenário político-social do país já se mostrava presente na dedicatória do livro: “Este livro é um grito e o dedico a todos os injustiçados (quer por motivos sociais, jurídicos, econômicos, políticos, físicos, emocionais etc.), que lutaram ou ainda lutam por seus direitos, “se endurecendo, mas não perdendo a ternura jamais” (Nery, 1984).

Em 2011, a obra é reeditada, recebendo um novo título: “Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois”. Ao lançar o livro num programa televisivo de relativa audiência, João Nery se consagra como uma das maiores referências não apenas do movimento de homens trans, mas da luta pelos direitos humanos no Brasil. A repercussão do texto, que trazia uma maior aproximação com os estudos de gênero se comparado ao original, possibilitou que se levantasse o debate sobre transmasculinidades em diversos estados brasileiros, especialmente a partir de convites feitos por importantes universidades.

Na segunda década do século XXI, a literatura transmasculina brasileira é enriquecida com a produção de uma geração mais jovem e engajada tanto com os questionamentos levantados por João Nery quanto por novas demandas extraídas de um ativismo transmasculino que tinha alvorecido há pouco tempo no país. Assim, Cello Pfeil, Bruno Pfeil, Caio Souza Tedesco, Caio Jade,



Shay de los Santos Rodriguez e tantos outros contribuíram à garantia de uma maior visibilidade e produção transmasculina na literatura, bem como ao rompimento da construção de uma história única acerca de corpos dissidentes.

Outras vozes reforçaram esse coro de resistência e criatividade, tais como Leonardo Peçanha, Vércio Gonçalves, Esteban Rodrigues, Tito Carvalhal e Bruno Santana, ao apontarem para uma escrita de encruzilhadas, articulando identidade de gênero e raça em seus escritos. Afinal, “a agenda transmasculina não pode estar atrelada a uma perspectiva universal, pois não daria conta de abranger o quanto somos plurais. Os direitos e demandas que buscamos devem ser respeitando as interseccionalidades as quais estamos inseridos” (Peçanha, 2021, p. 26).


Se a agenda transmasculina é plural em tramas, vozes e movimentos, tomaremos como foco investigativo o poema “Trans-parto”, escrito por Bruno Silva de Santana. Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Pós-Graduando em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), o autor faz parte de uma estatística alarmante: de acordo com a Pesquisa do Perfil dos Graduandos das Instituições Federais da Andifes (2018), homens e mulheres trans equivalem a 0,1% dos/as estudantes do ensino superior brasileiro. Além de manter estreita relação com políticas de promoção de acesso e permanência nos espaços acadêmicos, a inserção dessas vozes no ensino tem provocado tensionamentos e disputas epistemológicas.

Transativista com ênfase nas transmasculinidades negras, sua atuação na universidade e para além dela possibilita a construção de importantes redes de apoio, acolhimento e afeto, além de ampla circulação de conteúdos vinculados a essa temática em redes sociais. Assim, ele se (re)faz professor, pesquisador, poeta, escritor, nordestino e transativista negro pelos coletivos De Transs pra Frente e Transbatukada.

Ao publicar “Nós, escrituragens de resistências” pela Literatrans (2016), Amar Devagarinho pela Padê Editorial (2018), Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades pela Ciclo Continuo (2018) e Transmasculinidades Negras- Narrativas Plurais em Primeira Pessoa pela Ciclo Editorial (2021), percorre importantes caminhos para a (re) construção de memórias coletivas, um itinerário que não se inicia nem se encerra na produção literária deste autor, mas que se fortalece e ganha novos contornos a partir dos seus escritos.

No bate-papo sobre Insurgências Poéticas Transmasculinas realizado no evento Inverno Cultural promovido pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), ele analisa a poesia enquanto estratégia de resistência:

Poesia é essa estratégia de sobrevivência, de resistir, de ocupar, para que a gente deixe essa marca na história, para que a próximas gerações de pessoas trans, de pessoas transmasculinas so-



bretudo, encontre essas produções, e que isso sirva de inspiração, que possa abrir portas, janelas, construir pontes para romper com a transfobia, com o racismo, com essas opressões que nos cercam e mostrar para sociedade cisheteronormativa, que a população trans, as transmasculinidades elas precisam ser valorizadas, respeitadas e precisam ser consumidas também (Santana, 2021).

Como um dos organizadores da obra “Transmasculinidades Negras – Narrativas Plurais em Primeira Pessoa”, o referido autor aprofunda o debate sobre transmasculinidades e negritude, apresentando suas escrevivências juntamente à de outros autores transmasculinos negros. Nessas páginas, suas vivências ganham corpo e voz a partir de diferentes expressões literárias, especialmente no poema “Trans-parto” como analisaremos a seguir.


2.3 Um corpo em travessia: análise do poema trans-parto

Me pari.
Me reinventei.
Rompi o cordão umbilical (cis)hetero-terrorista
Que me acorrentava
Me afastando de mim.
Fui meu próprio parteiro, comi a placenta, Cospi,
Arrotei pra seguir.
Pari a mim mesmo,
Construindo a
Face
Que sempre desejei,
Sou ciborgue.

Processos de transição, intervenções e negociações feitas para construções de si. Na primeira parte do poema, o texto vai ganhando forma concomitantemente ao processo de transição do autor, desnaturalizando sua relação corporal. Trans-parto emerge enquanto narrativa possível de um novo nascimento, o nascimento de sua transgeneridade.

A unidade tão desejada pela cisnormatividade se mostra falha e utópica, colocando à margem quem dela faz escárnio, mas nunca excluindo-a plenamente, pois o abjeto é o seu exterior constitutivo (Laclau; Mouffe, 2015). Assim, ele pariu-se, rompeu o cordão umbilical (cis)hetero-terrorista e refez-se ao cortar a cisheteronormatividade estabelecida antes mesmo do seu nascimento.

A construção discursiva acerca desta questão tem sido demarcada pelo binarismo entre o ser e o não-ser, a qual delimita o “nós” (parto natural) enquanto pertencimento, do “outro” (que se pariu) como um corpo estranho em



relação à “natureza”, ou seja, as identidades são construídas de forma relacional a partir do estabelecimento de diferenças.


Ancorado na poética, o autor se coloca enquanto sujeito de sua própria história: ao se reconhecer na transmasculinidade, constrói a face que sempre desejou, símbolo de uma ruptura na “predestinação” que é cumprir os papéis alicerçados em estrutura corpórea, atestando que a engenharia social voltada para a produção de corpos ditos normais se mostra incapaz de domesticar em sua totalidade.

Ao fazer referência a um corpo ciborgue, o texto dialoga com Manifesto Ciborgue de Donna Haraway (1994) a partir de questões como a desnaturalização e a fragmentação dos corpos, sendo-o artificial, diferente, exótico. Assim, o corpo evocado no texto é marcado por essa construção que difere da cisnormatividade.

O corpo feito
De retalhos,
De ti, de mim
De (nós)... Sou eu.
Um pouco
De um montão
De gente
Que já não
Podem ser
Sou bicho
Desnudo e
(des)humanizado
Desbravando o mundo.
Ora me sinto humano
Outras quero ser o Bicho Indomável,
insano, feliz.
Senti as dores do meu parto Planejado, desejado!

O poema enuncia a noção de ancestralidade e de uma transição não só social, mas também espiritual. Ancestralidade essa que faz referência a homens trans pretos que possibilitaram acessos e abriram caminhos, que carrega outras experiências transvestigeneres, a exemplo dos corpos trans e travesti silenciados pela necropolítica. Assim, ele se compreende um “pouco de um montão de gente”.

Quem não obedece a esse padrão normativo é visto como corpo que não importa e, por não ter existência legítima, torna-se passível de todo tipo de violação. Reiterar incansavelmente as normas se faz necessário considerando a instabilidade da materialização desses corpos a partir da não conformidade com tais imposições. É nessa abertura da lei regulatória que se tornam viáveis as rearticulações capazes de questionar a força hegemônica e fazer emergir vidas precárias, desumanizadas.



Ainda que diversas instituições desempenhem bravamente o papel de salvaguardar a cisnormatividade ao naturalizar determinadas formas de ser e existir em detrimento das desumanizadas, não conseguiram barrar totalmente as dissidências de gênero e sexualidades, tensionando a suposta estabilidade discursiva, proporcionando a produção de contradiscursos nesta arena de práticas hegemônicas (Laclau; Mouffe, 2015) por esse bicho indomável, insano, feliz.


O gestar aparece enquanto possibilidade e trocadilho: se o termo tem ligação com o ato de construir uma nova identidade, também se configura enquanto possibilidade de gestação por homens trans e pessoas transmasculinas, vivência demarcada não apenas por dores fisiológicas, mas também por processos dolorosos face às violências. Assim, o texto reflete um dos pilares da produção literária protagonizada pelas transmasculinidades: abordar a diversidade de experiências e vivências envolvendo esses sujeitos.

Me dei o nome
Que sempre quis
ter.
Desenhei cada
parte
do meu
corpo
Sou engenheiro de mim.
(in)perfeito nos detalhes
Transgressor
Na escolha dos
fármacos
(in)certos

O nome é parte integrante dos direitos à personalidade, categoria que também se relaciona a outros direitos (à vida, ao corpo, à integridade física e moral, à intimidade e à liberdade). É por intermédio dele que se assegura a existência do sujeito perante o Estado (Próchno; Rocha, 2011).

Ao anteceder o próprio nascimento e, em geral, permanecer até depois de sua morte, o nome produz sentidos (posse, pertencimento à determinada família, religião, território, classe social, relações de gênero e sexualidade). Enquanto categoria, além de acionar práticas de significação de subjetividades, o nome prevê uma certa estabilidade da identidade civil, que é tensionada pelos que transitam entre gêneros.

Neste sentido, a linguagem tem o poder de operar nos corpos e na produção dos sujeitos como efeito discursivo, isto é, de uma citacionalidade. O ato de nomear e de reconhecer o outro a partir de um nome revelam práticas discursivas que tanto podem visibilizar politicamente sujeitos e seus corpos quanto os silenciar. O nome pelo qual a população transvestigenera se reconhece é mais do que um conjunto de letras esvaziadas de sentido: ele opera



mecanismos de transgressão da norma dominante, tornando-se um mecanismo de resistência política (Preciado, 2014).

Ao relatar a si mesmo – “sou engenheiro de mim”, o autor aprofunda o rompimento da ordem de sexo/gênero, contrariando esse “ser sóciopolítico reconhecido e legitimado”, desobedecendo à identidade que lhe foi imposta: “riscando o mapa, apagando o nome para propor outros mapas, outros nomes que evidenciem sua condição de ficção pactuada. Ficções que nos permitem fabricar liberdade” (Preciado, 2020, p. 145).


Assim como no poema, Preciado (2020) compreende a transgeneridade enquanto rompimento das fronteiras de gênero, fabricando assim uma nova possibilidade. A experimentação dos fármacos (próteses químicas, drogas políticas, substâncias) não só modificam o corpo, mas também a maneira como se é visto pela sociedade, transformando o filtro com que decodificamos e recodificamos o mundo.

Me gestei por anos
Cheio de medos
Sofrendo pelo
que (di)riam
Ao me ver
grávido
De mim.
Me fortaleci
Entre os m(eus)
Nas trincheiras
Margens do (des)caso.
Embalado nas
Redes e nos
a(feto)s

Ao atravessar essa viagem que, ao mesmo tempo, é de transições e rompimentos, é possível enxergar os medos e a vulnerabilidade presentes nas vivências trans. Uma compreensão de não lugar, sem teto, sem laços afetivos, ou de humanidade. Sujeitos com identidades de gênero variadas sobrevivem a aniquilamentos e discriminações cotidianas, opressões que se entrecruzam nas diversas dimensões.

Partindo desse pressuposto, a “sinergia de vulnerabilidades” (Parker, 2000) emerge enquanto fragilidade constitutiva de ações voltadas ao enfrentamento destas discriminações, assim como de políticas públicas destinadas às necessidades básicas desse segmento, tais como o acesso aos estudos, à profissionalização e a bens e serviços de qualidade em saúde, habitação e segurança, contribuindo, assim, para a perpetuação do quadro de rejeição social.

Como emaranhado de fios aparentemente soltos, viver ou simplesmente existir são tecidos juntos a tramas de violência que atravessam o texto e a



vida. Apesar da preponderância de experiências negativas, o reconhecimento enquanto corpo transvestigenero também se apresenta como espaço de possibilidades: o acolhimento, ainda que condicional e precário, faz-se presente entre os m(eus), embalados nas redes, nos afetos e nas trincheiras.


Me gerei
na certeza
De que depois
Não sobraria,
um teto,
O amor de muitos
Desapareceria
(Des)amor!
Emprego
Saúde, escola
Família,
religião
Pari sozinho.
Sem ninguém
por perto
para me abraçar
ou celebrar
pelo que nascia (...)

Apesar das importantes conquistas alcançadas, especialmente na última década, por sujeitos que não se enquadram na cisheteronormatividade, este fragmento poético reforça a eficácia dos dispositivos e mecanismos de normatização, controle, exclusão e eliminação social a partir da imposição de barreiras e resistências brutais aos que buscam sobreviver após “parirem a si mesmos”.

As práticas cotidianas de violência que permanecem naturalizadas na rotina de famílias, escolas, comunidades religiosas e em diversos locais das cidades são manifestações concretas desses mecanismos, ainda que não operem sem enfrentar resistências.

Os sinais de fissuras na cisnormatividade fazem-se presentes a partir dos enfrentamentos e das lutas por direitos em diversos espaços: mercado de trabalho, unidades de saúde, instituições de ensino, encontros familiares, celebrações religiosas. A movimentação desse corpo nos espaços, de algum ou vários modos, desestabiliza o sistema normativo de gênero tal como é conhecido. Por vezes, ocupar esses lugares é sentir novas dores pós-parto.

Sangrei sozinho
Me banhando
De resistência.
Vontade de



seguir
Cantando esse
parto
tão sonhado
Por aí...
Pensado há tempos
Pela necessidade de ser: Pluri,
Multi, Bicho
Gente... Dono de mim.

Para além de relatar a dor, o desfecho poético aponta para a importância de resistências ativas enquanto possibilidades de existência em território tão inóspito e aparentemente inegociável. Não se trata de ignorar a existência de estruturas de opressão; pelo contrário, é através da compressão de como elas operam que podemos lançar olhares sobre os movimentos desses corpos, que são multi, pluri, gentes e donos de si mesmos.


Ao se “banhar de resistência” e ter “vontade de sair cantando”, o poema assume uma postura que escapa da análise unidirecional do discurso a partir da ideia de que, neste jogo de poder, corpos transvestigeneres são reduzidos a sofrimento, a perdas e a extermínios. Assim, a presente literatura é movida por um sentimento de esperança, ainda que livre de qualquer romantização ou meritocracia.

Ao mesmo tempo em que esse regime de verdade controla, nomeia e legitima certas vidas em detrimento de outras, os sentidos não estão dados porque as brechas estruturais possibilitam ressignificações e enredamentos a partir de “ações empreendidas pelos próprios atores sociais produzem respostas criativas, gerando dissidências ou dissonâncias em relação às grandes estruturas de poder e dominação” (Pereira, 2017, p. 18).

CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Em uma conjuntura marcada pela intolerância e pelo avanço do neoconservadorismo, que se manifesta através de movimentos como escola sem partido, estatuto da família e dia do orgulho heterossexual, a inserção de uma perspectiva transmasculina na literatura representa uma quebra dos “padrões”: são corpos que enunciam novos olhares sobre antigas questões e reivindicam outras letras ao contarem sua história em primeira pessoa.

Freire (1978, p. 75) afirma que é necessário investir em ações que permitam ao oprimido a apreensão e o reconhecimento sobre si enquanto sujeito capaz de se transformar e transformar sua própria história. Desse modo, o fazer literário com sua capacidade de tratar temas sérios de forma lúdica torna-se instrumento para conhecer e dar sentido ao mundo e suas relações sociais, sendo via de construção de subjetividades. Ao contar histórias, os sujeitos atribuíram sentidos aos fatos e, até mesmo, os ressignificam. A produção



de si como sujeito criador de sua própria história e a memória são guiadas por propósitos normativos aprendidos e vivenciados socialmente.

Assim, a escrevivência proposta por Bruno Santana e por tantos outros autores transmasculinos/es pode contribuir à efetivação de pequenas ações políticas cotidianas, interferindo no imaginário social ao incorporar valores e atitudes alicerçadas em uma visão crítica e emancipatória, além de propor resistências “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício [...]” (Foucault, 1999, p. 91).

Refletir sobre os embates presentes em “parir a si mesmo” é reconhecer o acirramento de forças presentes no processo político em vigor a partir da articulação de “novos” discursos atrelados ao avanço do neoconservadorismo. Uma produção literária que nos possibilita pensar os ambivalentes modos de existência transmasculinas que circulam e se cruzam nos tortuosos e incompletos processos de criação de vidas forjados nas brechas da estrutura (cis)normativa.

A partir (e para além) da sensibilização, tais escrevivências configuram-se enquanto experiência estética e política de suma importância para a construção de novos olhares sobre masculinidades articulados a outros demarcadores da diferença (raça, etnia, identidade de gênero, sexualidades e território).

São corpos que, mansamente, tecem fios nos quais o tempo de cada um também é o tempo coletivo, assim como a história de cada pessoa é a história de várias vozes, atravessada por uma conjugação de sentidos de si. Sendo assim, é urgente que (re)exista a circulação dessa produção em diversos âmbitos, sendo reconhecida enquanto movimento epistemológico, político e artístico.



CAPÍTULO 3

“Mataram João
ninguém”: escrevivências
das transmasculinidades



Fonte: Revista Transviades, 2021. Risco Dante Saldanha

Minha transgressão é grave, mas uma vez refugiado não cabia afirmarem a ilegalidade, as novas acusações são de fraude. Dizem que eu queria ser como cis-homens, e por esse desejar sofria de um transtorno. A cisgeneridade do alto do de seu narcisismo moldou o genitalismo como construto para sustentar seu essencialismo, impedindo a sie outres de serem independentes da fôrma.

Risco Thomaz A. Magdinier



Mataram João ninguém

Quando o próximo sangue
jorrar daquele por quem
ninguém irá chorar,
daquele que não deixará nada
para se lembrar daquele em quem
ninguém quis acreditar.
Quando seus olhos só puderem
fitar o escuro quando seu corpo
já estiver inerte, frio e duro,
quando todos perceberem morto
oão Ninguém
e quando longe de todos ele será seu próprio alguém.
Tantas mãos, tantas linhas
incertas, tantas vidas cobertas,
sem ninguém pra sentir,
Tantas dores, tantas noites desertas
tantas mãos entreabertas, sem
ninguém pra acudir.
Qualquer dia vou despir-me
da luta pisar em coisas
brutas, sem me arrepender.
Tão difícil ver a vida assassinada
quando estamos já tontos pra
tentar sobreviver.
As perguntas sem
respostas, sem nada,
as vidas curtas e
desamparadas
o último grito que não foi
ouvido
calaram mais um homem
iludido.
E no mundo não dão mais
argumentos pra fugir aos lamentos
De quem sozinho falece.
de quem sozinho falece.
Para esses, não há mais
compreensão, não há mais
permissão, para que se
tropece.
Na televisão, o aguardo da cotação um
instante ocupado, para dizer morto
João
Ninguém, mas a aflição ataca,
a cotação subiu ou caiu?



e João morreu... ninguém ouviu.

Eu vou
distribuir
panfletos,
dizendo que
João morreu
talvez

alguém se recorde do
João que falo
eu.

Falo daquele mendigo
que somos pelo menos
em matéria de amor,
daquele amor que esquecemos
de cultivar

o qual com tanto dinheiro, ninguém jamais
coroou.


Anderson Herzer (1982, p. 53-54).

Este é um poema de Anderson Herzer. Talvez, depois de uma leitura atenta, perceba-se que Anderson fale não só da morte física, mas também de outras mortes. Há, nos versos, uma apreensão da realidade: mesmo que tais escritos tenham sido feitos durante a década de 1980, é possível descortinar o poema para nossa atual conjuntura. Muito embora talvez não fosse a intenção do autor falar sobre Transmasculinidades, sinto, ao ler cada verso deste poema, o peso de ~~não ser ninguém~~ face ao sistema – o mesmo sistema que não reconhece nossa identidade e demandas, que nos ~~nega direitos~~. Quem é João Ninguém? João tem nome, mas ~~não é ninguém~~? É alguém que foi esquecido ou sequer foi visto. É alguém, mas vive a luta para tentar sobreviver.

João, um nome comum, fácil de lembrar, mas mais fácil ainda de ser mais um outro qualquer.

A ~~ausência~~, o ~~silenciamento~~ também são produtores de mortes, mas a ideia aqui é outra: é falar de vida. Por isso, a proposta de uma escrita *Transmasculina* no terceiro risco deste trabalho manifesta-se também como uma maneira de responder a uma suposta ~~ausência~~ do movimento “epistemológico” das Transmasculinidades. A tal presumida ausência das vozes Transmasculinas é também fruto do não-reconhecimento dos movimentos literários, artísticos e acadêmicos enquanto promovedores de conhecimentos outros, do fazer político, da resistência. Essas articulações das Transmasculinidades também acabam por rasurar, riscar e quebrar as lógicas dos “padrões hegemônicos”. São saberes, narrativas e vivências que manifestam novas maneiras de olhar, ser, agir e pensar no mundo.

Desse modo, compreendo que essa composição de fazeres poéticos, de narrativas e de experiências acadêmicos compõem a ideia de uma escrita



Transmasculina. É um arranjo que articula manifestações de escrita/voz, que conta de si, da vivência, da resistência, da memória de outras Transmasculinidades e da própria. E essas muitas maneiras do contar de si interseccionam-se com as escrevivências de Conceição Evaristo (2017). Afinal, trata-se de um conhecimento produzido a partir da experiência, da autonarrativa. A *escrita transmasculina* também se forja num processo de escrever-viver bem como as escrevivências são “[...] relatos memorialísticos que reatualizam o passado, tecem o presente e organizam o futuro. Escrevivência poderá, assim, suportar um modelo de escrita sobre histórias silenciadas, negadas, vilipendiadas” (Borges, 2020, p. 189).

Dito isso, neste capítulo as escrevivências mobilizadas pelas Transmasculinidades que se apresentam a partir das autobiografias, da Transarte e da Transpoesia serão evidenciadas. Começemos pelas escrevivências autobiográficas Transmasculinas pioneiras e, em seguida, por uma mobilização dessa escrita e da arte mais contemporânea.

Aqui, nossos Joãos terão nome e sobrenome. Não viveremos no silêncio ou anonimato:

seremos, pois, nós os sujeitos detentores de nossas narrativas como anunciado por hooks (1989, p. 42) “que tem o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias.” Assim, por aqui se seguirão o colorido e a celebração desses movimentos, nos quais não seremos o objeto, mas o sujeito, os protagonistas de nossas histórias.

3.1 “Transpareço em catarse aguda”: movimentos autobiográficos das transmasculinidades.

Amara Moira no texto “O que nos dizem as autobiografias trans?” (2018) nos convida a fazer uma análise sobre as pioneiras autobiografias trans, sobre a forma como foram lidas e o que dizem narrativas contidas nos livros. Assim, “A Queda para o Alto” (1982), de Anderson Herzer, autobiografia trans pioneira no Brasil, simboliza um marco na produção literária brasileira Trans e especialmente no movimento de Transmasculinidades. Esse livro surge como uma forma de denunciar violências contra menores em situação de cárcere. De acordo com Moira (2018), a obra não trata somente disso: fica evidente nas entrelinhas e nos paratextos que Herzer expõe “o caráter compulsório da cisgeneridade, a guerra travada contra qualquer outra narrativa de gênero.” (Moira, 2018, s/p). Ousaria acrescentar que Herzer rasura as lógicas dos sistemas de vida e fazer literário e, para além disso, suas escrevivências subvertem as expectativas das normatizações hegemônicas.

Figura 15 – Risco de Herzer




Fonte: Twitter de Eduardo Suplicy

Nascido na cidade de Rolândia, estado do Paraná, no dia 10 junho de 1962, do signo de gêmeos, Anderson Herzer nos apresenta em seus escritos um pouco do universo da sua vida. Sua biografia e poesias foram documentadas em “A Queda Para o Alto”, publicado pela Editora Vozes em 1982. A obra foi lançada às vésperas do final da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Boa parte dessa obra, conta sobre sua vivência na Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM), onde viveu dos 14 aos 17 anos de idade. É uma autobiografia pioneira por tratar-se de uma autoria Transmasculina e por ser um relato de um egresso da Febem.

Minha Vida, Meu Aplauso

Fiz de minha vida um enorme palco
Sem atores, para a peça em cartaz
Sem ninguém para aplaudir este
meu pranto
Que vai pingando e uma poça no
palco se faz.
Palco triste é meu mundo
desabilitado
Solitário me apresenta como
astro




Astro que chora, ri e se
curva à derrota
E derrotado
muito mais astro me faço.
Todo mundo reparou no meu olhar
triste
Mas todo mundo estava cansado de
ver isso
E todo mundo se esqueceu de minha
estreia
Pois todo mundo tinha um outro
compromisso.
Mas um dia meu palco, escuro,
continuou
E muita gente curiosa veio me ver
Viram no palco um corpo já
estendido
Eram meus fãs que vieram para me
ver morrer.
Esta noite foi a noite em que
virei astro A multidão estava lá,
atenta como eu queria.
Suspirei eterna e vitoriosamente
Pois ali o personagem nascia
E eu, ator do mundo, como minha
solidão... morria!
Anderson Herzer (1982)

Há, nos versos de Anderson Herzer, um tipo de escrita que atravessa, incomoda, colocamos no lugar da inquietude. Esse poema nos demonstra um pouco o que foi a vida do autor: a solidão se apresenta em seu fazer poético, retratando o palco de sua vida. Anderson faz da poesia seu maior palco, onde a arte das suas palavras duras expõe realidades intragáveis, o encarceramento, a marginalização e o abandono. Além disso, seus versos nos posicionam a refletir sobre amor, existência e saudade.

A literatura é um instrumento que possibilita, através das palavras, um fazer político; a comunicação pode remontar inquietações, dores, sentimentos que nos movem para dentro e para além. No livro 'A queda para o alto', lançado pela editora Vozes em 1982, a autobiografia de Anderson Herzer constrói, a partir de uma escrita de suas vivências, seu fazer literário e político.

Dividido em duas partes, o livro conta, no primeiro momento, com "Depoimentos". Em prosa, texto trata de sua vida em vinte e nove capítulos. Segundo o relato de Eduardo Suplicy no prefácio do livro, a sugestão para a construção desta parte do livro foi da editora Rosie-Marie pois, acompanhadas de uma história, suas poesias fariam mais sentido: "Daí a ideia de transpor



neste livro fases da minha vida fases de minha vida, e é lógico que me fixei na fase mais constrangedora de minha vida, minha estadia na FEBEM” (Herzer, 1982, p. 135) .

O segundo momento do livro é intitulado “Poemas”, formado por quarenta e três poesias, as quais, segundo o autor, são palavras que expressam seu mundo, sua maneira de expressar sua verdade e sonhos. Anderson revela-se por meio de seus versos, “e agora seja você quem for te revelo em poesia, minha estória” (Herzer, 1982, p. 143).

A realidade da FEBEM foi extremamente assustadora para Herzer, tendo passado por constantes violências sofridas pelos menores que lá estavam, por uma estrutura precária, sem redes de acolhimento e apoio aos jovens inseridos na instituição. Segundo Herzer (1982, p. 46), “[...] relatar, apenas, não é o suficiente para que as pessoas possam sentir o quanto é constrangedora a visão de um local onde as pessoas são como objetos sem uso...depositadas”. Herzer nos apresenta, em sua obra, as opressões e assimetrias de um ambiente de encarceramento de pessoas jovens lidas socialmente como mulheres, e os reflexos de um espaço destinado a um tratamento específico a pessoas sentenciadas pela sociedade como marginais, subversivas, imorais.

A autonomia de Anderson não bastou. Assinar seu livro como Anderson Herzer também não foi suficiente, não só para aqueles e aquelas que organizaram o livro, mas a todas as pessoas que negaram a autodeclaração de Anderson, insistindo em expor seu nome de registro no prefácio do livro, em reportagens e em artigos acadêmicos nos mais diversos lugares onde a história do Anderson foi contada: em sua maioria, houve a exposição do nome de registro. Amara Moira (2018) descreve como isso é um processo de violência:

Para nós, esse dado é um fantasma, palavra sempre lembrada quando nos querem ferir, acuar: qual o seu nome de verdade, o nome que diz quem você é? Anderson, no caso, mas permitir que ele se chame assim pode pôr todo um sistema de nomeação em xeque. O poder de renomear-se é o poder de romper com a norma, em especial quando esse re-nome desdiz o gênero que, com base em seu genital de origem (“de origem”, pois lembremo-nos sempre das cada vez mais comuns cirurgias de redesignação sexual), lhe impuseram (Moira, 2018, s/p).

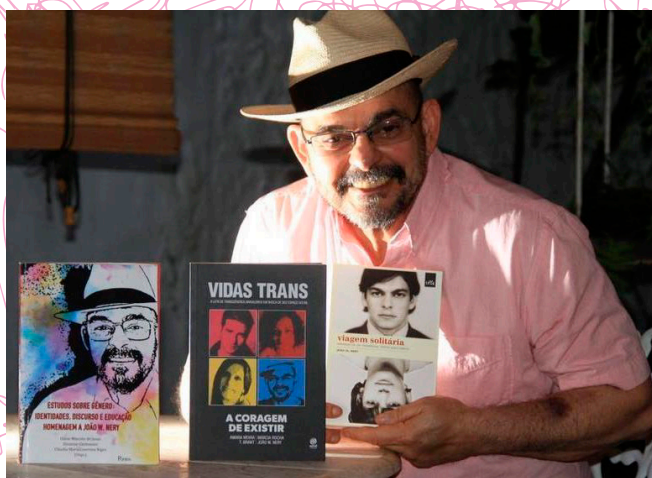
Anderson se reconhece enquanto Anderson, e não é necessário nenhum esforço para entender isso ao longo do texto, tendo sido legitimado pelo seus como Anderson ou, como ficou conhecido na FEBEM, Bigode – apelido pelo qual tinha um grande apreço.

A palavra bigode significava não somente um apelido, mas era algo carinhoso, guardado para qualquer ocasião. Eu sabia que de longe as pessoas comentavam ao meu respeito, de como eu po-

deria estar no meio das meninas, se eu não era simples “machão” da FEBEM. As pessoas viam claramente que em mim acontecia algo diferente [...] para mim eu era um rapaz em fase adolescente, e para alguns um caso que deveria ser tratado clinicamente (Herzer, 1982, p. 79).

Muitos foram os silenciamentos vividos por Anderson, mas, mesmo diante das tentativas, suas palavras permanecem; as sementes plantadas por suas poesias frutificam e resistem. Ao nomear-se, ao descrever suas vivências, Anderson colocou em risco as normas e os padrões de gênero, ressignificou maneiras do ser homem ao não aceitar a genitália como marcador de sua identidade.


Figura 16 – Risco de João W. Nery



Fonte: Portal de Notícias Ponte

O nome João W. Nery foi inicialmente escolhido pelo autor como um pseudônimo. Ainda que em sua militância e carreira fora reconhecido com esse nome, esse não foi o nome escolhido por Nery na ocasião de mudança ilegal de seu registro (Costa, 2022).

Muito conhecido por seu pioneirismo em relação à cirurgia de redesignação sexual no Brasil, Nery representa muito além disso: ele lutou por uma maior visibilidade para os direitos das pessoas Trans, especialmente das pessoas Transmasculinas. Nery não só lutou por sua existência, mas por todas as pessoas Transmasculinas. Uma dessas lutas resultou no Projeto de Lei João W. Nery, (PL 5.002/2013), que dispõe sobre a identidade de gênero e assegura o direito ao seu reconhecimento sem a necessidade de autorização judicial e outras exigências. Ao contar suas histórias, Nery abriu caminhos para que muitos



outros de nós pudéssemos contar nossas vidas também. Nery seguirá sendo semente de possibilidades.

A obra de Herzer abre passagem para outras autobiografias transmasculinas. Na década de 1980, João W. Nery escreve a sua primeira autobiografia “Erro de pessoa, João ou Joana” (1984), sem atingir grandes resultados num país onde o cenário político-social vivenciava as decorrências da ditadura civil-militar. Na dedicatória do livro já se sentia a angústia daquele momento: “este livro é um grito e o dedico a todos os injustiçados (quer por motivos sociais, jurídicos, econômicos, políticos, físicos, emocionais etc.), que lutaram ou ainda lutam por seus direitos, ‘se endurecendo, mas não perdendo a ternura jamais’” (Nery, 1984). Desde então João lutou pela visibilidade do movimento das transmasculinidades no Brasil. Sendo reconhecido como um dos patronos do ativismo trans, João W. Nery chegou a publicar 3 autobiografias ao longo de sua vida (Costa, 2021).

A reedição da obra “Erro de pessoa, João ou Joana” (1984) acontece em 2011 com um novo título: “Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois”. A obra, dividida agora em cinco partes, teve sua primeira parte intitulada ‘Desencontros Nery’ e conta as vivências do autor na infância e na adolescência. Designado ao gênero feminino no nascimento, Nery era o terceiro de quatro filhos, cujo pai era comandante de avião e a mãe, professora da educação básica. Teve uma infância triste e sozinha, pois não se sentia pertencente às brincadeiras e ao modo de viver de suas irmãs.

Todos me viam como uma menina. Para mim, era um menino. Havia um abismo entre como viam e como me sentia. Adorava brincadeiras consideradas de menino. Era reprovado. Gostava de me vestir como garotos, tentando rivalizar e competir com eles. Era ignorado. Tremia e me apaixonava pelas meninas, mas era impedido de me declarar (Nery, 2019, p. 36).

Mesmo não entendendo de forma colorida o que se passava, João foi crescendo e tentando negociar a sua existência. Em alguns momentos de sua adolescência, ele tentou caber nos moldes da cisheteronormatividade. Nesse sentido, descreve alguns desses períodos no capítulo “Tentando ser mulher”, a partir do qual se viu incapaz de negar a identidade de gênero que lhe foi estabelecida, sendo acuado por pressão familiar e social. Foi nos amores que viveu e foi descobrindo uma fuga possível para viver a identidade que tanto desejava.

Na parte II, Descobertas Nery conta seus primeiros movimentos em busca da sua realização em tornar-se homem; ele gostaria de fazer a cirurgia de redesignação sexual e, então, começou suas árduas batalhas em busca de médicos, exames, laudos, atestados, avaliação psicológica e psiquiátrica a fim de que se atestasse que João poderia fazer as cirurgias.

Após custosas e cansativas batalhas, João consegue a realização das cirurgias que tanto almejou. Ele retrata isso na parte III do livro – Metamorfose. Cirurgias naquela época eram ilegais, mas João conseguiu: “Finalmente era um homem! Um homem de carne e osso, e não somente na imaginação! Restava-me ainda ser totalmente carimbado e protocolado. Agora meu corpo se moldava melhor a minha essência” (Nery, 2019, p. 226). As dificuldades não terminaram após cirurgias, pois Nery precisava recomeçar a vida e de novos documentos, novo emprego e de um novo lugar para viver.


Na última parte de sua obra, Paternidade João, há o relato sobre a sua experiência de viver a paternidade, sua emoção ao ver seu filho nascer. Foram momentos marcantes da infância e da adolescência daquele filho, que, para João, era a realização de um sonho. João era um pai dedicado e amoroso, que viveu a paternidade como um presente.

O livro ganhou grande visibilidade após uma participação de João Nery em um programa televisivo, o que também possibilitou e ainda possibilita abrir caminhos pela visibilidade do movimento trans. Nesse seu movimento ativista, Nery também constrói importantes espaços de acolhimento já que suas histórias de vida foram tornando-se referencial para outras transmasculinidades e suas experiências foram inspirando e encorajando outros.

Figura 17 – Risco de Lessa



Fonte: Reprodução do Instagram de Jordhan Lessa



Escritor, palestrante, mentor de diversidade e inclusão, Jordhan Lessa poderia ser o que quisesse. Ele é um daqueles homens que enfrentam o mundo. É possível entender facilmente isso até numa rápida conversa com ele, um carioca de sorriso fácil e que fala o que pensa. Sua escrevivência não foge de sua essência. Fala de suas dores e amores sem rodeios, sem meias palavras. Suas lutas dão o tom de sua escrita.

Além disso, é coordenador do IBRAT no Rio de Janeiro. Como servidor público, colaborou nos projetos da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro para a inclusão das pessoas Trans na administração pública, no respeito e uso do nome social, na atenção ao atendimento de saúde, empregabilidade e segurança, e na elaboração do Guia da Diversidade LGBT 201, assim como na criação do Dossiê LGBT do Instituto de Segurança Pública do estado.

Jordhan Lessa (2014) conta como foi encorajado por João em um encontro numa palestra ministrada por João W. Nery. Em “Eu trans: a alça da bolsa - Relatos de uma transexual”, autobiografia do Jô Lessa, o autor descreve como a possibilidade de ouvir aquelas palavras possibilitaram seu reconhecimento enquanto homem trans.

Além disso, seu livro expõe histórias de uma infância conturbada, em que chegou a ser expulso de casa e foi internado na Fundação Nacional do Bem-estar do Menor (FUNABEM).

Foi também internado em um manicômio para “tratamento”, onde sofreu estupro corretivo e engravidou. É um livro repleto de (re)começos, tropeços, andanças por muitos lugares, (re)encontros e de muita resiliência. Em meio a um turbilhão de atravessamentos, Jô nos apresenta suas poesias, uma delas escrita para seu filho:

Recado de um Defunto

(morto de saudades)

Quando eu passar desta vida para outra
Deixo lembranças da minha existência terrena
De onde eu estiver guiarei teus passos
Te alegrarei nos momentos de tristeza
Te acalmarei nos momentos de raiva
Te deixarei nos momentos íntimos
E zelarei teu sono para que durmas tranquilo

Na minha passagem desta para outra
Não quero flores, nem choro;
Não quero que falem bem de mim, por que antes ninguém falou
Quando eu passar desta para outra
Guiarei teus passos para que caminhes sozinho
Pelos caminhos do bem, da honra e da paz;

Por que nasceste de mim e serás eternamente
MEU FILHO

(Rio, 21/05/1986. Jordhan Lessa, 2017, p. 81).

É possível experienciar os sentimentos guiados por Jordhan não só nas palavras destinadas ao seu filho, mas durante toda sua obra – vívida, pulsante, humana. E, assim como trouxe Nery nas notas no livro, é possível também entender como o gênero funcionou como uma alça, carregando o todo o peso do corpo e do gênero, que nunca sentiu como seu.


Descobrir-me uma pessoa trans, um homem trans, me fez perceber que o que me fazia mal, me deixava doente e quase me levou a loucura, não foi a transexualidade, mas sim o preconceito, o desamor e os dedos apontados para mim que me acusavam e me condenavam. (Lessa, 2017, p.122-123).

As escrituras de Jordhan nos apresenta uma vida dura, na qual, em muitos momentos, precisou recomeçar. Aos 45 anos de idade, ele encontrou reconhecimento nas palavras ditas por João Nery em uma palestra e no seu livro. Esse reconhecimento não lhe trouxe uma vida mais fácil e leve, mas trouxe a coisa que procurou por muito tempo: o pertencimento.

Figura 18 – Risco Téhh Queiroz



Fonte: Reprodução do Instagram de Stevan Queiroz



Stevan Queiroz é um empresário e influenciador digital que ficou famoso por seu canal no YouTube em 2015, Téhh Queiroz (apelido do autor). Alcançou sua popularidade documentando sua jornada de transição, especialmente com informações sobre sua hormonização. Atualmente, tem uma loja virtual, com produtos destinados a pessoas transmasculinas.

Nesses percursos de autobiografias, “A vida de um transgênero” (2018) nos apresenta um pouco da vida de Stevan Queiroz. É uma obra de fácil leitura, na qual Téhh conta sobre sua infância, adolescência e como viveu seus processos de transição de gênero.

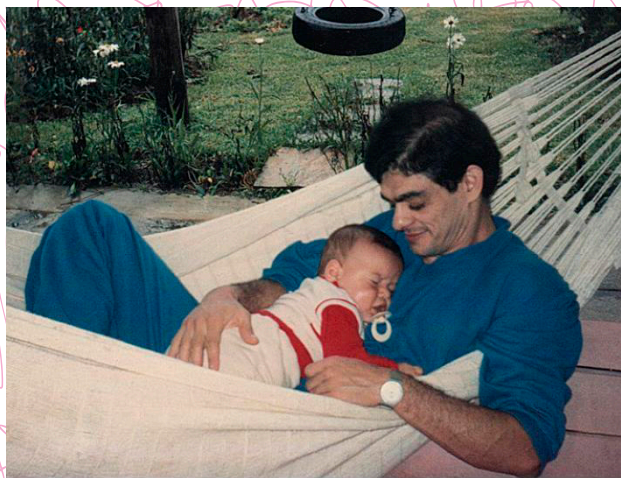
Ao longo de sua narrativa, é possível ver como Queiroz (2018) vai negociando sua existência desde a infância, com o uso das roupas que o faziam sentir-se mais confortável; na adolescência, com a decisão do corte do cabelo, o uso dos hormônios e, durante sua trajetória de vida, com os processos de desidentificação com a identidade de gênero que lhe foi atribuída ao nascer. Suas escrituras conduzem-nos a acompanhar seus processos de descobertas, descobrindo a si e a transgeneridade.

Ao caminhar pelos novos conhecimentos de si, Téhh questiona as maneiras de ser homem, e, ao passo que vai ganhando uma leitura social de homem cis, percebe como os seus modos de agir precisariam mudar para que ele se socializasse com outros homens.

Algumas coisas fui obrigado a aprender. Cumprimentar com a mão: não sabia o quanto era chato e difícil cumprimentar da forma como os garotos faziam! Antes, dava beijo no rosto de todos e estava resolvido, agora não era mais assim. Alguns chegavam dando aperto de mão, outros aperto de mão mais curto, seguido de um tapa nas costas, outros com alguns toques de mão que nem tinha reparado que existiam. Estava um desastre com tudo isso, sempre errava o jeito de cumprimentar. Quando ia dar aperto de mão era só um toque de mãos, quando ia abraçar era só aperto de mãos, custei a aprender. Por mim, continuaria dando beijo no rosto de todos que estava resolvido, mas infelizmente o mundo dos homens não aceitava isso (Queiroz, 2018, p. 119).

Ao passo que Queiroz (2018) vai narrando suas experimentações com a leitura social de homem cis, é possível perceber os privilégios que essa leitura social permite, já que, “Depois que a aparência ficou masculina, ainda me pegava desviando de alguns homens na rua, depois lembrava que estariam me vendo na imagem masculina e não corria mais esse risco” (Queiroz, 2018, p. 119). Com esse destaque, a pretensão não é universalizar as expectativas transmasculinas para um ideal estético da cismasculinidade, mas mostrar como as estruturas da masculinidade agem de diferentes maneiras em diferentes corpos.

Figura 19 – Uma vida de Riscos, João W. Nery



Fonte: “Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois”, 2011

Nasci na época certa, a da “juventude transviada”. Eram os que desviam do rumo normal. [...] As dúvidas continuam na minha velhice transviada: se sou um transvelho vivendo em um novo mundo ou a releitura de um mundo velho, ou se sou um cara que reinventei meu velho mundo novo (Nery, 2019, p. 15).

E foi assim, um Transhomem que ao se reinventar, reinventou outras maneiras de ser homem, filho, pai, marido e avô nesse tempo. Foi marcado como alguém estranho, perigoso e contaminador por ser quem era, mas, mesmo diante disso arriscou tudo que tinha, para ser quem foi.

Em “Velhice Transviada: memórias e reflexões”, de João Nery (2019), mais uma vez por meio das palavras compartilham-se suas vivências; agora, na terceira idade. Seu livro narra sua velhice vivida como um corpo dissidente e, por meio de entrevistas, dá voz a outros Transidosos. Essa obra é, contudo, póstuma pois, no processo de escrita, João adoeceu. Nos escritos, não deixam de existir a sabedoria, a esperança e a coragem de um homem Trans* que plantou muitas sementes e viu o florescer de muitas delas. “As gerações futuras estão precisando de beleza, de amor, do que nos fortalece no que há de melhor no ser humano” (Nery, 2019, p. 170).



Velhice

Inimiga evidente e soturna, que não nos larga o braço
nem por um segundo. Com saltitantes choques,
minas a ingênua crença de sermos exceção
(ilusória mortalidade).

Poderias caminhar comigo, lado a lado,
Mas por que teimas em mim? Na minha carne?
Por dentro dos meus ossos?
Desapegue-se-me um só instante, para eu me atrasar na
juventude!


Bruma geral que a todos
cobre
Que consolo este, de serdes
apenas,
O grande álibi para nossas
mazelas?
Que química do horror destila na pele criando outro rosto?
(Que rosto tínhamos, quando não sabíamos?)

És cruel. Não caminhas tão lenta quanto o esquecimento.
Em riste, apontas sempre para o fim, só por anunciares o início de qualquer
transformação.
Que importa? Já não sei serei eu.
Serei outro – esse eterno desconhecido familiar... E depois, nem mesmo
sei de certeza desse meu apego a mim, como sou!
Talvez até ter outro em mim já não importe mais.

Em qual direção me conduzirás?
Para a dos hóspedes, a quem foi apenas concedida Permissão para ainda
permanecer na portaria reformada, ou para a dos usurpados, pelas ultrajantes gera-
ções
subsequentes?

Gostaria de recebê-la docemente, sem pensar.
Envelhecer de tudo no mesmo ritmo das células.
Mas, já que és futuro indesejado e temido, faz-te atraente e tranquila,
esvazia o sentido dos meus assustamentos, torna-me sedentário no corpo e na alma,
conciliando assim o ter o desejo com desejar.
Dá-me enfim a ousadia necessária de me ver gargalhar, com a dentadura
a gargalhar dentro do copo.

João Nery escreveu esse poema aos 35 anos.
(Nery, 2019, p.13-14).



Uma certa vez adicionei Nery no Facebook após ler “Viagem Solitária”, livro que uma amiga havia me emprestado. Naquele momento estava vivendo um milhão de sentimentos dentro de mim – era uma mistura de susto e encantamento com a possibilidade de existência de outras pessoas Transmasculinas. De forma inesperada enquanto olhava sua página, João me cumprimentou no *chat* e começou a puxar assunto. Fiquei alguns minutos ali, olhando para a tela, sem saber muito o que conversar com ele. Era, afinal, ninguém menos que João Nery falando comigo. Ele perguntou de onde eu era, querendo saber mais sobre mim. Conduziu de forma afetuosa o bate-papo e, em dado momento, perguntou se eu era um homem Trans* e respondi a ele não saber. Então, ele respondeu prontamente: pode conversar comigo se precisar.

Nunca mais voltei naquela janela de conversa, nunca mais voltei a falar com o João.

Durante minha leitura do epílogo do livro “Velhice Transviada”, em meio a muitas lágrimas, senti muito por não ter voltado àquela janela, ou tentado abrir outra. João foi – e ainda é – tão importante dentro das nossas lutas; inspirou, encorajou, resistiu e resiste: João vive!

Suas últimas linhas escritas no livro essas: “que venha o que tiver que vir. Não coloco nas mãos de nada nem ninguém meu destino. Minha vida é só minha e só eu morrerei com ela”. A sua vida, tudo o que construiu e todos os caminhos abertos por você são luz para muitos de nós, João. Seguiremos aqui contando sua história e (re)escrevendo as nossas.

Ao retomar o questionamento de Amara Moira (2018) em “O que nos dizem as autobiografias trans?”, pensando aqui no recorte das autobiografias citadas acima então, o que nos dizem as autobiografias transmasculinas? São escrituras que contam, de forma particular, não só o processo de transição desses homens, mas também como agenciaram suas existências. Esse é um ponto comum nas autobiografias transmasculinas, tal como é possível perceber que não existe uma única maneira de viver a Transmasculinidade. É fato que cada uma dessas histórias se passa em tempos diferentes, contudo, para existir enquanto pessoa Transmasculina numa sociedade estruturada a partir da cisheteronormatividade, é necessário achar, nas falhas/brechas desse sistema, possibilidades de vida.

São obras que tencionam e põem em xeque os signos e os significados em torno do “ser homem”, negando que o gênero é definido pelo genital com que nasceram (Moira, 2018), não atendendo ao ideal de masculinidade estabelecido e vislumbrando outros ideais de masculinidades para si. Construir-se é um desafio e, mesmo que isso pareça inimaginável, anormal, uma loucura, esses homens fizeram-no. Enfrentaram a norma para serem quem são.



Autorretrato: novos movimentos das escriturivências Transmasculinas.


As produções transmasculinas artística, literária e acadêmica ganham outros coloridos com uma geração mais envolvida e inspirada pelos ensinamentos de João Nery e pelas novas demandas dos ativismos transmasculinos. Uma nova geração de escrita Transmasculina, com nomes como Bruno Santana, Jomaka, Caio Jade, Juno Nedel, Cello Pfeil, Bruno Pfeil, Leonardo Peçanha, Vércio Gonçalves, Esteban Rodrigues, Tito Carvalhal, Benjamin Neves, Caio Souza Tedesco, Shay de los Santos Rodriguez, Guilherme Almeida, e tantos outros, pleiteia evidência à produção dessa escrita e a transgressão de uma narrativa universal sobre as existências dissidentes (Santos; Santos; Dias, 2022).

Em 2018, duas obras com poesias de dois homens Trans*, negros, baianos, são lançadas pela editora Padê Editorial, fazendo parte da coleção intitulada “Cole-sã escriturivências”, organizada e viabilizada pela poeta negra Tatiana Nascimento, com apoio do Fundo Elas de Investimento Social, do Rio de Janeiro. Essa coletânea é um conjunto de obras escritas por pessoas LGBTQTs predominantemente negras. O título da coleção, Cole-sã, é inspirado nas escriturivências de Conceição Evaristo, como e vê: “(...) a nossa escriturivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (...)” (Evaristo, 2007, p.16), assim, Tatiana Nascimento refere na apresentação geral de cada obra.

Entre as obras da coleção está “Amar Devagarinho” (2018). Nela, Bruno Santana nos adoça os sentidos com sua capacidade de transbordar amor. Sua escrita cuida das palavras e planta (re)existência. Este é um daqueles livros que lemos e revisitamos sempre, que ficam na parte de mais fácil acesso da estante. Bruno escreve sobre amor e saudade como num bom papo de domingo à tarde na varanda de casa, com um amigo confidente.

XXI
Silenciar, Transbordar.
Musical você,
Em acordes
De saudade... E amar
Devagarinho.
Bruno Santana, 2018.

Outro livro que compõe a coleção é “Sal a gosto” (2018), de Esteban Rodrigues. Nesse encontro com suas poesias, somos arrebatados por sua escrita a cada página; suas poesias são como melodias inesquecíveis, assim como um maravilhoso livro de poesias. Esteban tem uma escrita que se afasta das formalidades, explora as felicidades efêmeras, o amor, a saudade e a dor.



eu já estive submerso
me perco em
espaços que não são meus como aquele dia
em que choveu um céu inteiro e eu me escondi
mesmo já molhado

não que fosse a primeira vez
eu só ainda não sabia o que fazer ainda não sei
espero que não chova

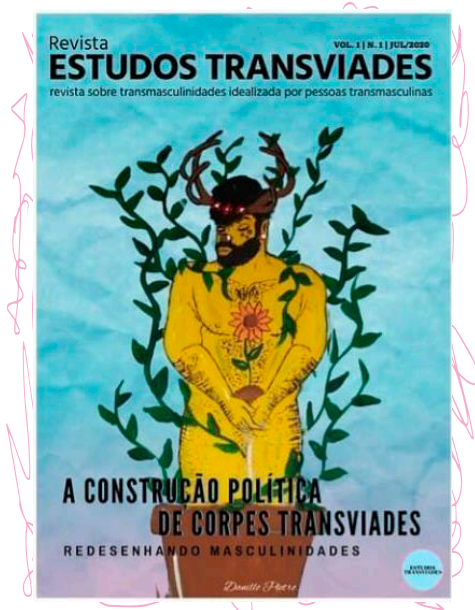
(Rodrigues, 2020, p. 24)

Em 2020, Esteban lançou seu segundo livro, “com mãos atadas e como quem pisa em ovos”. Assim como seu primeiro livro, o autor nos presenteia com poesias que nos possibilitam experimentar cada momento descrito na efervescência de suas experiências, transbordando o real. É uma literatura que muitas vezes se transforma em inquietudes, desconforto e busca pelo reconhecimento de si. Esteban não deixa de lado, contudo, os encontros com ativistas e políticos.

Nesse cenário no segundo semestre de 2020, foi lançada a revista “EstudosTransviados”, idealizada e produzida por pessoas Transmasculinas sobre Transmasculinidades. Na apresentação da revista, em sua primeira edição, os organizadores do projeto contam que a proposta da revista “[...] é incentivar um processo de mudança cada vez maior nesse cenário de marginalização e invisibilização. É pensar as potencialidades de corpos transmasculines produzindo vida e novos horizontes de futuro” (Transviados, 2020, p. 9).

Os organizadores oferecem, assim, um espaço de acolhimento e visibilidade para as mais variadas produções Transmasculinas, de forma a buscar seus diversos atravessamentos, sem imposições academicistas e fora de uma lente patologizante cisnormativa. Para auxiliar a construção da revista, a organização contou com diversos Transmasculinos, tais como Cello, Ramiro, Nico, Bruno, Nicolas, Thárcilo, Kaio Lemos, Bruno, Théo Souza, Hirne Siqueira, Guilherme Almeida e Leonardo Peçanha. A escolha do nome se deu com inspiração na obra de João W. Nery e nos estudos Transviados consolidados no Brasil (Transviados, 2020, p. 9).

Figura 20 – Capa da Revista Estudos Transviades, 2020



Fonte: Revista Estudos Transviades (2020)

A revista está em sua sexta edição e a coordenação conta com Bruno Latini Pfeil, Cello Latini Pfeil Nicolas e Pustilnick Thárcilo Luiz. E a equipe editorial é formada por Bruno Latini Pfeil, Cello Latini Pfeil, Nathan Victoriano, Nicolas Pustilnick Thárcilo Luiz e Uarê Erremays. O periódico traz ensaios, textos, poesias, prosas livres, depoimentos, cartas, desenhos, aquarelas, quadrinhos, ensaios fotográficos e artigos acadêmicos sobre temas que não componham exclusivamente assuntos dos estudos de gênero e sexualidade e atravessamentos outros do cotidiano e das vivências das trajetórias das Transmasculinidades.

A primeira e a segunda edição trouxeram como tema “A construção política de corpos transviades – Redesenhando masculinidades”, compondo-se por trabalhos com temas que vão desde as transmasculinidades até a família, a sexualidade e o reconhecimento, a feminilidade e a performance.

Em sua terceira e quartas edições, cujo tema foi “Em defesa da autodeterminação – Resistência transmasculina”, a revista ficou repleta de imagens e desenhos que, juntamente aos textos e às poesias, (re)configuraram as noções de corpo, masculinidade e autodeterminação das transmasculinidades.

“Estamos aqui – celebração da vida transmasculina” é o tema da quinta e sexta edição da revista Transviades, com o objetivo de memorar e abrir espaço

para os plurais movimentos articulados por pessoas transmasculinas e visibilizar e dar os nomes a essas pessoas – corpos historicamente silenciados.

Agora, articulam-se num contramovimento para incentivar e dar notoriedade as suas obras. São produções dissidentes que se propõem a desafiar o senso comum sobre as Transmasculinidades; suas publicações expressam o que para muitos é desconfortável, abominável ou o que não se pode pronunciar em voz alta. Em completa oposição a essas perspectivas, as produções Transmasculinas cultivam, (re)elaboram, (TRANS)formam e potencializam novos horizontes sobre nossas existências.


A revista é repleta de desobediências às práticas, às representações e aos agenciamentos emergidos das vivências das Transmasculinidades. Em suas figuras e imagens, os autores revelam como esses corpos vêm-se construindo, a partir de suas subjetividades e singularidades, e como significam esses processos, evidenciando pistas de suas estratégias para sobreviver. Assim, a Transarte Transmasculina também se manifesta na condição de corpovozes (Santos; Machado, 2021): por meio das manifestações artísticas, ecoam os próprios contextos e as narrativas pessoais e coletivas.

Figura 21 – Risco de Benjamin Aragão



Fonte: Revista Transviades (2020).

As Transartes Transmasculinas apresentam, em sua grande maioria, corpos em contextos de nudez, subalternidade, evidenciando também encantamen-



to e harmonia. Assim sendo, as imagens levantam inquietações emergentes dentro dos movimentos das transmasculinidades: a discussão sobre corpo e pertencimento. As obras ecoam vozes de manifestos políticos e artísticos que insurgem como defesa de direitos ao corpo e à própria condição de obra artística. São motivações que potencializam corpos, que manifestam e (re)significam outras maneiras de existência da masculinidade, que se contrapõem à masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013) e extrapolam a construção universal sobre as vivências das transmasculinidades:

Pode-se assim dizer que os corpos sujeitos a densos processos de violência, que se tornam vulneráveis, potencializam reações de (r)existência nos sistemas repressores a partir de suas narrativas, que se enunciam, também, nas artes. São corpos que se contrapõem aos doutrinamentos sociais, à estrutura fundada e preestabelecida, instaurando suas redes afetivas de ações contranormativas (Santos; Machado, 2021, p. 1341).


Desse modo, a Transarte reage aos sistemas de objetificações da sociedade. Em destaque, a “Revista Transviades” organiza e evidencia tais contramovimentos, provocando a construção desse espaço, o que possibilita outras condições de (re)existência e sobrevivência.

Em 2021, em parceria com a Editora Devires, que se compromete com a publicação de textos acadêmicos e/ou literários produzidos no campo das dissidências de debate com as epistemologias transfeministas, *queer*, pós-coloniais entre outras, a Revista Transviades, organizada por Theo Brandon Pitanga Gonçalves, viabilizou a construção do livro “Corpos Transitórios- Narrativas Transmasculinas”, compondo a coleção de saberes Trans juntamente a outras importantes obras como “*Criança trans*” (2020) Sophia Favero, “*Nem ao centro e nem a margem*” (2020) “*O Diabo em forma de gente*” (2020) Megg Rayara, “*Pedagogia da desobediência*” (2020) Tiffany Odara e “*Transvivências Negras*” (2021).

É um movimento de projeção de nossas vozes para além dos muros enclausurantes da cisnormatividade branca e uma afirmação de que nosso discurso é produtor de ideias relevantes que estão alinhadas com a transformação social (Pfeil; Victoriano; Pustilnick, 2021, p. 7).

“*Corpos Transitórios- Narrativas Transmasculinas*” é um livro que revela as múltiplas formas de experiências, territorialidades corporificações das Transmasculinidades tal como a revista reúne produções literárias, artísticas e científicas. É, portanto, uma obra que possibilita colocar em disputa os saberes das Transmasculinidades. É uma obra tão plural quanto os movimentos.

Outra obra que reforça essas vozes de resistência é “*Transmasculinidades Negras – Narrativas Plurais em Primeira Pessoa*”. Mobilizada por Bruno Santana,



Leonardo Peçanha e Vércio Gonçalves, a obra tem escritas de encruzilhadas que aprofundam e potencializam os debates sobre Transmasculinidades e negritude – Escrevivências de Transmasculinidades negras, vivas! Nessas páginas, suas vivências ganham corpo e voz a partir de diferentes expressões literárias.

Travessia¹²

Às vezes esqueço até de cantar
Esquecendo junto o poder de mudar
Se mantenha em você
Momento de se resguardar
Mas se quiser pode transbordar
Sinta o copo esvaziar
Só olhar pro problema
Saudades sinto das batalhas de tema
Largo São Bento em plena segunda-feira
Descendo o soco na ansiedade dando rasteira
Sigo e não estou de bobeira
Disposto à mudança a semana inteira
Tentando escrever em linhas ligeira
Ligeiro eu tô então se endireita
Demétrio presente no legado não pode deita
Esse é o poder da pussy trans masculina
Nas rad e nas feminista cegando a retina
Respeita essa afro estima nas rimas
Eu mesmo me ponho para cima
Fique de olho em quem tanto de elogio
Me passar para trás bem que gostaria
Por isso nem posso deixar de cantar
Quem guia escuta meu canto e guarda o caminhar
Vamos então se mentalizar
Que nessa não dá pra paralisar
Energias pesadas não possam cegar
Desperto agradeço e vou conquistar
Sem pilantragem, tem que lutar
No asê, na malandragem, eu sei me esquivar
São tempos difíceis, Eparrei Oyá Pra quem não entendeu, essa é a travessia.

(All Ice, 2021, p. 145)

Nessa travessia, All Ice nos convida em suas linhas a refletir sobre caminhos. Travessia exige movimento, caminhos nos quais, por vezes, há inúmeros obstáculos. No entanto, All Ice (2021) nos lembra também que se render não é uma opção. Não podemos nos paralisar porque, em tempos difíceis

¹² Transmasculinidades Negras – Narrativas Plurais em Primeira Pessoa (2021, p. 145).

nos quais vivemos agora, é preciso continuar a jornada de cabeça erguida e seguir lutando.

Os movimentos evidenciados neste capítulo de escrituras compostas pelas Transartes e Transpoesias também não seriam travessias? Essas escrituras também percorrem caminhos, atravessamentos para a (re)construção de memórias coletivas, em uma jornada que não se inicia nem se encerra nessas produções, mas se fortalece, risca e desenha novos contornos para contribuir a uma maior visibilidade à produção Transmasculina.

3.2 “A arte é meu casulo”: A Transarte de Saul

Figura 22 – Risco de Saul



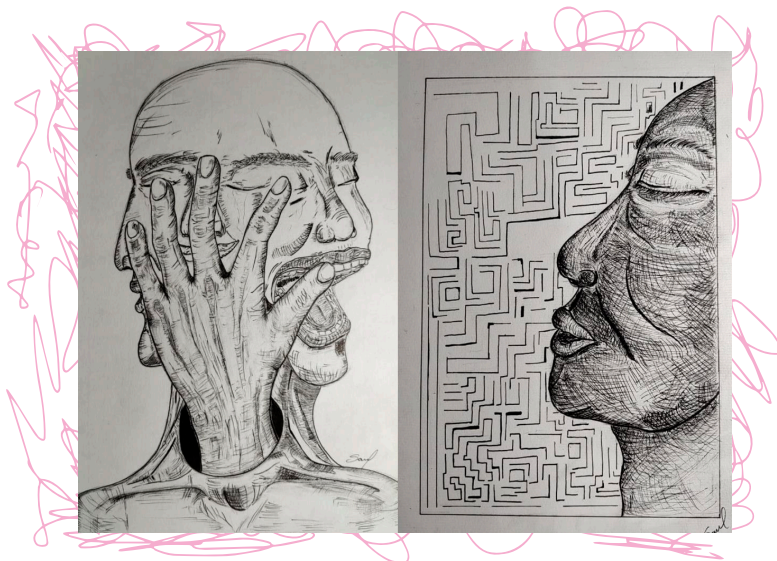
Fonte: Foto cedida pelo artista - acervo pessoal

A capa deste trabalho é uma Transarte desenvolvida por Saul. Trans homem, nascido em Aracaju. Tem 31 anos, libriano, candomblecista e filho de Ogum. Publica seus trabalhos na página do Instagram @saulf_k.

Renomeei a arte como Re-novação. Um novo título para uma nova fase, sua e minha!

Releitura da arte e também do artista, mas agora esse que vos fala, vivendo com a alma em cura. Alma que transborda cores, alma que se renova. Fala de Saul: "Eu sou o meu sonho realizado. Sou o corte cicatrizado, fechado com um pedaço de vidro dentro que por vezes ainda me dói. Eu sou o homem com a essência de um menino que foi transbordado e ensinado a não desistir, eu sou a luta incansável de ser eu, sou a busca contínua pela liberdade de me ser. Sou um cara amoroso, gentil e, na maior parte do tempo, tento ser o mais leve possível. Sou o equilíbrio de todos os sentimentos conhecidos e desconhecidos que habitam em mim. Estou sempre em busca da compreensão dos meus pensamentos. E, por mais que essa busca às vezes me deixe mais perdido, me permito continuar pois sei que encontrarei algo dentro de mim que trará a paz que preciso. Queremos plantar e poder colher; queremos renascer junto com o sol; queremos ser, sentir e viver quem somos, atravessados por nossos afetos e amores; ser travessia de bons sentimentos e boas memórias; sentir o vento, o sol, a natureza; respirar com tranquilidade; viver a infinitude do nosso céu. Queremos viver a paz que somos, mas que nos é tirada todos os dias por rostos desconhecidos, atravessados por dores que não nos pertencem".

Figura 23 – Transarte Saul



Fonte: Acervo pessoal do autor



3.3 “Esquecido poeta morto”: manifestações sobre o capítulo

Esquecido poeta morto

Todos vão esquecer que um dia
eu existi
nem meus vastos prantos vão
sobreviver, versos com poeira de
minha razão
são lembranças de um poeta
solidão.

E meu nome negro será terra
ressecada como a colheita que
morreu sem dar o fruto e na
distância do azul vou ser
imagem
e embaçado pelas nuvens serei
um luto. Quando olhar para baixo
e avistar

Homens sozinhos correndo
seu penar farei um poema que
esqueceu d ser lembrado
ao homem vivo, hoje porém
crucificado.


Quando na chuva puder vir a
flor brotar saiba que nela
estarei a navegar
lavando a terra, desfazendo a
crosta antiga

dando outra chance ao ser
humano em terra lisa.

E se nos céus ver nuvens
negras durante o dia é que de
tanto não ser ouvido, adormeci
é que de tanto lhe alertar antes
do erro

me fiz penumbra, pois outra vez
me iludi.

Mas qualquer dia, também
sozinho a mim virá Um homem
cego procurando um ninho eterno
e encontrará seu leito pronto em



nuvem negra
verá que a morte é o sono lento
após o inferno.
E dos meus poemas
empoeirados, serei luz a todo
homem que esqueceu de me
lembrar, serei figura, imagem
oculta, já a reinar nos céus
sozinho, depois de tanto aqui
chorar.

UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO SUA EXISTÊNCIA FOR RECORDADA.

Risco de Anderson Herzer, 1982, p. 161

Não nos esqueceremos de Herzer, João W. Nery, Jordhan e de todos os citados neste trabalho. São homens, Transmasculinos, que escrevem, produzem arte, conhecimento a partir de suas vivências, da ótica de sua identidade, que tomam de assalto as normativas de gênero e refazem suas maneiras de (re) existir. São corpos diagnosticados patologicamente que celebram suas existências com contornos e rimas que não só falam sobre Transgeneridade, mas também vivem experiências de amor, saudade, sensibilidade, velhice, desejo. Afinal, não falamos só sobre lutar contra a cisheteronorma, pois a escrita e a arte Transmasculinas são celebrativas, ancestrais.

Como nos trouxe Moira (2018), o que nos dizem a literatura e arte mobilizadas por pessoas transmasculinas? Dizem muito. E talvez eu não consiga responder a essa questão totalmente, mas há nos desenhos e nas escritas uma renúncia à ciência/biologia/medicina, à definição de seu gênero de acordo com a lógica cisnormativa, que estabelece o genital e os marcadores corporais como essenciais e que marcam não só o gênero como o destino dos corpos. A Transarte e Tranpoesia nos convidam a pensar isso, a pensar essa relação de corpo, existência e destino.

Existem também, nessas produções, potencialidades que partem do vivido, do real, da pulsação da vida. A multiplicidade de experiências que rompem com ideia da universalização da existência Transmasculina. Múltipla, diversa e ao mesmo tempo potente em suas singularidades, a Transmasculinidade é o denominador comum, sendo forjadas nas pluralidades, nas diferenças (raça, sexualidade, religião, território, geração, classe, entre outras) as escrevivências das Transmasculinidades.

Agora, eu deixo um convite a você, que chegou até aqui e fez esse breve passeio comigo por essas escrevivências: conheça, leia, referencie essas produções e, de alguma maneira, ajudem-me a compor essa resposta sobre o que nos dizem a literatura e arte Transmasculinas.



POR ENQUANTO É ISSO

Fazer pesquisa é disputar. Disputar, aqui, neste trabalho, significa efetivar que as produções das Transmasculinidades sejam visibilizadas, discutidas. Como fazer uma pesquisa que tencione outros fazeres em educação a partir da produção artística das Transmasculinidades? Não tenho uma resposta objetiva para essa questão, mas, ao longo do texto, escrevo aliado nos fazeres artísticos e acadêmicos das Transmasculinidades para propor algumas pistas, fugas, saídas e dar o truque.


Escrever. Riscar. Reescrever. Mapear.

Ao ser provocado pelas minhas vivências na universidade, fui chamado mentalmente para olhar a minha prática cotidiana para aquilo que me cerca. Alguns caminhos delinearão zonas de desconfortos; outros me possibilitaram conhecer e pensar o movimento artístico das Transmasculinidades. Esse exercício de olhar para aquilo que me cerca me fez encontrar na escrevivência, proposta por Evaristo (2007), uma senha de acesso a diversos mundos, inclusive ao meu.

Por isso, o diálogo com as escrevivências de Conceição Evaristo é fio condutor desta pesquisa, pois me conectou com diversas pessoas Transmasculinas que constroem conhecimento ao falarem de si, de seus ativismos e agenciamentos, seja através das literaturas e artes visuais ou das músicas etc. Assim, Segundo Felisberto (2020) escrevivência permite a construção de novas latitudes teóricas, de uma fuga para que outros gêneros de escrita – e de não escrita – alcancem os lugares ocupados por textos acadêmicos. (FELISBERTO, 2020).

Os riscos são pistas que nos levam a desvendar os mapas das brechas que cada história nos apresenta. Trazer uma pesquisa atravessada por uma epistemologia Transmasculina, e que propõe, em alguns momentos, a ideia de *escritas Transmasculinas*, é um risco. Afinal essa é uma escrita que subverte hegemonias para evidenciar outras maneiras de fazer conhecimento. Quando arquitetamos suas escrevivências a partir de fazeres artísticos, poéticos e acadêmicos, compomos essa *escrita Transmasculina*. Isso é um arranjo que articula manifestações de escrita/arte/voz, que conta de si, da vivência, da resistência, da memória da sua Transmasculinidade e de outras, fazendo com que essas novas produções sejam textuais e parafraseando Felisberto (2020, p.173) sejam também e sensoriais, pois têm som, têm cheiro, têm paladar, têm aconchego. Têm, contudo, dor. E descorticar a dor é também ressignificar e fazer as pazes com o presente.

Três riscos – Lourival, Bruno Santana e *escritas Transmasculinas* – mobilizam além do risco, uma possibilidade de reescrita. São reescritas a partir de outras maneiras de se colocar nesse mundo, de vivê-lo; são sujeitos que sobrevivem às muitas tentativas de aniquilamentos e discriminações cotidianas, mas que se entrecruzam também produzindo tecnologias de sobrevivência e, mesmo diante dos cenários de silenciamentos, (re)fazem práticas e novas gramáticas de vida (Vieira, 2019).



~~Passabilidade. Enganação. Exotificação. Deslegitimação. Homem de verdade. Quer licença para ser homem.~~

Assim, o primeiro capítulo foi um grande risco à ~~deslegitimação~~ das existências Transmasculinas. Não! Não estamos ~~passando, enganando~~; não somos homens de mentira. Somos homens e ponto. Não somos objeto ou personagem para os espetáculos midiáticos e muito menos ~~farsantes~~ vestidos de homem. Não existe apenas uma maneira de ser homem, nem apenas uma maneira de ser homem Trans*: há uma multiplicidade de possibilidades. *Hackear* o sistema significa jogar com o aparato tecnológico a nosso favor para construir aquilo que somos. *Hackear* as lógicas de ser homem é também uma maneira de pôr em xeque as normas que essencializam o gênero determinado pelo genital.

Os hiatos, as pausas de um risco para o outro, de um capítulo para o outro constituem novos mapas e novas fronteiras uma vez que apontam os meus limites de escrita, os quais já foram comentados aqui. Apesar disso, em meio às travessias, encontramos pessoas e é também de encontros que tratam o segundo risco e o segundo capítulo.

O meu primeiro encontro foi com Bruno Santana, com seus escritos, sua fala, seu Transativismo, e com sua Transpoesia, que atravessa, rasga e preenche ao mesmo tempo.

Depois me encontrei com Dayanna e Alfrancio para compormos um texto cujo objetivo é fazer uma análise da escrevivência Trans-parto, de Bruno Santana (2021).

O próximo risco foi *escritas Transmasculinas* que constrói uma ponte para os diálogos com o capítulo três. O terceiro risco e capítulo são movimentos que provêm dos mapeamentos feitos ao longo do processo de pesquisa: as escrevivências são as rotas de fuga. As poesias, as artes visuais, as músicas e os contos são escrevivências pois não só narram experiências de si, mas também trazem memórias, ancestralidades e, como apontou Conceição Evaristo, servem para incomodar o sonho dos justos. Ao convocar outras narrativas negras, ela também provoca outras escrevivências e, como consequência, outros mapas e novas gramáticas para produzir conhecimentos distintos.

O movimento epistemológico das Transmasculinidades nasce também dessas produções. Refletir sobre as Transartes e Transpoesias Transmasculinas e os acirramentos produzidos a partir dessas produções é também reconhecer a força epistemológica presente nessas obras. Anderson, João, Jordhan e Leonardo são pessoas Transmasculinas pioneiras, que se autoneciam e assinam seus nomes na história. São nomes e vozes que, por mais que a cisheteronormatividade insista em silenciar, continuam ecoando suas lutas e resistências através de uma nova geração. Essa geração (re)escreve e (re)constrói o conhecimento através das Transartes e Transpoesias e adentra os espaços acadêmicos para também disputar conhecimento. Para meu até breve, gostaria de deixar os mapas que construí ao longo desse meu processo de mestrado.



CAPÍTULO 4

Mapas de pesquisas

Rotas. Caminhos. Pontes. Trilhas. Percursos. Fugas.
Trânsitos. Itinerários. Mapas

Eu gosto de cadernos, ir anotando ideias soltas e de alguma maneira sistematizando as coisas que vou aprendendo (eu sempre fiz isso, acho que comecei para aprender melhor as disciplinas de história e ciências na escola). Pois então, poluando minhas anotações prebi que fui registrando as referências de textos e livros de autores transmasculinos. Sem uma intenção prévia acabei construindo mapas mentais, para consultar quando precisasse. Não sei em que momento eu iniciei isso, e acho que vou continuar alimentando meus mapinhas. Eis que quero dividir com você que está lendo.

Obs → Não é meu propósito construir um mapeamento geral de todas as publicações desses autores, as páginas a seguir são só o resultado do meu amontoado de notas e registros. Uma outra observação importante é que não existe uma construção linear desses achados, e aqui eu não obedeço às regras da ABNT. hahaha.

Mapas da produção Transmasculina //

Livros autobiográficos

- ⇒ A queda para o alto, 1978
Anderson Herzog
- ⇒ Erro de pessoa, quem sou eu então?, 1984
João W. Nery
- ⇒ Viagem Solitária - Memórias de um Transsexual 30 anos depois, 2017
João W. Nery
- ⇒ Eu trans - A vida da bolsa, relatos de um transsexual, 2017
Yordhan Lessa (Mãe Lessa)
- ⇒ A vida de um transgênero, 2018
Têh Queiroz

Mapas da produção Transmaculima //



Contos/Conto

⇒ *Garotos de ermitério*, 2020
Aiden Thomas

⇒ *O melhor de seu jeito*, 2021
Lucas M.T.

(Este conto está no livro, *Investigos das Sombras*)

História em quadrinhos

⇒ *Monstruos: Experimentando
Heteromônios*, 2021
Lino Arruda

⇒ *Um homem para chamar de meu*, 2020
Lino Arruda
(Coleção: Todos os gêneros; mostra de arte e diversidade)

⇒ *Cisneria: O pior dos dois mundos*, 2022
Lino Arruda

Mapas da produção Transmasculina //

Livros de transpeleiras Transmasculinas

- ⇒ Amor de vagarinho, 2018
Bruno Santana
- ⇒ Sal a gosto, 2018
Esteban Rodrigues
- ⇒ Generalidades ou Parabarinho
hoque Erre!, 2020
ryomaka
- ⇒ Com mãos atadas e como
quem pisa em ovos, 2021
Esteban Rodrigues

Mapas da produção Transmasculina //

Livros

⇒ Transmasculinidades Negras
Narrativas plurais em primeira pessoa, 2021
Bruno Santana, Leonardo Rezanka, Sérgio Gonçalves

⇒ Corpos Transitórios
Narrativas transmasculinas, 2022
Bruno Peil, Nicolas Pustilniek, Nathan Victoriano

⇒ No camdomblé, quem é homem e quem não é?, 2019
Kaió Lemus

⇒ Corpos Transformacionais, 2021
Ian Guimarães Saabli

⇒ Um apartamento em Arane
Crônicas da travessia

Teste junkie: sexo, drogas e biopolítica
na era farmacopornográfica

Manifesto Contrasssexual
Práticas subversivas de identidade
sexual

Paul B. Puerado

Mapas da produção Transmasculina X

Textos / dissertações / teses

⇒ "Somos quem podemos ser!" os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (dis) patologização da transexualidade, 2015 (dissertação)

"A educação é uma catapulta para a liberdade": passe e permanência de homens trans em instituições de ensino superior, 2020, (tese)

André Lucas Quevedo Oliveira

⇒ A escola como espaço regulador das normas de gênero e sexualidade
Notas de um professor trans, 2023
Caio Maliszewski Escante

⇒ Marcas sobre o mundo: nomeações em Anderson Cruz e João W. Nery, 2022
Caio Yadi Puxo Cardoso Gouveia Costa
(dissertação)

⇒ Movimentos formativos contra-hegemônicos na faculdade de educação da UFBA:
Primavera nos olhos, 2020
Tito Lóiola Carnalhal (dissertação)

* Continuação //

⇒ 'Homens trans': novos matizes na aque-
rela das masculinidades?, 2012
Guilherme Almeida

⇒ Os desafios das transmasculinidades
no ambiente educacional: violências e
interseções. 2021
Benjamin de Almeida Neves
Leonardo Moryan Britto Peçanha

⇒ Hospitalidade transmasculina e enlu-
cramento vidos de conversações na/sem a
saúde e educação. 2020
Benjamin de Almeida Neves

⇒ Um breve ensaio sobre a masculinidade
hegemônica, 2019
Shay de los Santos Rodriguez

⇒ Monstrans: figurações (in)humanas na
autoapresentação travesti/trans* sulista, 2020
Lino Ahues Arruda (tese)

⇒ Não era de esperar? Cisgeneridade, inter-
seccionalidade e medicalização
Tito Leisola Carvalho

* Continuação //

⇒ *Habitando as margens: a patologização das identidades trans e seus efeitos no Brasil a partir do caso Nélio da Silva (1949-1959)*, 2020

O corpo como arquivo - tensionando questões sobre história e memória trans, 2020

Yuno Nedel

⇒ *Desemprego na cidade de São Paulo: o que tem sido feito? Translidadomia como uma política pública de fomento à empregabilidade e renda*, 2017

Guilherme Calixto Sienti de Matos

⇒ *Pensando Transmasculinidades Negras*

Educação física e transgenoridade: novos olhares e perspectivas sobre diversidades corporais e identidades de gênero.

Bruno Silva de Santana

* Continuação =

⇒ Ensaio sobre narrativa transmasculina negra: a história do site "Negros Blogueiros!"
(dossiê vezes da liberdade: memórias de uma magnitude LGBTQ+) 2021

Reflexões sobre violências nas aulas de educação física em escolas estaduais do Rio de Janeiro: o caso de duas escolas da rede FAETEC, 2013

Leonardo Morjan Britto Peçanha

⇒ jornal da existência: conjurando territórios zênticos em tempos de gym de mundo, 2022
(mestrado)

Carú-yngymagynável - de paula reabra

⇒ Se eu comprei, então é meu: corpos do estolismo e do prazer sexual para além da heteronormatividade, 2018

Shay Rodrigues

REFERÊNCIAS

A NOITE. Rio de Janeiro, ano XXV, n. 8.643, 1936.

A NOITE. Rio de Janeiro, ano XXV, n. 8.728, 1935.

ANTUNES, Lena. Porque não reconhecer Lourival Bezerra como homem trans é falha institucional - Agência Patrícia Galvão. **Huffpost**, 2019. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/lgbt/por-que-nao-reconhecer-lourival-bezerracom-homem-trans-e-falha-institucional/>. Acesso em: 4 abr. 2022.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revistas Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 5 maio 2022.

ARRUDA, Lino Alves. **Monstrans:** figurações (in)humanas na autorrepresentação travesti/trans* sudaca. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em literatura, Florianópolis, 2020.

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades:** a emergência de novas identidades políticas e sociais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BANKE, Luck Yemonja; TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa. Transmasculinidades no Brasil: memórias de um movimento da invisibilidade à luta. *In:* PFEIL, Bruno; LEMOS, Kaio. **A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil:** das invisibilidades às demandas. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos, 2021. p. 19-35.

BARBIERE, Ollie. La Madona Transvestigenera. *In:* PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos Transitórios:** Narrativas Transmasculinas. Salvador: Diálogos, 2021. p. 36.

BARBOSA, Simonny Santos. Espetacularização midiática da política. **Revista Panorama - Revista de Comunicação Social**, Goiânia, Brasil, v. 1, n. 1, p. 63-67, 2011.

BRASIL, Bruno. **À Noite:** Rio de Janeiro 1911, 2014. Artigo arquivado em Hemeroteca. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>. Acesso em: 3 ago. 2022.

BORGES, Rosane. Escrivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. *In:* DUARTE, Constância LIMA; Nunes, Isabella Rosado. (org.). **Escrivência:** a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 182-205.

CÂNDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema.** São Paulo: Humanitas publicações, 1988.

CARVAHAL, Tito Loiola. E agora... O que te faz homem? *In:* Grupo Transescritas Coletivas. **Nós Trans:** escrituras de resistência. São Paulo: Editora LiteraTrans, 2017.

CARVAHAL, Tito Loiola. Movimentos formativos contra-hegemônicos na faculdade de educação da UFBA: primavera nos dentes. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.>



ufba.br/handle/ri/32377. Acesso em: 10 mar. 2022.

CHARTIER, Roger. **La correspondance**: les usages de la lettre au XIX siècle. Paris: Fayard, 1991.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: Editora da EDUFU, 2011.

CONNEL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 12.328, 1935.

COSTA, Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia. **Marcas sobre o mundo**: nomeações em Anderson Herzer e João W. Nery. 2022. Tese (Dissertação de Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Alfrancio Ferreira. Escrivência trans* como potência. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 59, p. 329-344, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7046>. Acesso em: 14 mar. 2023.

DIAS, Alfrancio Ferreira. Como as escolas educam corpos nas práticas pedagógicas? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 8, n. 12, p. 103-112, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2958>. Acesso em: 5 maio 2022.

DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro, ano VII, n. 2.281, 7 março 1935.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, ano VI, n. 2.493, 2a Seção, 1935.

DOMINGUES, Luis Mahin; RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Homens trans envelhecem? Diálogos entre transmasculinidades e envelhecimento. *In*: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas (org.). **Corpos Transitórios**: Narrativas Transmasculinas. Salvador: Diálogos, 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.


EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: Alexandre, Marcos A. (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005. p. 219-229.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (org.). **Escrivência a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 164-181.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GALINDO, Dolores. Piratarias de gênero para corpos precários: contaminações entre políticas queer e copyleft. In: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Anais [...]. Salvador, 2009. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2009/19637-2.pdf>. Acesso em: 15 março 2022.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Silva, Tomaz Tadeu. (org.) **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 1994. p. 33-117.

HERZER, Anderson. **A queda para o alto**. São Paulo: Vozes, 1982.

hooks, bell. **Talking Back**: Thinking Feminist, Talking Black. Boston: South End Press, 1989.

ICE, All. Travessia. In: SANTANA, Bruno Silva; PEÇANHA, Leonardo Morjan. Britto; GONÇALVES, Vércio Gonçalves (org.). **Transmasculinidades negras**: narrativas plurais em primeira pessoa. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021. p. 35-37.

JADE, Caio. Ode (o) à masculinidade. **Revista Transviades**, v. 1, n. 1, p. 38, 2020.

IAZZETI, Brume dezembro. **Existe 'universidade' em ajubá?**: transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans*. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2021.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 90-113.

KILOMBA, Grada. A máscara. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 171-180, 2016.

KILOMBA, G. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.


KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, p. 103-117, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz>. Acesso em: 6 fev. 2022.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

LANZ, L. Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 5, p. 205-220, 2016. DOI: 10.9771/peri.v1i5.17188. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17188>. Acesso em: 14 mar. 2024.

LESSA, Jordhan. **Eu Trans**: a alça da bolsa, relatos de um transexual. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.

LINS, Maria. Emília Silva. **"Cara professora"**: as práticas de escrita de um grupo de docentes. 2004. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.



LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação**. [S. l.]: Associação de Línguas Modernas, painel Lésbicas e literatura, 1977.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Alisson; DIAS, Marlon Santa Maria. A última morte de Lourival: a cisgeneridade como metanarrativa sobre os corpos no jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 18, n. 1, 2021.

MEYER, Dagmar Elisabeth Esterman. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. *In*: MEYER, Dagmar Elisabeth Esterman; PARAÍSO, Marlucy. (org.). **Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 47-62.

MOIRA, Amara. Monstruoso corpo de delito: personagens transexuais na literatura brasileira. **Suplemento Pernambuco**, 2018.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? **Médium**, Rio de Janeiro, 6 jan. 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORANDO, Luiz. Olhares excêntricos: Imprensa Brasileira e Transgeneridade (1930-1939). *In*: MAIOR, Paulo Souto; SILVA, Fábio Ronaldo. **Páginas de Transgressão: A imprensa gay no Brasil**. Uberlândia: o sexo da palavra, 2021. p. 269-292.

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuirlombismo literário**: poesia negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NEDEL, Juno. O corpo como arquivo: tensionando questões sobre história e memória trans. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis**, v. esp., n. 1, p. 16-41, 2020.

NERY, João W. **Erro de pessoa**: Joana ou João? Rio de Janeiro: Record, 1984.

NERY, João W. **Viagem Solitária**: Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Leya, 2011.


NERY, João W. Transmasculinos: invisibilidade e luta. *In*: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 393-404.

NERY, João W. **Velhice Transviada**: Memórias e reflexões. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

QUEIROZ, Téhh. **A vida de um transgênero**. Maringá: Viseu, 2018.

PARKER, Richard; CAMARGO JÚNIOR, Kenneth Rochel. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, n. 1, p. 89-102, 2000.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ensaio sobre narrativa transmasculina negra: a história do site Negros Blogueiros. **Revista África e Africanidades**, v. 14, n. 40, p. 23-26, 2021.



PEREIRA, Alexandre Barbosa. Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, p. 149-176, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/W9zgrV5qYHM5qgYqSbWZZLf>. Acesso em: 4 maio 2022.

PFEIL, Bruno; LEMOS, Kaio. **A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil**: das invisibilidades às demandas. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos, 2021.

PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos Transitórios**: Narrativas Transmasculinas. Salvador: Diálogos, 2021.

PFEIL, Bruno Latini. PFEIL, Cello Latini. Da sombra da cisgeneridade a subjetivações transmasculinas. In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. (org.). **Corpos Transitórios**: Narrativas Transmasculinas. Salvador: Diálogos, 2021. p.157-175.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano**: crônicas de travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**: Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo; ROCHA, Rita Martins Godoy. O jogo do nome nas subjetividades travestis. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 254-61, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/qCDFcPpW4y7cf9CchdLhcyk>. Acesso em: 4 fev. 2022.

REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES. **Em defesa da autoderminação**: resistência transmasculina. v. 2. n. 4, 2021.

REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES. **A construção política de corpos transviades**: redesenhando masculinidades. v. 1, n. 1, 2020.


RODRIGUES, Esteban. **Sal a gosto**. Brasília: Padê, 2018.

SANTANA, Bruno Silva. Educação física e transgeneridade: novos olhares e perspectivas sobre diversidades corporais e identidades de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 5., Salvador, 2017. **Anais [...]**. Salvador: Enlaçando Sexualidades, 2017.

SANTANA, Bruno Silva. **Amar Devagarinho...** Brasília: Padê editorial, 2018.

SANTANA, Bruno Silva. Pensando *Transmasculinidades* Negras. In: RESTIER, Henrique; Souza, Rolf Malungo. (org.). Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019. p. 95-104.

SANTANA, Bruno Silva. Trans-parto. In: SANTANA, Bruno Silva; PEÇANHA, Leonardo Morjan. Britto; GONÇALVES, Vércio Gonçalves (org.). **Transmasculinidades negras**: narrativas plurais em primeira pessoa. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2021. p. 35-37.



SANTANA, Bruno Silva; PEÇANHA, Leonardo Morjan. Britto; GONÇALVES, Vécio Gonçalves. **ransmasculinidades negras**: narrativas plurais em primeira pessoa. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2021.

SANTOS, Israel Souza; MACHADO, Adriana Bittencourt. Corpovoz: ativismo dissidente como estratégia de (r)existência em dança. *In*: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6., 2. ed., Salvador, 2021. **Anais [...]**. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 1339- 1352.

SANTOS, Dayanna Louise Leandro dos; SANTOS, Thomas Cardoso Bastos.; DIAS, Alfrancio Ferreira. Entre encruzilhadas e trincheiras: uma análise da escrevivência transmasculina a partir do poema “Trans-parto”. **Práxis Educacional, Vitória da Conquista**, v. 18, n. 49, e10896, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/10896>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SANTOS, Alexandre Peixe dos; MORELLI, Fábio. “Homens do futuro”: o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe. *In*: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 405-419.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, p. 46-70, 2010.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEDESCO, Caio de Souza. Das masculinidades que transgridem: João Walter Nery e a ruptura do significado de “ser homem” no Brasil. *In*: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. (org). **Corpos Transitórios: Narrativas Transmasculinas**. Salvador: Diálogos, 2021. p. 113-133.

TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa. Demanda de uma identidade de gênero brasileira: PLC Nº5.002/2013- Lei João W. Nery. *In*: JESUS, Dánie Marcelo de; CARBONIERE, Divanize; NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva. (org.). **Estudos sobre gênero: identidades, discursos e educação – Homenagem a João W. Nery**. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 91-105.

TICIANELI, Edberto. Alagoas na revolução de 30. **Histórias de Alagoas**, 29 jun. 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/alagoas-na-revolucao-de-30.html>. Acesso em: 12 jun. 2023 .

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VIEIRA, Helena. Notas (im)possíveis para um futuro insistente. *In*: BISPO, Tainã (Org.). **Ninguém solta a mão de ninguém**: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades. São Paulo: Claraboia, 2019.

ZAMBONI, Jupi77er Pimentel. **Escrevivência não binária**. [S.l.: s.n.], 2021.



A Risco_a Dizer (...)

Eis um convite audacioso e ar(riscado): pontilhar rasgos de memórias transmasculinas aparentemente perdidas na temporalidade das laudas oficiais. Para quem busca encontrar neste livro um calhamaço de páginas manchadas de vermelho sangue com dados subnotificados, se surpreenderá com uma escrita forjada na aliança entre o “corpo que pesquisa” com o “corpus de pesquisa”, reafirmando a importância de propagar histórias que soprem para outros rumos, rasurando verdades tidas como absolutas.

Tomando como ponto de partida a experiência de um corpo transmasculino prestes a ingressar no mestrado acadêmico em tempos pandêmicos, o texto subverte a dor e a insegurança ao reconhecer a potência de corpos insurgentes em espaços inóspitos. Como diria Conceição Evaristo, temos uma escrita feita por quem descobriu que não bastava apenas saber ler e assinar o nome: era preciso autorizar o texto da própria vida, bem como ajudar na construção da história dos seus.

No virar de cada página, acompanhamos a trajetória de um viajante que carrega seus sonhos numa malinha de mão, andarião solto a trilhar uma jornada coletiva que transmasculiniza, enegrece e populariza uma epistemologia que ainda carece de cores, cheiros e saberes populares.

Afinal, se os ditos espaços de saberes tem ensinado ao povo brasileiro que o corpo transvestigenero deve ser mantido longe de qualquer território que oferte dignidade, cidadania e afeto, contrariando os interesses da necropolítica, a transarte e a transpoesia ao apresentarem uma outra lógica de produção de conhecimento produzem rasgos em contratos tidos como inegociáveis.

Em cada traçado presente nesta obra, a experiência estética emerge enquanto vertente necessária na democratização de narrativas, se contrapondo ao puro racionalismo acadêmico.

Cores, contorno e métrica. Poesia, foto, matéria de jornal. O (des)arquivamento se faz possível através de microações políticas cotidianas, evocando vozes historicamente marginalizadas em diferentes tempo-espaco para o centro das discussões. Rasgar o verbo. Costurar linhas discursivas. Escavar ruínas de um corpo que, para o delírio fundamentalista, insiste em permanecer vivo produzir memória. Como experimento ético e criativo, o autor/ladrão das tecnologias de gênero nos convida a assinar decretos com papel composto por pele e tinta feita do nosso próprio sangue: é preciso piratear o sistema, implodir a lógica de ser a regra da exceção.

Arrisco dizer que os riscos produzidos neste livro também são linhas dispostas a compor o mapa das brechas, de modo a contribuir significativamente no campo das produções acadêmicas voltadas aos ativismos, reivindicando reparações históricas ao adotar perspectivas/epistemo(lógicas) transmasculinas.

A frágil fronteira entre sonho e poesia se torna cada vez mais tênue, instigando a criação de espaços democráticos capazes de acionar engrenagem que faz sonhar acordado quem nunca viu seu nome impresso em honrarias. Se há riscos no risco, que nunca nos falte coragem para rasurar inverdades (mal)ditas sobre nós, muito menos determinação para desbravar novas estradas, curar feridas abertas e saciar a fome coletiva de contar histórias a partir de outras lentes.

Dayanna Louise, 2024

THOMAS CARDOSO BASTOS SANTOS

RISCOS, MAPAS E TRAVESSIAS:

A TRANSARTE E A TRANSPoesIA COMO
POSSIBILIDADES PARA UMA OUTRA EDUCAÇÃO

